

# Arthur Conan Doyle



## O vale do terror

Título original: The Valley of Fear  
Publicado em The Strand Magazine, Londres, 1915-15.

Sobre o texto em português:  
Este texto digital reproduz a  
tradução de *The Valley of Fear* publicado em  
*As Aventuras de Sherlock Holmes*, Volume VI,  
editado pelo Círculo do Livro  
e com tradução de Lúcia Junqueiro.



The Strand Magazine,  
Setembro de 1914,  
com os dois primeiros capítulos da novela.

## SUMÁRIO

### Primeira Parte

#### *A Tragédia de Birlstone*

- Capítulo 1 - O aviso / 3
- Capítulo 2 - Sherlock Holmes discorre / 10
- Capítulo 3 - A Tragédia de Birlstone / 17
- Capítulo 4 - Trevas / 24
- Capítulo 5 - As personagens do drama / 33
- Capítulo 6 - Um réstia de luz / 44
- Capítulo 7 - A solução / 53

### Segunda Parte

#### *Os Vingadores*

- Capítulo 1 - O homem / 66
- Capítulo 2 - O grão-mestre / 73
- Capítulo 3 - Loja 341, Vermissa / 88
- Capítulo 4 - O vale do terror / 101
- Capítulo 5 - A hora mais negra / 110
- Capítulo 6 - Perigo / 119
- Capítulo 7 - Birdy Edwards na ratoeira / 127

#### Epílogo / 135

*Ilustração:* cortesia The Camden House  
*Transcrição:* [Mundo Sherlock](#)

## PRIMEIRA PARTE: A TRAGÉDIA DE BIRLSTONE

### Capítulo primeiro: O aviso

— Estou propenso a crer... — principiei.

— Já era tempo! — interrompeu Sherlock Holmes com ar impaciente.

Acredito ser o mais tolerante dos mortais; confesso, porém, que fiquei irritado com aquela interrupção sarcástica.

— Positivamente, Holmes — disse eu asperamente —, você às vezes é enervante.

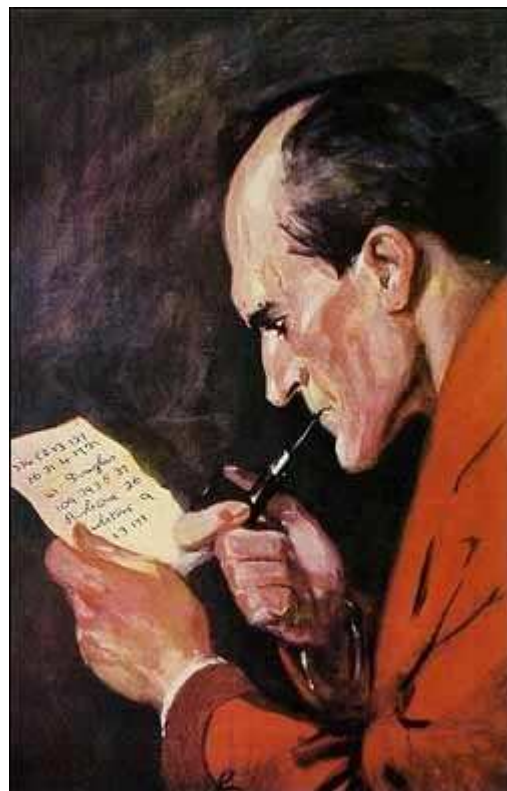
Ele, no entanto, estava por demais absorto nos seus próprios pensamentos para dar resposta imediata à minha observação. Com o queixo apoiado na palma da mão, diante da refeição matinal intata, mirava a tira de papel que acabara de extrair do envelope. Depois, pegando o próprio envelope, aproximou-o da luz e pôs-se a examiná-lo cuidadosamente de ambos os lados.

— A letra é de Porlock — disse com ar pensativo.  
— Posso quase afirmar que é a letra dele, apesar de a ter visto apenas duas vezes. O estilo grego do e, com o ornato peculiar em cima, é característico. Mas, se é de Porlock, deve tratar-se, então, de assunto deveras importante.

Falava mais consigo mesmo do que comigo; contudo, minha irritação desaparecera diante do interesse que as suas palavras haviam despertado em mim.

— Mas quem é Porlock? — perguntei.

— Porlock, Watson, é um nom de plume, um mero sinal de identificação, atrás do qual, no entanto, se esconde uma personalidade movediça e fugidia. Em carta anterior, ele declarou-me francamente que, de fato, seu nome não é Porlock, e desafiou-me a identificá-lo entre os milhões de habitantes desta imensa cidade. Porlock é importante, não por si mesmo, mas pelo homem notável com quem está em contato. Imagine o peixe-piloto com o tubarão, o chacal com o leão... algo de insignificante em companhia do que é formidável. Não somente formidável, Watson, mas sinistro... sinistro no mais alto grau. Aí está como ele entra na esfera das minhas atividades. Você já me ouviu falar do professor Moriarty?



— O célebre criminoso científico, tão famoso entre os delinqüentes como...

— Respeite a minha modéstia, Watson — implorou Holmes.

— Ia dizer "como desconhecido do público".

— Muito obrigado pela indireta! Você começa a cultivar certo tipo surpreendente de humorismo insulso, Watson, contra o qual preciso aprender a precaver-me. Mas você, ao chamar Moriarty de criminoso, profere um libelo aos olhos da lei, e é aí que reside a maravilha e o absurdo da história. O maior trapaceiro de todos os tempos, o organizador de tudo o que é diabólico, o cérebro controlador do mundo do crime... cérebro que podia ter realizado ou destruído o destino de nações inteiras. Eis o homem. Tão fora está ele, porém, da suspeita de todos... tão isento de crítica, tão admirável na sua habilidade e no apagar a recordação dos seus próprios feitos, que, apenas por essas palavras que você proferiu, ele seria capaz de levá-lo à barra do tribunal e de lá emergir com uma sentença, obrigando-o a pagar-lhe uma pensão por um ano, como compensação da sua dignidade ofendida. Não é ele o autor festejado de A dinâmica de um asteróide, obra que ascende a tais alturas da matemática pura que já se afirmou não haver na imprensa científica homem capaz de criticá-la? Será ele então uma pessoa que se possa desacreditar publicamente?

"Médico difamador e professor caluniado seriam os epítetos que caberiam respectivamente a vocês dois. Isso é gênio, Watson. Entretanto, se a arraia-miúda me poupar até então, tenho a certeza de que chegaremos a um ajuste final."

— Espero em Deus poder assistir a isso! — exclamei com devoção. — Mas você estava falando de Porlock.

— Ah!, sim...o suposto Porlock é um elo da corrente, colocado a alguma distância do ponto de engate. Cá entre nós, Porlock não é um elo perfeito e, até onde tenho podido verificar, é a única falha dessa cadeia.

— Mas nenhuma corrente é mais forte que o seu elo mais frágil.

— Exatamente, meu caro Watson. Daí o enorme valor de Porlock. Movido por certas aspirações elementares para o bem e animado pelo judicioso incentivo de uma nota de dez libras, que lhe é enviada ocasionalmente, através de meios esconsos, por uma ou duas vezes ele tem-me antecipado informações tão valiosas que, em vez de se consumir, o crime é previsto e impedido. Tenho certeza de que, se possuíssemos a chave deste criptograma, veríamos que ele contém uma comunicação desse tipo.

Holmes estendeu novamente o papel sobre o prato vazio. Levantei-me e, debruçando-me por cima do seu ombro, olhei, curioso, para a estranha inscrição, que era a seguinte:

534 C2 13 127 36 31 4 17 21 41

DOUGLAS 109 293 5 3 7 BIRLSTONE

26 BIRLSTONE 9 127 171

— O que é que deduz disso, Holmes?

— Evidentemente, trata-se de uma tentativa de transmitir uma informação secreta.

— Mas que valor tem uma mensagem cifrada sem a respectiva chave?

— Neste caso, absolutamente nenhum.

— Por que diz você "neste caso"?

— Porque existem muitos criptogramas que sou capaz de ler tão facilmente como leio as missivas de pessoas que se correspondem pela Seção de Classificados de certos jornais. Semelhantes passatempos entretêm o espírito sem fatigá-lo. Este, porém, é diferente. Trata-se, é evidente, de referência a palavras contidas em algum livro. Até que eu saiba qual a página e qual o livro, nada posso fazer.

— Mas por que "Douglas" e "Birlstone"?

— Naturalmente porque essas palavras não estão contidas na página em apreço.

— Então por que não indicou ele o livro?

— A sua perspicácia instintiva, caro Watson, aquela inata agudeza de espírito que faz a delícia dos seus amigos, impedi-lo-ia, com toda a certeza, de colocar a mensagem cifrada e a respectiva chave no mesmo envelope. Se elas rilssem nas mãos de outra pessoa, você estaria perdido. Da maneira como está, ambas têm de se extraviar antes que disso advenha qualquer dano. Já passa da hora da segunda visita do carteiro, e ficarei muito surpreso se ele não nos trouxer outra carta com uma explicação ou, o que é mais provável, o próprio volume ao qual estas cifras se referem.

A previsão de Holmes realizou-se em poucos minutos com o aparecimento de Billy, o criado, exatamente com a carta que esperávamos.

— A mesma caligrafia — observou Holmes, abrindo o envelope —, e desta vez assinada — acrescentou, exultante, ao desdobrar a carta. — Estamos fazendo progressos, Watson.

No entanto, ao passar os olhos pelo papel, seu semblante se anuviou.

— Ora! Isto é francamente desanimador! Receio, Watson, que todas as nossas esperanças se reduzam a nada. Parece-me que o nosso homem não nos será útil de modo algum.

"Caro sr. Holmes, diz ele, não quero continuar com este assunto. É muito perigoso. Ele desconfia de mim. Leio claramente a suspeita nos seus olhos. Aproximou-se de mim, inesperadamente, depois de eu ter endereçado este envelope com a intenção de lhe remeter a chave da mensagem cifrada. Apenas tive tempo de escondê-lo. Se ele o tivesse visto, eu teria ficado em maus lençóis, pois percebo-lhe a desconfiança no olhar. Por favor, queime o bilhete cifrado, que já não lhe será útil, agora. Fred Porlock."

Holmes deixou-se ficar sentado por alguns instantes, enrolando a carta entre os dedos e fitando o fogo com ar carrancudo.

— Afinal de contas — disse por fim —, talvez não passe de fantasia. É possível que ele esteja apenas sentindo a consciência culpada. Sabendo-se um traidor, pensou ver a acusação nos olhos do outro.

— O outro, creio eu, é o professor Moriarty?

— Em pessoa. Quando alguém daquele bando se refere a ele, já se sabe de quem se trata. Para toda aquela gente só existe um ele.

— Mas que pode ele fazer?

— Hum! Essa pergunta é muito difícil. Quando você tem contra si um dos maiores cérebros da Europa, apoiado por todas as forças do mal, as possibilidades são infinitas. De qualquer forma, é evidente que nosso amigo Porlock está assustadíssimo. Compare a letra do bilhete com a do envelope, endereçado, como ele próprio diz, antes da visita fatídica. Uma é clara e firme: a outra, quase ilegível.

— E por que escreveu? Por que não se limitou a ficar calado?

— Pela simples razão de temer que eu procurasse pedir-lhe informações sobre o caso e, provavelmente, o colocasse em má situação.

— Não há dúvida — disse eu, apanhando a mensagem cifrada e começando a examiná-la. — Verdadeiramente, é de perder o juízo pensar que um segredo importante pode ser ocultado nesta tira de papel e que transcende o poder humano desvendá-lo.

Sherlock Holmes tinha afastado de si a refeição matinal intata e acendera o malcheiroso cachimbo, companheiro das suas mais profundas meditações.

— Quem sabe? — exclamou, recostando-se na cadeira e olhando fixamente o teto. — É possível que existam pontos que tenham escapado à sua inteligência maquiavélica. Examinemos o problema à luz da razão pura. Este homem refere-se a um livro. É esse o nosso ponto de partida.

— Aliás, bastante vago.

— Vejamos, então, se podemos restringi-lo. À medida que concentro o pensamento nele, parece-me menos impenetrável. Que indicações temos a respeito do tal livro?

— Nenhuma.

— Ora, ora, positivamente a coisa não é assim tão feia. O criptograma começa com o número 534 escrito em algarismos grandes, não é? Podemos formular a hipótese de que 534 seja a página a que se refere a mensagem cifrada. Desse modo, o nosso livro torna-se um livro volumoso, o que certamente já é alguma coisa. Que outras indicações temos nós quanto à natureza desse livro volumoso? A cifra seguinte é C2. Como interpreta isso, Watson?

— Capítulo segundo, sem dúvida.

— Não creio, Watson. Estou certo de que concordará comigo em que, se a página está indicada, o número do capítulo torna-se inútil. E, por outro lado, se a página 534 ainda pertence ao segundo capítulo, o comprimento do primeiro deve ser realmente intolerável.

— Coluna! — exclamei.

— Magnífico, Watson! Você hoje está brilhante. Ou muito me engano, ou é coluna mesmo. Desse modo, então, principiamos a imaginar um livro volumoso, composto por colunas duplas de notável extensão, pois uma das palavras tem no documento o número 293. Teremos atingido os extremos que a razão permite?

— Receio que sim.

— Francamente, você é injusto consigo mesmo. Mais um lampejo de inteligência, Watson! Mais um esforço cerebral! Se a obra fosse pouco divulgada, ele a teria enviado. Em vez disso, antes de os seus planos malograrem, tencionara enviar-me a chave do enigma neste envelope, como diz o bilhete. Isso parece indicar que o livro é dos que ele supunha que eu não tivesse dificuldade em encontrar. Ele o tinha e imaginou que eu também o possuísse. Resumindo, Watson, trata-se de um livro muito comum.

— O que você diz parece, de fato, plausível.

— E assim, vemos reduzido o campo das nossas pesquisas a um livro muito volumoso, impresso em duas colunas e de uso comum.

— A Bíblia! — gritei, triunfante.

— É um bom palpite, Watson, mas, se me permite dizer, não muito bom ainda, pois eu dificilmente imaginaria livro com menor probabilidades de se encontrar à mão de qualquer dos sócios de Moriarty. Ademais, as edições das Escrituras Sagradas são tão numerosas que ele não poderia supor que dois exemplares tivessem a mesma paginação. Este é evidentemente um livro cujos exemplares são todos iguais. Ele devia estar certo de que a sua página 534 correspondia exatamente à minha página 534.

— Entretanto, muito poucos livros possuem essa característica.

— De acordo. E nisso está a nossa sorte. Nossa busca reduz-se a livros desse tipo, que qualquer pessoa pode ter.

— O Bradshaw!

— Não é provável, Watson. O vocabulário do Bradshaw, apesar de vivo e genuíno, é limitado. A seleção de vocábulos pouco se prestaria à redação de comunicados em geral. Eliminemos o Bradshaw. Acredito que o dicionário seja inadmissível pela mesma razão. Que nos resta, então?

— Um almanaque.

— Ótimo, Watson! Creio que desta vez acertou em cheio. Um almanaque! Examinemos as características do Whitaker's Almanack. É de uso comum, tem o número necessário de páginas e é impresso em duas colunas. Ainda que modesto, em princípio, no seu vocabulário, torna-se no fim, se não me falha a memória, bastante rico em termos expressivos — disse Holmes, pegando o volume de cima da sua escrivaninha. — Aqui está a página 534, segunda coluna, que apresenta um artigo substancial sobre o comércio e os recursos da Índia britânica. Tome nota das palavras, Watson. A décima terceira é marata. Receio que não seja um início muito auspicioso. A centésima vigésima sétima é governo, que, pelo menos, tem sentido, apesar de algo inconcludente, tanto para nós como para o professor Moriarty. Tentemos de novo. Que há de comum entre marata e governo? Ora essa! O que vem a seguir é cerdas de porco. Estamos perdidos, amigo Watson. Nada feito.

Apesar de falar em tom de gracejo, a agitação das suas vastas sobranceiras traía-lhe o desapontamento e a irritação que o dominavam. Pus-me a olhar para o fogo, perplexo e consternado. O nosso longo silêncio foi quebrado por uma súbita exclamação de Holmes, que, correndo para um armário, dele retornou brandindo um segundo volume, de capa amarela.

— É esta a consequência de estarmos demasiadamente em dia — gritou. — Recebemos o castigo da nossa precipitação. Como já estamos no dia 7 de janeiro, pusemos em uso o novo almanaque. É mais do que provável que Porlock tenha extraído a sua mensagem da edição anterior. Sem dúvida, ele nos teria avisado disso, se nos tivesse dado a explicação. Agora, vejamos o que nos reserva a página 534. O número 13 é Ha, o que é muito mais promissor. O número 127 é perigo. Há perigo... — Os olhos de Holmes brilhavam de excitação, e os dedos finos e nervosos tremiam-lhe à medida que ele contava as palavras, — Ah! Ah! Ótimo! Vá escrevendo, Watson: Há perigo — que — ameaça — em — breve — um — certo... Em seguida temos a palavra Douglas — rico — fazendeiro — atualmente — em — Birlstone — Mansão — Birlstone — convicção — é — urgente. Aqui está, Watson! Que pensa você da razão pura e dos seus resultados? Se o fazendeiro tivesse uma coroa de louros, mandaria Billy buscá-la.



Eu olhava para a estranha mensagem, que havia rabiscado numa folha de bloco, sobre o joelho, enquanto a decifrava.

— Que maneira extravagante e confusa de se expressar! — comentei.

— Pelo contrário, ele se saiu admiravelmente bem — retrucou Holmes. — Quando se procuram, numa única coluna, palavras para exprimir o que se deseja, dificilmente se pode encontrar aí tudo o que se quer. Quem escreve é obrigado a deixar algo à perspicácia do seu correspondente. O sentido é perfeitamente claro. Está sendo tramado



um plano diabólico contra certo Douglas, seja quem for, residente em Birlstone. Ele está convencido... "convicção" foi a palavra mais próxima de "convencido que ele pôde encontrar... de que é urgente. Eis o nosso resultado... um hábil esforçozinho de análise.

Holmes deixava transparecer a alegria impessoal do verdadeiro artista diante de sua melhor obra, mesmo quando se lamentava amargamente pelo fato de ela não ter atingido o alto nível a que havia aspirado. Ainda ria baixinho, satisfeito com o seu êxito, quando Billy, abrindo a porta, introduziu na sala o inspetor MacDonald, da Scotland Yard.

Estávamos nos primeiros dias do ano de 1889, época em que Alec MacDonald estava longe de ter obtido o renome nacional que hoje possui. Apesar de jovem, era funcionário de confiança da força policial, e já se havia distinguido em diversos casos que lhe tinham sido entregues. Sua compleição atlética e ossuda denunciava excepcional força física, ao passo que o crânio amplo e os olhos profundos e brilhantes falavam, não menos eloqüentemente, da aguda inteligência que cintilava por trás das grossas sobrancelhas. Era um homem silencioso e preciso, inflexível por natureza e com forte sotaque escocês. Já por duas vezes, durante a sua carreira, Holmes o ajudara a obter êxito, tendo como única recompensa o prazer intelectual de ter resolvido um problema. Por essa razão, o escocês tributava ao seu colega amador uma afeição e um respeito profundos, que demonstrava na franqueza com que consultava Holmes em todas as suas dificuldades. A mediocridade nada enxerga além dos seus confins, mas o talento reconhece imediatamente o gênio, e MacDonald era bastante sagaz na sua profissão para perceber que não havia desdouro algum em procurar o auxílio de quem já se sobressaía como único na Europa, tanto pelos dotes mentais como pela experiência. Holmes não era propenso à amizade, contudo mostrava certa simpatia para com o corpulento escocês, e sorriu ao vê-lo.

— A que devemos esta visita tão matinal, Mac? Receio que ela não prenuncie nada de bom.

— Se o senhor dissesse "espero" em vez de "receio" estaria mais próximo da verdade, sr. Holmes — retrucou o inspetor, com um sorriso significativo. — Um gole talvez não fosse mau para espantar o frio terrível que faz hoje. Obrigado, não fumo. Não posso demorar, pois, como o senhor melhor do que ninguém sabe, as primeiras horas são preciosas quando se tem um caso pela frente. Mas...

O inspetor calara-se repentinamente e olhava com expressão de profundo espanto, para um papel em cima da mesa. Era a folha em que eu escrevera a enigmática mensagem.

— Douglas! — balbuciou. — Birlstone! Que é isso, sr. Holmes? Homem, parece feitiçaria! Em nome de tudo quanto é sagrado, onde o senhor obteve esses nomes?

— É uma mensagem cifrada que o dr. Watson e eu tivemos ensejo de resolver. Mas por quê... o que há com esses nomes?

O inspetor olhou alternadamente para nós dois com ar atônito.

— Apenas isto — disse ele: — o sr. Douglas, da Mansão de Birlstone, foi assassinado hoje de manhã, em circunstâncias espantosas.

## Capítulo segundo: Sherlock Holmes discorre

Era um desses momentos intensamente dramáticos pelos quais o meu amigo daria tudo. Exagerado seria afirmar que ele se sentia escandalizado ou excitado com a extraordinária notícia. Apesar de jamais ter demonstrado o menor indício de crueldade no seu temperamento singular, estava evidentemente calejado pela constante superexcitação. Todavia, se era insensível a emoções, suas faculdades intelectuais viviam em contínua atividade. Não se percebia nele, pois, nenhum vestígio do horror que eu próprio sentia em face daquela rude declaração. O seu rosto, pelo contrário, apresentava a aparência tranqüila e interessada do químico que vê os cristais dimanarem, segundo a fórmula desejada, de uma solução super saturada.

— Notável! — exclamou ele. — Notável!

— O senhor parece não ter ficado surpreso.

— Interessado, sim, Mac, dificilmente, porém, surpreso. Por que havia eu de me surpreender? Recebo um aviso anônimo, de procedência que reconheço ser importante, prevenindo-me de que perigo iminente ameaçava certa pessoa. No espaço de uma hora venho a saber que se consumou a ameaça e que a pessoa se encontra morta. Sinto-me interessado, mas, como pode notar, não estou surpreso.

Em breves palavras, Holmes explicou ao inspetor os fatos referentes à carta e à mensagem cifrada. Com o queixo apoiado nas mãos e as grossas sobrancelhas ruivas confundidas num todo avermelhado, MacDonald ouvia-o, absorto.

— Ia a Birlstone agora de manhã — disse. — Passei por aqui para lhe perguntar se desejava acompanhar-me... o senhor e o seu amigo. Mas, pelo que me diz, talvez fosse melhor ficarmos aqui em Londres.

— Não creio — proferiu Holmes.

— Sr. Holmes! — exclamou o inspetor. — Dentro de um ou dois dias, os jornais explorarão minuciosamente o mistério de Birlstone; mas onde está o mistério se existe um homem em Londres que profetizou o crime antes de ele ter ocorrido? A única coisa que nos cabe fazer é pôr as mãos no homem. O resto é fácil.

— Sem dúvida, Mac. Mas de que maneira tenciona apanhar o tal Porlock?

MacDonald restituiu a carta que Holmes lhe havia entregado.

— Colocada no correio em Camberwell... isso não nos ajuda muito. O nome, como o senhor diz, é fictício. Também, portanto, em nada nos auxilia. O senhor não disse que já lhe tem enviado dinheiro?

— Por duas vezes.

— E de que maneira?

— Em notas, para a agência postal de Camberwell.

— Nunca se preocupou em saber quem o recebia?

— Não.

O inspetor parecia perplexo e um tanto escandalizado.

— E por quê?

— Porque tenho o costume de cumprir a minha palavra. Tinha-lhe prometido, da primeira vez em que ele me escreveu, não tentar descobrir sua identidade.

— Julga que há alguém por trás dele?

— Sei que há.

— O tal professor de que me falou?

— Exatamente.

O inspetor MacDonald sorriu, e, ao relancear-me os olhos, percebi-lhe certa agitação das pálpebras.

— Não posso ocultar-lhe, sr. Holmes, que nós, do Departamento Central de Polícia, sabemos que o senhor tem uma cismazinha com esse professor. Realizei certas investigações sobre o assunto. Ele parece ser pessoa muito respeitável, erudita e capaz.

— Alegro-me pelo fato de você ter sabido reconhecer-lhe o talento.

— Não podia deixar de reconhecê-lo. Depois que soube da sua opinião a respeito dele, não descansi enquanto não o conheci. Tive uma conversa com ele sobre eclipses... como a conversa tomou esse rumo não sei lhe dizer... e ele foi tão brilhante, com o auxílio de um refletor e de um livro, que, não me envergonho de o dizer, estava um pouco acima do meu entendimento, apesar de eu ter recebido uma boa educação em Aberdeen. Ele teria dado um bom sacerdote, com o seu rosto fino, cabelo grisalho e a maneira solene de falar. Ao pôr-me a mão no ombro, quando nos despedimos, fê-lo como um pai que abençoa o próprio filho antes de deixá-lo partir pelo mundo frio e cruel.

Holmes riu consigo mesmo e esfregou as mãos.

— Magnífico! — disse. — Fantástico! Diga-me, amigo MacDonald: essa tocante e agradável entrevista deu-se, suponho eu, no gabinete do professor Moriarty?

— Precisamente.

— Uma linda sala, não é?

— Muito bonita... muito elegante, de fato, sr. Holmes.

— Você se sentou diante da escrivaninha dele?

— Justamente.

— O sol lhe batia nos olhos e o rosto do professor estava na sombra?

— Bem, a coisa foi à noite; lembro-me, porém, de haver uma lâmpada cuja luz fora dirigida para mim.

— Não podia deixar de ser. Chegou a notar um quadro que fica acima da poltrona do professor?

— Muito pouca coisa me escapa, sr. Holmes. É possível que tenha aprendido isso com o senhor. De Fato, vi o quadro... uma jovem com a cabeça apoiada nas mãos e que parece fitar-nos com o canto do olho!

— Essa pintura é de Jean-Baptiste Greuze.

O inspetor esforçava-se por se mostrar interessado.

— Jean-Baptiste Greuze — continuou Holmes, unindo as pontas dos dedos e recostando-se melhor na poltrona — foi um pintor francês que se distinguiu entre 1750 e 1800. Refiro-me, é claro, ao período da sua atividade. A crítica moderna tem reforçado amplamente a excelente reputação que dele formaram os seus contemporâneos.

Os olhos do inspetor traíam-lhe o desinteresse.

— Não seria melhor... — começou ele.

— É justamente o que estamos fazendo — interrompeu Holmes; — Tudo isso de que estou falando tem uma relação muito direta e vital com o que o senhor chama o mistério de Birlstone. De fato, ate certo ponto pode ser considerado o âmago da questão.

MacDonald sorriu fracamente e olhou-me como a implorar-me auxílio.

— Seu pensamento é demasiado rápido para as minhas possibilidades, sr. Holmes. O senhor deixa certos pontos sem ligação, e não consigo completar o sentido. Por mais que dê tratos à bola, não consigo ver a menor relação entre o pintor há muito falecido e o caso de Birlstone.

— Não existe conhecimento inútil para um policial — observou Holmes. — Mesmo o fato trivial de que em 1865 um quadro de Greuze, intitulado *La jeune fille à l'agneau*, alcançou nada menos que quatro mil libras no leilão de Portalis pode dar vazão a uma série de reflexões.

As palavras de Holmes produziram efeito. O inspetor mostrou-se imediatamente interessado.

— Devo ainda lembrar-lhe — continuou Holmes — que o salário do professor pode ser verificado em várias fontes dignas de crédito. Monta a setecentas libras por ano.

— Então como pôde ele comprar...

— Perfeitamente. De que modo?

— Na verdade, isso é esquisito — disse o inspetor, pensativo. — Continue, sr. Holmes. Estou gostando de ouvi-lo. O que me diz é muito precioso.

Holmes sorriu. A admiração sincera jamais deixava de emocioná-lo, caracterizando nele o verdadeiro artista.

— E a nossa ida a Birlstone? — perguntou.

— Ainda temos tempo — respondeu o inspetor, consultando o relógio. — Tenho um carro à porta, e não levaremos nem vinte minutos até a Estação Victoria. Mas, voltando ao quadro... creio tê-lo ouvido dizer uma vez, sr. Holmes, que nunca havia se encontrado com o professor Moriarty.

— Com efeito, nunca me encontrei com ele.

— E como está tão bem informado a respeito de sua casa?

— Ah! Isso é outro assunto. Já estive lá três vezes: duas, à sua espera, sob diferentes pretextos e retirando-me antes que ele aparecesse. E uma vez... bem, é difícil explicá-lo a um agente da polícia oficial. Foi nessa última ocasião que tomei a liberdade de examinar rapidamente os papéis dele, com resultados inteiramente imprevistos.

— Encontrou algo de comprometedor?

— Absolutamente nada. E foi isso o que me assombrou. Em todo caso, você já percebeu agora por que dou tanta importância ao quadro. Isso revela que ele é um homem riquíssimo. Como conseguiu fazer fortuna? É solteiro; o irmão mais novo é chefe de estação no oeste da Inglaterra; a cátedra de professor rende-lhe setecentas libras por ano, e, no entanto, ele possui um Greuze.

— E então?

— A conclusão é clara.

— O senhor quer dizer que ele deve ter uma renda fabulosa e que essa renda é obtida por meios ilícitos?

— Exato. Naturalmente, tenho outras razões para pensar assim... dezenas de pequeníssimos fios que conduzem vagamente para o centro da teia onde a peçonhenta criatura aguarda as suas presas. Limito-me a citar o Greuze porque ele traz o assunto para o campo das suas próprias observações.

— Pois bem, sr. Holmes. Reconheço ser muito interessante o que o senhor diz. Mais do que interessante... fantástico. Gostaria, porém, que se expressasse mais claramente, se lhe fosse possível. Trata-se de adulteração de dinheiro, cunhagem de moeda falsa ou roubo? De onde lhe vem o dinheiro?

— Já leu alguma coisa sobre Jonathan Wild?

— O nome não me é desconhecido. Deve ser algum personagem de novela! Não dou muita atenção a contos policiais, onde aparecem tipos que agem sempre sem jamais nos deixar compreender como fazem para obter resultados. Isso é apenas imaginação, não é coisa real.

— Jonathan Wild não era um policial, nem personagem de conto policial. Era um criminoso consumado e viveu no século passado, cerca de 1750.

— Então não me interessa. Sou um homem prático.

— A coisa mais prática que você podia fazer na vida, amigo Mac, seria recolher-se por três meses e ler, doze horas por dia, os anais do crime. Tudo se repete em ciclos, até mesmo o professor Moriarty. Jonathan Wild era a força oculta dos criminosos de Londres, a cujo serviço pôs a sua inteligência e organização, mediante uma comissão de quinze por cento. A história repete-se. Tudo o que já aconteceu, sempre acontecerá. Vou lhe contar certas coisas de Moriarty que talvez lhe sejam úteis.

— Não tenho dúvidas a esse respeito.

— Sei quem figura como elo principal desta cadeia... cadeia cujas extremidades são este Napoleão do mal e uma centena de malandros dispostos a tudo, batedores de carteira, chantagistas, batoteiros, com toda a espécie de crimes de permeio. O chefe do seu estado-maior é o coronel Sebastian Moran, indivíduo circunspecto e precavido, tão inacessível à lei como o chefe supremo. Sabe quanto Moriarty paga a esse homem?

— Gostaria de saber.

— Seis mil libras por ano. Recompensa pelo trabalho intelectual...o princípio americano de realizar negócios. Soube desse pormenor por mero acaso. Isso representa mais do que ganha o primeiro-ministro, e serve para dar uma idéia dos lucros de Moriarty e da escala em que ele opera. Outra coisa. Dediquei-me ultimamente a investigar alguns dos seus cheques... cheques comuns com que paga as contas domésticas. Verifiquei serem sacados contra seis bancos diferentes. Que pensa disso?

— Muito estranho, sem dúvida. E qual é a sua conclusão?

— De que ele não quer comentários acerca da sua fortuna. Pessoa alguma pode saber quanto ele possui. Não hesito em acreditar que tenha dinheiro em vinte bancos... a maior parte provavelmente no exterior, no Deutsche Bank ou no Crédit Lyonnais. Um dia, quando puder dispor de um ou dois anos, recomendo-lhe o estudo da personalidade do professor Moriarty.

A impressão causada no inspetor MacDonald por essa conversa aumentava de intensidade à medida que ela prosseguia. Seu interesse absorvera-o inteiramente. De súbito, o senso prático de escocês fê-lo regressar ao assunto em vista.

— Em todo caso, isso fica para mais tarde. O senhor me entreteve com sua interessante narrativa, mas o que realmente importa em tudo isso, sr. Holmes, é a sua observação de que há alguma relação entre o professor e o crime, inferida do aviso recebido através do tal Porlock. Podemos ir mais além no que concerne às nossas necessidades práticas do momento?

— Podemos fazer uma idéia dos motivos do crime, que é, como deduzo das suas primeiras afirmações, incompreensível ou, pelo menos, inexplicável. Ora, supondo que a origem do crime seja a que suspeitamos, é possível imagina dois motivos diferentes. Antes de tudo, devo dizer-lhe que Moriarty governa os seus homens com mão de ferro. Sua disciplina é inexorável. Existe apenas uma punição no código: a morte. Podemos estabelecer, assim, a hipótese de que a vítima... Douglas, cuja sorte iminente era conhecida de um dos subordinados do criminoso-mor... tivesse, de algum modo, traído o chefe. Sobreveio-lhe o castigo, que deveria ser conhecido de todos, quanto mais não fosse para aterrá-los com a idéia de idêntico destino.

— Essa é uma das hipóteses, sr. Holmes.

— A outra é que este crime foi engendrado por Moriarty com intuito de lucro, como tantos outros, dentro da sua atividade rotineira. Houve roubo?

— Ainda não sei.

— Se houve, isso certamente favorecerá a segunda hipótese contra a primeira. É provável que Moriarty tenha sido encarregado de arquitetar-lo com a promessa de ficar com parte dos despojos ou mediante pagamento de determinada quantia. Mas, seja qual for e se houver ainda uma terceira combinação, é em Birlstone que devemos procurar a solução do problema. Conheço o nosso homem demasiadamente bem para supor que ele tivesse deixado aqui qualquer indício que nos permitisse desmascará-lo.

— Então é a Birlstone que devemos ir! — exclamou MacDonald, erguendo-se de um salto. — Com os diabos! É mais tarde do que eu pensava. Dou-lhes apenas cinco minutos para se prepararem; nem mais um instante.

— É mais do que suficiente para nós dois — disse Holmes, levantando-se rapidamente e apressando-se a trocar o roupão pelo casaco. — Peço-lhe o obséquio, Mac, de nos contar, durante o caminho, tudo o que sabe acerca deste caso.

Tudo o que o inspetor sabia do caso provou ser lamentavelmente pouco, mas mesmo assim era o bastante para nos convencer de que o problema bem podia ser merecedor da maior atenção do grande policial. Seu rosto iluminou-se e ele esfregou as mãos finas, ao ouvir os parcos mas interessantes pormenores. Acabávamos de passar uma longa série de semanas estéreis, e finalmente aparecia um assunto digno das faculdades admiráveis que, como todos os dons especiais da natureza, se tornam enfadonhas para o seu possuidor, quando não estão em atividade. Aquele cérebro, aguçado qual fio de navalha, tornava-se embotado e como que enferrujado quando inativo. Os olhos de Sherlock

Holmes brilharam, a sua face pálida adquiriu um tom mais vivo e todo o semblante demonstrou satisfação íntima ao ver aproximar-se a ocasião de pôr à prova a sua capacidade. Curvado sobre o banco da frente do vagão, ouvia atentamente a breve exposição de MacDonald com referência ao problema que nos aguardava em Sussex, o qual, por sua vez, fundava-se, como ele mesmo nos explicou, num bilhete escrito às pressas e que lhe fora enviado pelo trem recoveiro às primeiras horas da madrugada. White Mason, o agente da polícia local, era seu amigo pessoal, e daí o fato de ele ter sido avisado com muito mais presteza do que é hábito na Scotland Yard quando um funcionário da província necessita da polícia central. O agente metropolitano geralmente tem de se haver, nesses casos, com a falta quase absoluta de pista.



"Caro inspetor MacDonald", dizia o bilhete que ele nos deu, "a requisição oficial de seus serviços encontra-se em envelope separado. Esta nota é para seu uso particular. Telegrafe-me comunicando qual o trem da manhã que pode apanhar para Birlstone, e eu irei esperá-lo — ou mandarei alguém à estação, se estiver muito ocupado. Este caso é desconcertante. Não perca tempo; venha imediatamente. Se puder trazer o sr. Holmes, não vacile, pois ele encontrará aqui algo a seu gosto. Podia-se imaginar que tudo fora arranjado com o fito de produzir um efeito teatral, se não houvesse um morto de permeio. Palavra que tudo isto é um quebra-cabeça desconcertante."

— Seu amigo parece não ser tolo — comentou Holmes.

— Nada tolo; White Mason é muito esperto, se a minha opinião tem algum valor.

— Bem, há mais alguma coisa?

— Apenas que ele nos dará todos os pormenores quando lá chegarmos.

— Então como soube que o sr. Douglas foi barbaramente assassinado?

— Isso vem no relatório oficial incluso. Ele não usa a palavra "barbaramente", que não é termo oficialmente reconhecido. Refere-se a John Douglas dizendo que os ferimentos localizados na cabeça são provenientes de uma descarga de arma de fogo. Menciona também a hora em que foi dado o alarme... ontem, cerca da meia-noite, acrescentando tratar-se indiscutivelmente de crime, apesar de não ter sido efetuada prisão alguma, e que o caso se reveste de um aspecto confuso, fora do comum. É tudo quanto sabemos até agora, sr. Holmes.

— Então, se nos permite, deixaremos a coisa nesse ponto, Mac. A tentação de formar teorias prematuras sobre dados insuficientes é o mal da nossa profissão. Por ora, vejo



somente duas coisas com clareza: um cérebro prodigioso em Londres e um morto em Sussex. É a conexão entre ambas que vamos procurar descobrir.

### **Capítulo terceiro: A tragédia de Birlstone**

E agora pedirei licença para fazer desaparecer, por alguns momentos, a minha insignificante pessoa e descrever os fatos sucedidos antes da nossa presença no local do crime e que chegaram ao nosso conhecimento posteriormente. Somente desse modo poderei fazer com que o leitor julgue as pessoas nele envolvidas e o estranho cenário para onde os seus destinos foram lançados.

A vila de Birlstone é um pequeno e vetusto grupo de casas de madeira e tijolos, situado na fronteira setentrional do condado de Sussex. Conservara durante séculos o mesmo aspecto, mas há questão de poucos anos o pitoresco de sua fisionomia e localização atraiu alguns moradores abastados, cujas casas de campo se vislumbram por entre a folhagem dos bosques circundantes. É crença local que esses bosques constituem a orla extrema da grande floresta de Weald [1], que se vai tornando menos densa ao atingir as dunas calcárias do norte. Aqui e ali começou a surgir certo número de pequenas lojas para atender às necessidades da população em crescimento, de maneira que isso nos faz crer que Birlstone possa em breve passar de antiga vila a cidade moderna. É o ponto central de uma área considerável da região, pois Tunbridge Wells, o lugar mais próximo digno de importância, fica de quinze a vinte quilômetros a oeste, além das fronteiras de Kent.

A oitocentos metros da povoação, no meio de um parque famoso pelas suas gigantescas faias, situa-se a velha Mansão de Birlstone. Parte desse venerável edifício data da época da primeira cruzada, quando Hugo de Capus construiu uma fortificação no centro da propriedade, que lhe havia sido outorgada pelo Rei Vermelho. Esse forte foi destruído pelo fogo em 1543, e parte dos seus alicerces, enegrecidos pela fumaça, foram utilizados quando, na era jacobita, se ergueu uma casa de campo de tijolos sobre as ruínas do castelo feudal. A casa senhorial, com os seus inúmeros torreões e as suas minúsculas janelas de vidraças em forma de losangos, ainda conserva muito do estilo que o primitivo construtor lhe havia fixado no princípio do século XVII. Dos dois fossos circundantes que tinham protegido os belicosos antepassados, o externo foi secado e servia modestamente de horta, e o interno ainda era conservado, abraçando a casa e medindo treze metros de largura, posto que tivesse agora pouco mais de um metro de profundidade. Era alimentado por um pequeno regato que o atravessava, de modo que o lençol de água, embora turvo, não tinha aparência de estagnado ou insalubre. As janelas do térreo elevavam-se a apenas trinta centímetros da superfície da rua. O acesso à casa era feito exclusivamente através de uma ponte levadiça, cujas correntes e guindastes há muito se encontravam quebrados e cobertos de ferrugem. Os últimos inquilinos da mansão tinham, no entanto, consertado tudo com grande zelo, e a ponte levadiça não só estava em condições de funcionar, como, de fato, era baixada todas as manhãs e erguida todas as noites. Desse modo, renovando o costume da velha época feudal, a casa senhorial convertia-se durante a noite numa ilha — fato este de grande significado no mistério que ia, em breve, prender a atenção da Inglaterra inteira.

A casa estava desabitada havia vários anos e ameaçava desfazer-se em pitoresca ruína, quando os Douglas dela tomaram posse. Resumia-se essa família apenas a duas pessoas: John Douglas e sua mulher. Douglas era um homem singular tanto de caráter como pessoalmente. Contando cerca de cinquenta anos de idade, possuía um rosto enérgico, maxilares salientes, bigode grisalho, olhos verdes extraordinariamente penetrantes e um físico musculoso e cheio de vigor, que nada havia perdido da força e da atividade da juventude.

Alegre e cordial para com todos, mostrava-se, contudo, algo negligente nas suas maneiras, o que dava a impressão de ter sido criado num nível social infinitamente inferior ao da sociedade do condado de Sussex. Apesar disso, ainda que olhado com certa curiosidade e reserva por parte dos vizinhos mais civilizados, granjeou, em breve, grande popularidade entre os moradores da vila, contribuindo generosamente para todos os empreendimentos locais e comparecendo aos seus concertos em salas enfumaçadas e a outras diversões, nas quais, como possuía voz de tenor de magnífico timbre, estava sempre pronto a deleitá-los com uma excelente canção. Parecia ter muito dinheiro, que, na voz corrente, fora ganho nas regiões auríferas da Califórnia, e, conforme ele e a mulher diziam, não havia dúvida de que passara boa parte da sua existência na América. A boa impressão produzida pela sua generosidade e maneiras democráticas engrandecia-se graças à fama adquirida de completa indiferença ao perigo. Não obstante ser péssimo cavaleiro, comparecia a todas as reuniões hípicas, sofrendo as mais incríveis quedas devido à sua determinação de se equiparar aos melhores. Quando a casa paroquial se incendiou, ele se distinguiu da mesma forma pelo destemido com que entrou no edifício a fim de tentar salvar os objetos mais preciosos, depois de o corpo de bombeiros local ter renunciado à empresa dando-a como impossível. E foi assim que John Douglas, em cinco anos de residência em Birlstone, logrou ótima reputação.

Sua mulher também era estimada pelos que a conheciam, apesar de, segundo o hábito inglês, serem poucas e espaçadas as visitas a pessoas desconhecidas que passassem a residir no condado sem nenhuma apresentação. Isso pouco lhe importava, pois o seu retiro era voluntário, e, ademais, dava a impressão de achar-se inteiramente absorvida a cuidar do marido e das obrigações domésticas. Sabia-se que era inglesa e que conhecera o sr. Douglas, viúvo nessa época, em Londres. Dotada de grande beleza, alta, morena e esbelta, contava vinte anos menos que o marido, disparidade que de modo algum parecia perturbar a paz da vida conjugal. Entretanto, era por vezes notado, pelos amigos mais íntimos do casal, que a confiança entre os dois não se afigurava completa, pois ou a mulher era muito reticente a respeito da vida anterior do marido, hipótese mais provável, ou apenas a conhecia superficialmente. Também era notado e comentado, por certo número de outros observadores mais atentos, que algumas vezes a sra. Douglas se apresentava nervosa e demonstrava grande ansiedade nas ocasiões em que o marido ficava fora de casa além da hora habitual. Numa cidade calma do interior, na qual todo mexerico é recebido como agradável entretenimento, essa fraqueza da senhora da Mansão de Birlstone não podia passar despercebida, e o fato cresceu de volume na lembrança do povo ao se sucederem os acontecimentos que lhe vieram dar um significado muito especial.

Havia ainda outra pessoa cuja permanência sob aquele teto era na verdade apenas intermitente, mas que, por ocasião das estranhas ocorrências que agora vão ser narradas, teve o seu nome em evidência perante o público. Tratava-se de Cecil James Barker, de Hales Hodge, Hampstead. Cecil Barker, com seu porte esguio e desenvolto, tornara-se

uma figura familiar na rua principal da vila de Birlstone, por ser visita assídua e sempre bem recebida dos moradores da mansão. Era alvo da maior observação por ser o único amigo do passado desconhecido do sr. Douglas que costumava ser visto na sua nova habitação da Inglaterra. Barker sem dúvida era inglês, mas, pelo que dizia, percebia-se claramente que conhecera Douglas na América e lá mantivera com ele relações íntimas. Parecia ser homem de fortuna e era tido na conta de solteiro. Era mais novo do que Douglas — quarenta e cinco anos, no máximo —, alto, ereto, espadaúdo, rosto escanhado de pugilista, sobrancelhas espessas e negras, e um par de olhos negros e dominadores, que podiam, mesmo sem o auxílio das mãos, dotadas de grande destreza, abrir-lhe caminho por entre uma multidão hostil. Jamais andava a cavalo ou caçava, mas passava os dias vagueando ao redor da antiga vila, com o cachimbo na boca, ou passeando de carro pelos arredores com seu amigo, ou com a sra. Douglas, quando aquele se encontrava ausente. "Um cavalheiro despreocupado e generoso", dizia dele Ames, o mordomo. "Mas, palavra, não desejaria ser o homem que se lhe atravessasse no caminho." Cordial e íntimo com Douglas, não o era menos com a mulher deste, o que por mais de uma vez parecera causar certa irritação ao marido, a ponto de os próprios criados notarem o seu aborrecimento. Tal era a terceira personagem a fazer parte da família por ocasião da catástrofe. Quanto aos outros habitantes da velha casa, bastará, entre o grande número de criados, mencionar o irrepreensível, honesto e capaz Ames e a sra. Allen, criatura gorda e jovial, que ajudava a dona da casa com alguns dos seus deveres domésticos. Os outros seis empregados não têm relação alguma com os acontecimentos da noite de 6 de janeiro.

As primeiras notícias alarmantes chegaram à pequena força de polícia local, a cargo do sargento Wilson, do Corpo Policial de Sussex, às onze e quarenta e cinco. O sr. Cecil Barker viera correndo, muito agitado, e tocara furiosamente a campainha. Acontecera uma terrível tragédia no solar, e o sr. John Douglas fora assassinado. Esse era o conteúdo ofegante de sua mensagem. Voltara rapidamente a casa, seguido dali a poucos instantes pelo sargento da polícia, que chegara à cena do crime pouco depois da meia-noite, após ter tomado providências urgentes a fim de comunicar às autoridades do condado que algo de grave acontecera.

Ao atingir a herdade, o sargento encontrara a ponte levadiça descida, as janelas iluminadas e a casa toda em estado de incrível confusão e tumulto. O mordomo, na soleira da porta, esfregava as mãos, com ar sobressaltado, enquanto, atrás dele, no vestíbulo, se acotovelavam os criados, pálidos de susto. Cecil Barker, o único que aparentava estar senhor de si e dominar a própria emoção, abriu a porta mais próxima da entrada e fizera sinal ao sargento para que o acompanhasse. Nesse momento, chegara o dr. Wood, médico da vila, clínico diligente e capaz. Os três homens entraram juntos na sala fatal, seguidos de perto pelo mordomo apavorado, que fechou a porta atrás de si a fim de impedir que as criadas presenciassem o terrível espetáculo.



O cadáver jazia de costas, no meio do aposento, de braços e pernas abertos. Vestia um roupão rosado por sobre a roupa de dormir e calçava chinelos. O médico ajoelhou-se a seu lado e dispôs-se a examiná-lo à luz da lanterna portátil que tirara de cima da mesa. Apenas um relancear de olhos à vítima foi suficiente para certificá-lo de que sua presença já não era necessária. O homem tinha sido morto de maneira horrível. Colocada sobre o peito, via-se uma arma curiosa: uma espingarda de dois canos, que haviam sido serrados a um palmo do gatilho duplo. Era evidente que fora descarregada à queima-roupa e que a vítima recebera toda a carga no rosto, o que lhe causara completo esfacelamento da cabeça. Os gatilhos tinham sido amarrados com arame, a fim de que a descarga simultânea fosse mais destruidora.

O sargento Wilson estava nervoso e inquieto com a tremenda responsabilidade que lhe caíra tão repentinamente sobre os ombros.

— Não devemos tocar em nada antes da chegada dos meus superiores — disse ele, em voz sufocada, olhando horrorizado para aquela cabeça pavorosamente esfacelada.

— Nada foi tocado até agora — afirmou Cecil Barker. — Dou-lhe a minha palavra: deixei tudo exatamente como estava.

— E quando foi isso? — perguntou o sargento, sacando do bolso o bloco de anotações.

— Exatamente às onze e meia. Eu ainda não tinha começado a me despir e estava sentado junto à lareira, no meu quarto, quando ouvi o disparo, que não foi forte... deu-me a impressão de ter sido abafado. Desci a escada correndo e em questão de meio minuto achava-me na sala.

— A porta estava aberta?

— Sim, estava. O pobre Douglas jazia na posição em que o vê. A vela ardia no castiçal, em cima da mesa. Fui eu quem acendeu o lampião alguns minutos depois.

— O senhor não viu ninguém?

— Não. Ouvi os passos da sra. Douglas, que descia a escada, e saí do quarto a fim de impedi-la de ver esta cena horrorosa. A sra. Allen, a governanta, veio buscá-la. Ames apareceu, e voltamos imediatamente à sala.

— Mas estou certo de ter ouvido dizer que a ponte levadiça mantém-se levantada toda a noite.

— Sim, esteve levantada até o momento em que eu a arriei.

— Como poderia então o assassino ter fugido? É absurdo pensar nisso! O sr. Douglas deve ter se suicidado.

— Foi o que pensamos a princípio. Entretanto, veja. — Barker afastou a cortina e mostrou a janela completamente aberta. — E observe isto — acrescentou, baixando o lampião e expondo à vista uma mancha de sangue, do formato da sola de um sapato, sobre o peitoril de madeira.

— Alguém se deteve ali ao sair.

— O senhor quer dizer que alguém atravessou o fosso a vau?

— Justamente.

— Nesse caso, se o senhor apareceu na sala meio minuto após o crime, o criminoso devia encontrar-se ainda no fosso.

— Sem dúvida. Lamento não ter corrido logo à janela. Isso, porém, não me ocorreu, pois a cortina a encobria, como o senhor pode verificar. Ouvi, então, os passos da sra. Douglas, e não podia deixá-la entrar na sala. Seria um choque terrível demais para ela.

— Faço idéia! — comentou o médico, olhando para a cabeça espatifada e para as chagas medonhas produzidas pelo tiro. — Desde o desastre ferroviário de Birlstone que não me lembro de ferimentos como estes.

— Mas espere... — interrompeu o sargento da polícia, que com o seu raciocínio vagaroso e rústico ainda estava observando a janela aberta. — Está muito certo o senhor dizer que o homem fugiu passando o fosso a vau, contudo, pergunto eu, como conseguiu ele entrar na Casa se a ponte se encontrava levantada?

— Ora, aí é que está o problema! — respondeu Barker.

— A que horas foi ela erguida?

— Eram quase seis horas — respondeu o mordomo.

— Ouvi dizer que habitualmente era suspensa ao pôr-do-sol, ou seja, nesta época do ano, mais próximo das quatro e meia do que das seis horas.

— A sra. Douglas tinha visitas para o chá — disse Ames. — Não podia levantar a ponte antes que elas se fossem. Depois, eu próprio a suspendi.

— Então o caso se resume nisto — disse o sargento: — se alguém veio de fora.. se veio de fato... deve ter atravessado a ponte antes das seis e permanecido oculto desde essa hora até depois das onze, quando o sr. Douglas entrou na sala.

— Certamente. O sr. Douglas costumava percorrer a casa inteira, antes de se deitar, para ver se todas as luzes estavam apagadas. Isso o trouxe aqui. O homem estava à sua espera e atirou. Depois, fugiu pela janela, deixando a arma atrás de si. É o que imagino, pois outra coisa não se coaduna com o ocorrido.

O sargento se abaixou e apanhou um cartão que se encontrava ao lado do cadáver, no soalho. Nele viam-se escritas grosseiramente, a tinta, as iniciais V. V., encimando o número 341.

— Que é isto? — perguntou, mostrando o cartão.

Barker fixou nele o olhar curioso.

— Não o tinha notado antes — disse. — O criminoso deve tê-lo esquecido na fuga.

— V. V. 341. Não vejo sentido nisto — observou o sargento, revirando-o nos seus dedos enormes.

— Que significa V. V.? Talvez as iniciais de alguma pessoa. O que é isso que o senhor tem nas mãos, dr. Wood?

Era um martelo de bom tamanho que ele tinha encontrado sobre o tapete, diante da lareira — um martelo grande, semelhante aos usados pelos carpinteiros. Cecil Barker apontou para uma caixa de pregos com cabeça de latão em cima da pedra da lareira.

— O sr. Douglas esteve ocupado ontem, mudando a posição dos quadros — explicou.  
— Eu mesmo o vi de pé naquela cadeira, pregando o quadro grande que a encima. Isso explica a presença do martelo.

— É melhor repô-lo no tapete, onde foi encontrado — disse o sargento, coçando a cabeça, perturbado na sua indecisão. — Será preciso recorrer às maiores capacidades da força policial para se chegar ao fundo deste mistério. Dentro em pouco, isto estará nas mãos do pessoal de Londres. — E, pegando a lanterna portátil, pôs-se a andar vagarosamente em volta da sala. — Ah...! — gritou em tom excitado, puxando a cortina da janela para um lado — A que horas estas cortinas foram fechadas?

— Quando se acenderam as lâmpadas — respondeu o mordomo. — Pouco depois das quatro.

— Alguém esteve escondido aqui, não resta dúvida — disse ele, baixando a luz da lanterna e mostrando visíveis marcas de botas enlameadas num canto. — Creio que isto justifica a sua teoria, sr. Barker. Parece que o homem penetrou na casa depois das quatro, quando as cortinas estavam fechadas, e antes das seis, hora em que a ponte foi suspensa. Entrou às escondidas nesta sala, a primeira que encontrou. Como não existisse outro lugar onde pudesse se ocultar, escondeu-se rapidamente atrás desta cortina. Tudo isso me parece muito claro. É provável que a sua intenção fosse o roubo; entretanto, tendo sido apanhado em flagrante pelo sr. Douglas, assassinou-o e fugiu.

— É essa a minha impressão — concordou Barker. — Mas, escute, não estaremos perdendo um tempo, precioso? Não podemos dar uma busca pelos arredores antes que o sujeito se safes?

O sargento refletiu por alguns instantes.

— Não há trens antes das seis da manhã, portanto ele não pode escapar pela estrada de ferro. Se for a pé pela estrada, com as calças encharcadas, é provável que alguém o note. De qualquer forma, não posso me afastar daqui sem que apareça quem me substitua. Tampouco creio que algum dos senhores possa sair antes de termos uma noção mais clara da situação de todos nós.

O médico apanhara a lanterna e examinava cuidadosamente o cadáver.

— Que marca é esta? — indagou. — Será que isto tem alguma ligação com o crime?

O braço direito do morto, até a altura do cotovelo, estava fora da manga do roupão, e exibia, no centro do antebraço, um desenho de cor castanha, um triângulo dentro de um círculo, que se salientava vivamente na pele clara.

— Não é tatuagem — afirmou o médico, olhando com atenção através dos óculos. — Nunca vi coisa igual. O homem foi marcado, há algum tempo, a fogo, como se costuma fazer com o gado. Qual será o significado disso?

— Confesso que não sei — respondeu Cecil Barker. — Mas conheço esse sinal de Douglas há dez anos.

— Eu também — acrescentou o mordomo. — Notei essa marca em diversas ocasiões, quando o patrão arregaçava as mangas. Muitas vezes desejei saber sua origem.

— Nesse caso, nada tem que ver com o crime — rematou o sargento. — Contudo, é uma coisa esquisita. Aliás, tudo neste caso é esquisito. Vamos, de que se trata agora?

O mordomo soltara uma exclamação de assombro e apontava para a mão espalmada do morto.

— Tiraram-lhe a aliança! — exclamou, ofegante.

— O quê?

— Sim, tenho certeza! O patrão usava sempre a aliança no dedo mínimo da mão esquerda. Este anel de ouro bruto estava sempre acima dela e o outro, em forma de serpente retorcida, ele o usava no dedo médio. Um e outro estão aí, mas a aliança desapareceu.

— Ele tem razão — observou Barker.

— Você diz que a aliança estava abaixo do outro anel?

— Sempre esteve!

— Então, o assassino, ou quem quer que fosse, tirou primeiro o anel de ouro bruto e, depois de retirar a aliança, voltou a colocar o anel no lugar.

— Justamente.

O digno sargento da polícia abanou a cabeça.

— Parece-me que quanto mais cedo conseguirmos o auxílio de Londres para este caso, melhor — disse ele. — White Mason é um homem ativo, para quem um assunto local jamais apresentou dificuldades. Não tardará muito em aparecer por aqui para nos ajudar. Receio, porém que tenhamos de recorrer a Londres antes de chegarmos a uma solução. De qualquer forma, não me importo de afirmar que é um problema demasiado confuso para uma pessoa como eu.

[1] Distrito que compreende parte aos condados de Kent, Surrey e Sussex, com características geológicas particulares; aparece freqüentemente nos contos que giram em torno da figura de Sherlock Holmes. (N. da T.)

## Capítulo quarto: Trevas

Às três horas da madrugada, o chefe de polícia de Sussex, atendendo ao chamado urgente do sargento Wilson, de Birlstone, chegou da sede numa carruagem leve, cujo animal vinha esfalfado da carreira. Remetera o comunicado à Scotland Yard pelo trem das cinco e quarenta, e ao meio-dia encontrava-se na estação para nos receber. White Mason era uma pessoa de aspecto calmo e agradável. Trajava um elegante terno esporte, tinha o rosto corado e bem-escanhado, compleição robusta, pernas fortes e arqueadas, calçava polainas e parecia-se com um pequeno fazendeiro, um couteiro aposentado ou qualquer outra coisa, menos com um perfeito exemplar de investigador de província.

— Um completo quebra-cabeça, sr. MacDonald — repetia incessantemente. — Os jornalistas hão de afluir aqui como moscas, quando tiverem conhecimento disto. Espero que possamos terminar nosso trabalho antes que eles comecem a meter o nariz e a estragar todas as pistas. Que eu me lembre, nunca aconteceu coisa igual. Há certos pontos que parecem ter sido feitos sob medida, sr. Holmes, se não me engano. E para o senhor também há qualquer coisa, dr. Watson, pois antes de terminarmos os médicos terão algo a dizer. Reservamos-lhes um quarto no Westville Arms. Não há outra hospedaria aqui; sei, contudo, que é limpa e boa. Este homem levará suas bagagens. Por aqui, meus senhores, façam o favor.

Era muito diligente e jovial o chefe de polícia de Sussex. Dentro de dez minutos tínhamos arranjado alojamentos e, ao fim de outros dez, estávamos sentados no átrio da estalagem, ouvindo uma rápida exposição dos acontecimentos relatados no capítulo anterior. MacDonald tomava uma ou outra nota ocasional, enquanto Holmes parecia absorto, com aquele ar de admiração reverente e surpresa com que o botânico observa uma flor rara e preciosa.

— Fantástico! — exclamou, quando a narrativa terminou. — Verdadeiramente extraordinário! Creio ser difícil lembrar-me de outro caso cujas condições fossem mais singulares.

— Tinha certeza de que ia dizer isso, sr. Holmes — afirmou White Mason com grande satisfação. — Acompanhamos o progresso aqui em Sussex! Agora já o pus a par da situação até o momento em que o caso me foi entregue pelo sargento Wilson, entre três e quatro horas da madrugada. Palavra que fiz a minha velha égua correr! Todavia, não tinha necessidade de me apressar tanto, pois não havia nada a fazer que fosse urgente. O sargento Wilson já tinha recolhido todos os dados. Li-os, verifiquei-os e estudei-os, adicionando alguns mais, por minha conta.

— E quais são eles? — perguntou Holmes, ansioso.



— Bem, a princípio examinei o martelo, com a ajuda do dr. Wood. Não encontramos nele sinais de violência. Tinha a esperança de que, na hipótese de o sr. Douglas ter se defendido com o martelo, talvez tivesse atingido o criminoso antes de deixá-lo cair no tapete. Mas não encontramos nele a menor mancha de sangue.

— Isso, é claro, não prova absolutamente nada — observou o inspetor MacDonald. — Quantos delitos não foram praticados com um martelo, sem que este apresentasse vestígio algum!

— Perfeitamente. Não prova que não tenha sido usado, Contudo, podia haver sinais, que nos teriam sido úteis. De fato, não encontramos nada. Examinei em seguida a espingarda. Os cartuchos eram de chumbo grosso e, como o sargento Wilson assinalou, os dois gatilhos tinham sido unidos por um arame, de modo que as duas cargas fossem disparadas simultaneamente, quando se puxasse o de trás. Quem fez isso estava resolvido a evitar o risco de errar o uivo. A arma serrada não tinha mais que sessenta centímetros de comprimento e podia ser transportada por baixo do casaco. Não trazia o nome completo do fabricante; apenas se liam as letras PEN na peça que ligava os dois canos, tendo ficado o restante do nome na parte serrada.

— Um *P* grande, com um floreado em cima, e o *E* e o *N* menores? — inquiriu Holmes.

— Justamente.

— Pennsylvania Small Arm Company... fábrica americana de armas, muito conhecida — concluiu Holmes.

White Mason olhou pasmado para o meu amigo, como o médico do interior olha para o especialista da Harley Street, o qual, com uma simples palavra, pode resolver as dificuldades que o deixem perplexo.

— Essa informação é preciosíssima, sr. Holmes. Não há dúvida, o senhor tem razão. É espantoso! O senhor sabe de cor os nomes de todos os fabricantes de armas do mundo?

Holmes desviou o assunto com um aceno de mão.

— Certamente é uma espingarda americana — continuou White Mason. — Creio ter lido que a espingarda serrada é uma arma muito usada em certas partes da América. Pondo de lado o nome inscrito no cano, a idéia já havia me ocorrido. Torna-se portanto, de qualquer modo, evidente que o homem que penetrou na casa para matar o sr. Douglas é americano.

MacDonald abanou a cabeça.

— Homem, positivamente, você está indo longe demais — disse. — Ainda não temos prova alguma de que qualquer estranho tenha entrado na casa.

— A janela aberta, a mancha de sangue no peitoral, o cartão incompreensível, as pegadas no canto da sala, a espingarda...

— Tudo isso pode ter sido preparado. O sr. Douglas era americano, ou viveu muito tempo na América, bem como o sr. Barker. Não temos necessidade de ir buscar um americano lá fora para justificar a presença de artigos americanos.

— Ames, o mordomo...

— A propósito! Ele é pessoa de confiança?

— Dez anos a serviço de Sir Charles Chandos... honestidade absoluta. Trabalhava para Douglas desde que ele veio morar na herdade, há cinco anos. Garantiu jamais ter visto em casa uma espingarda dessa espécie.

— A arma devia estar escondida. Por essa razão foram serrados os canos. Caberia em qualquer caixa. Como pode ele jurar que não havia tal arma em casa?

— Bem, de qualquer modo, ele afirma nunca tê-la visto.

MacDonald abanou a cabeça de escocês obstinado.

— Ainda não estou convencido de que alguém tenha penetrado na casa — disse. — Peço-lhe que reflita — o sotaque traía cada vez mais a sua origem de Aberdeen, à medida que o argumento o absorvia —, estou lhe pedindo para refletir no que implica a sua suposição de que esta arma foi trazida para a casa e de que todos estes atos espantosos foram praticados por uma pessoa de fora. Oh!, homem, isso é inconcebível! É simples questão de bom senso. Peço a sua opinião, sr. Holmes, sobre o que já sabemos.

— Pois bem, exponha o seu raciocínio, Mãe — pediu Holmes, assumindo o ar austero de juiz imparcial.

— O homem não é um ladrão, supondo ainda que ele exista. O caso do anel e do cartão indicam crime premeditado por qualquer razão particular. Muito bem. Eis um indivíduo que entra à socapa numa casa com o intuito deliberado de cometer um assassinio. Ele sabe, se é que sabe alguma coisa, que terá dificuldades em arranjar um modo de escapar, pois a casa está cercada de água. Que espécie de irmã escolheria ele? O senhor responderia: a mais silenciosa do mundo. Dessa maneira, podia ter esperança de, terminado o trabalho, safar-se rapidamente. Isso é compreensível. Mas pode entrar na cabeça de alguém que ele saia dos seus cuidados para trazer consigo a arma mais ruidosa que pode encontrar, sabendo muito bem que ela atrairia todos os moradores da casa ao local, tão prontamente quanto pudessem correr, e com todas as probabilidades de ser visto antes de atravessar o fosso? Pode-se acreditar nisso, sr. Holmes?

— Muito bem; o seu raciocínio é convincente — replicou o meu amigo, com ar pensativo. — Claro que precisa ser bem justificado. Permite-me que lhe pergunte, sr. White Mason, se examinou logo a outra margem do fosso para ver se havia sinais de que o homem o tivesse escalado ao sair da água?

— Não havia sinal algum, sr. Holmes. Mas, como a borda do fosso é de pedra, pouco se podia esperar.

— Nenhum rasto ou vestígio?

— Absolutamente nenhum.

— Ah! Faz alguma objeção a que nos dirijamos imediatamente para a herdade, sr. White Mason? É possível que exista qualquer minúcia que possa se tornar sugestiva.

— Era o que eu ia propor, sr. Holmes, mas achei melhor pô-lo a par de todos os acontecimentos antes de partir. Espero que, se alguma coisa lhe suscitar...

White Mason olhou para o detetive amador com ar indeciso.

— Já trabalhei com o sr. Holmes em outras ocasiões — afirmou o inspetor MacDonald.

— Ele segue as regras do jogo.

— Pelo menos, sigo as regras de acordo com a minha idéia pessoal do jogo — acrescentou Holmes, sorrindo. — Quando participo de um caso, faço-o com o intuito de auxiliar a causa da justiça e o trabalho da polícia. Se alguma vez me afastei das autoridades oficiais, foi porque elas se apartaram primeiro de mim. Não tenho o menor desejo de me salientar à sua custa. Ao mesmo tempo, sr. White Mason, reclamo o direito de trabalhar a meu modo e de dar a conhecer os meus resultados quando bem entender... resultado completo e não por partes.

— Fique certo de que nos sentimos honrados com a sua presença e de que lhe comunicaremos tudo quanto soubermos — assegurou White Mason cordialmente. — Venha, dr. Watson; e, quando a ocasião se apresentar, todos nós contamos merecer um lugar no seu livro.

Atravessamos a estranha mas aprazível rua da vila, adornada por um renque de olmeiros de ambos os lados. Pouco além, deparamos com dois pilares de pedra, denegridos pelo tempo e cobertos de musgo, em cujo topo se divisava uma figura informe, que fora, outrora, a insígnia de Capus de Birlstone: um leão rampante. Após uma curta caminhada ao longo da sinuosa vereda, orlada de relva e sombreada de carvalhos, como só se encontra na parte rural da Inglaterra, e ao fim de uma curva muito fechada, vimos o edifício extenso e baixo, em estilo jacobita, de tijolos vermelhos, escurecidos pela intempérie, ladeado por um jardim de teixos aparados, como era moda na época da sua construção. À medida que nos aproximávamos da casa, avistamos a ponte levadiça de madeira e o lindo e amplo fosso, que parecia, na sua calma luminosidade, uma camada de mercúrio brilhando ao sol de inverno. Três séculos se haviam escoado lentamente sobre o solar, séculos de nascimentos e regressos ao lar, de danças campestres e de reuniões para a caça à raposa. Parecia estranho que agora, na sua velhice, tão tenebroso episódio viesse macular as suas veneráveis paredes. Não havia que negar, por outro lado, que aquelas extravagantes cumeeiras pontiagudas e aqueles singulares torreões suspensos formavam um cenário adequado a terríveis e trágicos desígnios. Ao olhar para as janelas reentrantes e para a extensa fachada enegrecida e batida pelo tempo, reconheci que não poderia haver cena mais apropriada para tal tragédia.

— Ali está a janela — disse White Mason —, logo à direita da ponte levadiça. Está aberta exatamente como foi encontrada ontem à noite.

— Parece-me demasiado estreita para a passagem de um homem.

— Certamente não era um homem gordo. Não necessitamos das suas deduções, sr. Holmes, para compreendermos isso. Mas, tanto eu como o senhor, com algum esforço, poderíamos passar por ela.

Holmes aproximou-se da margem do fosso para examiná-la mais de perto. Depois observou a borda de pedra do valado e a faixa de relva que o ladeava.

— Já investiguei tudo com muito cuidado, sr. Holmes - adiantou White Mason. — Não há nada aí; nada que permita supor que alguém o tenha transposto. Além do mais, por que havia ele de deixar algum sinal?

— Exatamente. Não vejo motivo. A água é sempre assim turva?

— Geralmente é mais ou menos dessa cor, O regato leva muita lama.

— Qual é a sua profundidade?

— Cerca de sessenta centímetros junto às bordas e um metro no centro.

— Desse modo, podemos abandonar qualquer idéia de o homem ter morrido afogado ao atravessá-lo...

— Certamente; nem uma criança se afogaria nele.

Galgamos a ponte e fomos admitidos na casa por um indivíduo estranho, anguloso e enrugado: o mordomo Ames. O pobre velho estava pálido e trêmulo de comoção. O sargento da polícia, homem alto, cerimonioso e melancólico, ainda fazia guarda à sala fatídica. O médico já se havia retirado.

— Alguma novidade, sargento Wilson?— perguntou White Mason.

— Não, senhor. Nenhuma.

— Então pode ir para casa. Já trabalhou bastante; se precisarmos, mandaremos chamá-lo. É melhor o mordomo esperar lá fora. Diga-lhe que avise o sr. Cecil Barker, a sra. Douglas e a governanta de que talvez tenhamos necessidade de lhes falar dentro de alguns instantes. Agora, senhores, permitam-me que lhes dê a conhecer a opinião que a princípio formei e, assim, habilite cada um a formar o seu próprio juízo.

Senti-me impressionado com aquele profissional do interior. Possuía um seguro domínio dos fatos e um raciocínio frio e lúcido, que o haviam de pôr em destaque na



profissão. Holmes escutava-o atentamente, sem dar sinais da impaciência que freqüentemente lhe produzia o expoente da autoridade oficial.

— Trata-se de suicídio ou crime? Creio ser essa, senhores, a nossa primeira pergunta. Se foi suicídio, temos de admitir que esse homem tenha principiado por tirar a aliança e ocultá-la; que depois se dirigiu para aqui, vestido com o seu roupão, deixou marcas de lama num canto, atrás da cortina, para fazer crer que alguém estava à espera, abriu a janela, derramou sangue no...

— É evidente que podemos abandonar essa idéia — atalhou MacDonald.

— Assim penso. O suicídio está posto de lado. Nesse caso, foi cometido um crime. O que nos resta determinar é se ele foi cometido por uma pessoa de fora ou de dentro da casa.

— Muito bem; ouçamos o que tem a dizer a esse respeito.

— Há enormes dificuldades em ambos os casos; entretanto, uma ou outra coisa deve ter sucedido. Suponhamos primeiramente que certa pessoa... ou pessoas... de dentro da casa cometeu o crime. Essa pessoa... ou pessoas... apanhou o homem aqui embaixo num momento em que tudo se encontrava em silêncio, apesar de ninguém estar dormindo. O assassinato foi então praticado com a arma mais esquisita e barulhenta do mundo, de modo que todos soubessem o que havia acontecido... arma essa cuja presença na casa nunca fora notada. Não parece ser um início muito verossímil, não acham?

— Perfeitamente.

— Pois bem; todos estão de acordo em que, depois de ser dado o alarme, passou-se apenas um minuto, no máximo, antes de todos os moradores da casa... não somente o sr. Cecil Barker, não obstante ele afirmar ter sido o primeiro, mas Ames e todos os outros... se encontrarem no local. Os senhores querem convencer-me de que nesse curtíssimo espaço de tempo o culpado conseguiu deixar os sinais de pés no canto, abrir a janela, manchar o peitoral de sangue, tirar a aliança do dedo do morto e tudo o mais? É humanamente impossível!

— Você falou com muita clareza — disse Holmes. — Sinto-me propenso a concordar com a sua opinião.

— Nesse caso, somos forçados a voltar à teoria de que ele foi perpetrado por alguém vindo de fora. Temos ainda alguns obstáculos difíceis de transpor; todavia, de qualquer forma, deixam de ser impossibilidades. O homem penetrou na casa entre as quatro e meia e as seis horas... ou seja, no intervalo entre o crepúsculo e o momento em que a ponte foi levantada. Tinham vindo algumas visitas, e a porta estava aberta; nada, portanto, para lhe embargar os passos. Talvez fosse um ladrão comum ou alguém que tivesse contas a ajustar com o sr. Douglas. O fato de este ter passado a maior parte da vida na América e esta arma parecer de fabricação americana faz aceitar a segunda alternativa como a mais provável. Ele entrou nessa sala porque foi a primeira que se lhe deparou, e escondeu-se atrás da cortina. Aí permaneceu até depois das onze da noite, ocasião em que Douglas entrou na sala. Seguiu-se uma breve discussão, se houve de

fato discussão, pois a sra. Douglas assegura que o marido a deixara poucos minutos antes de ela ouvir o disparo.

— A vela confirma isso — comentou Holmes.

— Perfeitamente. A vela, que era nova, não ardeu mais que um centímetro. Ele devia tê-la colocado sobre a mesa antes de ser atacado, porquanto, de outro modo, ela teria caído com ele ao chão. Isso prova que foi assaltado ao entrar na sala. Quando o sr. Barker chegou, o lampião estava aceso e a vela, apagada.

— Tudo isso é bastante claro.

— Muito bem; podemos reconstituir o crime baseados nessa suposição. O sr. Douglas entra na sala e coloca a vela em cima da mesa. Surge um homem de trás da cortina, empunhando essa arma. Reclama a aliança... só Deus sabe por quê, mas deve ter sido assim. O sr. Douglas atende o pedido. Depois, a sangue-frio ou no decorrer de uma luta... é possível que Douglas tivesse se apoderado do martelo encontrado no tapete... descarrega a espingarda em Douglas, matando-o dessa maneira horrorosa. Deixa cair a arma e também este estranho cartão, "V. V. 341", seja qual for a sua significação, e, fugindo pela janela, atravessa o fosso no instante exato em que o sr. Cecil Barker descobre o crime. Que tal, sr. Holmes?

— Muito interessante, apenas um tanto inconvincente.

— Homem, isso seria positivamente absurdo se qualquer outra suposição não fosse ainda pior — exclamou MacDonald. — Alguém matou Douglas, e, quem quer que tenha sido, eu poderia perfeitamente provar-lhe que ele devia tê-lo feito de qualquer outra forma. Que pretendia ele ao arriscar-se assim a ficar com a saída cortada? E ao usar uma arma de fogo, quando o silêncio era a sua única probabilidade de escapar? Vamos, sr. Holmes, ao senhor compete dar-nos uma explicação, desde que julga inconvincente a teoria de White Mason.

Holmes conservara-se sentado durante o longo debate, observando tudo com grande atenção, sem perder a menor palavra do que fora dito, dirigindo o olhar penetrante para todos os lados e trando, com a testa enrugada, o exame minucioso a que submetia tudo em redor.

— Gostaria de ter mais alguns dados, antes de chegar a formular uma teoria, Mac — retrucou ele, ajoelhando-se ao lado do cadáver. — Deus meu! Estes ferimentos são realmente espantosos. Podemos mandar entrar o mordomo por um instante?



Este não demorou a aparecer.

— Ames, disseram-me que você viu, por diversas vezes, esta marca de fogo deveras estranha, um triângulo dentro de um círculo, no antebraço do sr. Douglas.

— Em várias ocasiões, senhor.

— Nunca ouviu nenhuma hipótese quanto ao seu significado?

— Não, senhor.

— Deve ter causado muitas dores quando lhe foi imposta. É indiscutível que se trata de uma queimadura. Noto agora, Ames, um pedacinho de emplastro no queixo do sr. Douglas. Reparou nisso antes, enquanto ele estava vivo?

— Sim, senhor. Cortou-se ao fazer a barba ontem de manha.

— Soube, alguma vez, que ele se tenha ferido ao barbear-se em qualquer outra ocasião?

— Há muito tempo que estou aqui e nunca soube disso.

— É sugestivo! — exclamou Holmes. — Pode ser, naturalmente, mera coincidência, mas também pode indicar certo nervosismo, que, por sua vez, prova que tinha razão para estar atemorizado. Observou algo de estranho na sua atitude, ontem?

— Achei-o um tanto irritado e inquieto, senhor.

— Ah! O ataque talvez não tivesse sido de todo inesperado. Parece que fazemos alguns progressos, não acham? Você provavelmente há de querer fazer perguntas, não, Mac?

— Não, sr. Holmes; isso está em muito melhores mãos.

— Muito bem; passemos, pois, a este cartão, "V. V. 341". É de papelão ordinário. Há algum deste tipo, na casa?

— Creio que não,

Holmes encaminhou-se para a escrivaninha e derramou um pouco de tinta, de cada um dos tinteiros, no mata-borrão.

— Não foi escrito nesta sala — disse. — Esta tinta é preta e a que foi usada, um tanto purpúrea. Foi escrito com uma pena grossa e estas são finas. Não; foi escrito em qualquer outro lugar, sou capaz de afirmar. Tem alguma idéia do que ele quer dizer, Ames?

— Não, senhor; nenhuma.

— Que pensa disso, Mac?

— Tenho a impressão de que se trata de alguma sociedade secreta, talvez a mesma que lhe fez o sinal no ante-braço.

— É a minha opinião, também — concordou White Mason.

— Podemos adotá-la como hipótese e verificar até onde podemos fazer desaparecer as dificuldades que se nos antepõem à solução deste problema. Um agente dessa sociedade consegue introduzir-se na casa, espera pelo sr. Douglas, quase lhe arranca a cabeça com um tiro e foge pelo osso, após deixar um cartão junto do cadáver, o qual, mencionado nos jornais, avisaria os outros membros de que a vingança estava consumada. Até aí está tudo muito bem. Mas por que se utilizou ele de uma espingarda?

— Precisamente.

— E qual a razão do desaparecimento da aliança?

— É isso o que eu pergunto.

— E por que não foi efetuada prisão alguma? Já passa das duas horas. Estou certo de que, desde o romper da madrugada, todos os policiais, num raio de setenta quilômetros, encontram-se à procura de um desconhecido com as calças encharcadas.

— Perfeitamente, sr. Holmes.

— Pois bem; a menos que ele tivesse se metido numa toca nas cercanias ou possuísse uma muda de roupa, não podia deixar de ser apanhado. E, no entanto, até agora não foi capturado.

Holmes dirigira-se à janela e pusera-se a examinar, com uma lente, a mancha de sangue sobre o peitoril.

— Trata-se, inegavelmente, do sinal de uma sola de sapato. É de proporções respeitáveis e, diria eu, de um pé chato, que pisa para fora. Curioso, porque, tanto quanto se podem descobrir quaisquer pegadas neste canto sujo de lama, dir-se-ia tratar-se de marcas de solas mais bem-conformadas. Todavia, elas são, na verdade, muito indistintas. Que é isto debaixo desta mesinha?

— São os halteres com que o sr. Douglas praticava ginástica — respondeu Ames.

— Os halteres... Vejo apenas um. Onde está o outro?

— Não sei, sr. Holmes. Talvez houvesse apenas um. Há meses que não os vejo.





— Um haltere apenas!... — dizia Holmes, gravemente, quando foi interrompido na sua observação por súbita pancada na porta. Um homem alto, queimado do sol, de fisionomia inteligente, rigorosamente escanhado, surgiu no umbral e fixou-nos com ar resoluto. Não me foi difícil adivinhar que se tratava de Cecil Barker, de quem já ouvira falar. Seus olhos autoritários fitaram rapidamente cada um de nós, com ar interrogativo.

— Desculpem-me interromper-lhes a conferência — disse ele —, mas precisam saber da última novidade.

— Prenderam alguém?

— A sorte não chega a tanto. Foi encontrada, porém, a bicicleta dele. O homem abandonou-a, na fuga. Venham vê-la. Está a cerca de cem metros da porta de entrada.

Deparamos com três ou quatro criados e alguns curiosos no passeio, examinando uma bicicleta que havia sido retirada de uma touceira de pinheiros, onde fora ocultada. Era uma Rudge Whirtworth, muito usada, suja de lama, como se tivesse feito uma longa jornada. Possuía bolsa de ferramentas, que continha uma chave de parafusos e uma lata de óleo; nada, todavia, que indicasse o dono.

— Seria de grande auxílio para a polícia — comentou o inspetor — se estas coisas fossem numeradas e registradas. Devemos, no entanto, dar-nos por muito felizes com o que encontramos. Se não pudermos descobrir para onde ele foi, ao menos é provável que saibamos de onde veio. Mas por que cargas-d'água resolveu o sujeito abandoná-la? E como... diabos o levem!... conseguiu ele fugir sem ela? Parece que não encontramos o menor raio de luz neste caso, sr. Holmes.

— Não? — retrucou o meu amigo, com ar pensativo. — Quem sabe?

## **Capítulo quinto: As personagens do drama**

— Já viram no gabinete tudo o que queriam? — indagou White Mason, ao regressarmos à casa.

— Por enquanto... — respondeu o inspetor, e Holmes concordou com um gesto de cabeça.

— Nesse caso, talvez queiram ouvir agora o depoimento do pessoal da casa. Podíamos utilizar a sala de jantar, Ames? Por favor, venha você primeiro e conte-nos o que sabe.

A declaração do mordomo foi simples e clara e deu uma impressão convincente de sinceridade. Fora contratado havia cinco anos, quando o sr. Douglas chegou a Birlstone. Pelo que sabia, o sr. Douglas era um cavalheiro abonado e fizera fortuna na América. Era um patrão bondoso e compreensivo — não exatamente do tipo a que Ames estava habituado, mas neste mundo não se pode ter tudo. Nunca notara qualquer sinal de apreensão por parte do sr. Douglas — pelo contrário, era o homem mais destemido que

conhecera. Mandava levantar a ponte levadiça todas as noites por i (instituir uma tradição da velha casa, e ele gostava de manter os antigos hábitos. O sr. Douglas raramente ia a Londres ou se afastava da vila; entretanto, no dia do crime esteve fazendo compras em Tunbridge Wells. Ele, Ames, observou algum desassossego e certa excitação no sr. Douglas nesse dia, pois ele parecia impaciente e irritadiço, o que não lhe era habitual. Não tinha ido se deitar naquela noite, pois estava na despensa, nos fundos da casa, guardando a prataria, quando ouviu a campainha tocar violentamente. Não ouviu tiro algum, o que, todavia, talvez não lhe fosse possível, porquanto a despensa e a cozinha ficavam na parte posterior da habitação e havia de permeio várias portas fechadas e um longo corredor. A governanta saiu do seu quarto, atraída pelo enérgico soar da campainha, e, juntos, dirigiram-se para a porta da entrada. Quando tinham acabado de descer a escada, viram a sra. Douglas descendo-a. Não, não precipitadamente — e nem lhe pareceu que ela estivesse particularmente agitada. No momento exato em que ela alcançava o último degrau, o sr. Barker saiu rapidamente do gabinete. Deteve-a e implorou-lhe que voltasse.

"Pelo amor de Deus, volte para o seu quarto!", gritou. "O pobre Jack está morto; você não pode fazer nada. Suplico-lhe, volte!"

Após alguma insistência junto à escada, a sra. Douglas regressou ao quarto. Não gritou; nem mesmo emitiu o menor gemido. A sra. Allen, a governanta, conduziu-a escada acima e ficou lhe fazendo companhia no quarto. Ames e o sr. Barker voltaram, então/para o gabinete, onde encontraram tudo exatamente como a polícia viu. A vela estava apagada, nessa ocasião, mas o lampião estava aceso. Aproximaram-se da janela e olharam para fora; a noite, porém, estava muito escura, e nada puderam ver nem ouvir. Depois, dirigiram-se rapidamente para o vestíbulo, onde Ames mexeu no mecanismo que fazia descer a ponte levadiça. O sr. Barker saiu correndo, então, para avisar a polícia.



Tal foi, na sua essência, o depoimento do mordomo.

A declaração da sra. Allen, a governanta, não foi mais do que uma confirmação da do seu colega. Seu quarto ficava muito mais próximo da entrada do que a despensa na qual Ames estivera trabalhando. Preparava-se para ir para a cama quando o forte som da campainha lhe atraiu a atenção. Era um tanto surda, e talvez por isso não tivesse ouvido o disparo; de qualquer modo, o gabinete ficava distante. Lembrava-se de ter notado um ruído qualquer, que supôs ser o bater violento de uma porta. Isso foi muito mais cedo... pelo menos meia hora antes de soar a campainha. Quando o sr. Ames correu para a frente da casa, ela o acompanhou. Viu o sr. Barker sair do gabinete, muito pálido e agitado. Ele disse à sra. Douglas, que descia a escada, que parasse. Suplicou-lhe que voltasse para os seus aposentos, e ela respondeu-lhe qualquer coisa que não pôde ser ouvida.

"Leve-a para cima e fique lá com ela", disse ele à sra. Allen.

Por conseguinte, ela acompanhou a patroa até o quarto e procurou acalmá-la. A sra. Douglas estava muito excitada e dominada por um forte tremor, mas não fez nenhuma outra tentativa para tornar a descer. Deixara-se ficar sentada, em traje de dormir, junto à lareira, com a cabeça entre as mãos. A sra. Allen passara a maior parte da noite na sua companhia. Quanto aos outros criados, todos já tinham se deitado, e não tiveram conhecimento do alarme, a não ser pouco antes da chegada da polícia. Dormiam na outra extremidade do prédio, e não havia possibilidade de ouvirem fosse o que fosse.

Ali terminou o depoimento da governanta, que não soube responder a outras perguntas senão por meio de lamentos e expressões de assombro.

O sr. Cecil Barker sucedeu à sra. Allen como testemunha. Quanto aos acontecimentos da noite anterior, pouco acrescentou ao que já declarara à polícia. Pessoalmente, estava convencido de que o criminoso fugira pela janela. Ademais, visto a ponte se encontrar levantada, não havia outra forma possível de fuga. Não sabia explicar o que acontecera ao assassino, nem dizer por que este não levava a bicicleta, se é que ela, de fato, lhe pertencia. De maneira alguma poderia ter morrido afogado no fosso, cuja profundidade em nenhum ponto ia além de um metro.

Concebeu uma teoria muito definida a respeito do crime. Douglas era homem de poucas palavras, e havia alguns capítulos da sua vida aos quais jamais se referira. Emigrara da Irlanda para a América ainda muito jovem, e lá prosperara bastante. Barker encontrara-o, pela primeira vez, na Califórnia, onde se tornaram sócios na exploração de uma mina bastante rendosa, num lugar chamado Benito Canyon. Foram muito bem sucedidos, mas Douglas repentinamente vendeu a sua parte e partiu para a Inglaterra. Nessa época era viúvo. Barker, mais tarde, também liquidou seus negócios e veio para Londres. Dessa forma, renovaram a antiga amizade. Tinha a impressão de que Douglas temia qualquer perigo iminente, pois sua rápida partida da Califórnia e também a circunstância de ter alugado uma casa num lugar tão retirado da Inglaterra pareciam estar relacionadas com esse perigo. Barker imaginava que alguma sociedade secreta, uma espécie de organização inexorável, estivesse no rasto de Douglas, e que só descansaria quando o tivesse liquidado. Essa idéia derivara de comentários casuais feitos pelo amigo, apesar de este nunca lhe ter dito de que sociedade se tratava e como a ofendera. Só podia supor que a legenda do cartão tivesse relação com semelhante sociedade secreta.

— Quanto tempo o senhor esteve com Douglas na Califórnia? — perguntou o inspetor MacDonald.

— Cinco anos ao todo.

— O senhor disse que ele era solteiro?

— Não, viúvo.

— Soube, por acaso, de onde era a primeira mulher?

— Não; lembro-me de ouvi-lo dizer que era de origem sueca, e certa vez vi seu retrato. Devia ser uma mulher muito bela. Morreu de tifo, um ano antes de eu vir a conhecer Douglas.

— Não associa o passado dele a determinada região da América?

— Ouvi-o falar de Chicago, cidade que conhecia bem e onde trabalhou. Falava também das zonas mineiras de carvão e ferro. Ele devia ter viajado muito.

— Era político? Essa sociedade secreta relacionava-se com a política?

— Não; ele não se interessava por isso.

— Não tem motivos para supor que ele fosse um criminoso?

— Pelo contrário; jamais conheci pessoa mais íntegra.

— Havia algo de anormal na sua vida, na Califórnia?

— Ele preferia passar todo o tempo trabalhando na nossa mina nas montanhas. Se pudesse, evitava ir a lugares onde estivessem outros homens. Foi isso o que me levou a pensar que alguém pudesse estar no seu encalço. Depois, como ele partira subitamente para a Europa, minha suspeita transformou-se em certeza. Creio que recebeu algum aviso, pois, uma semana após sua partida, apareceram uns homens à sua procura.

— Que espécie de homens?

— Gente de muito mau aspecto. Apresentaram-se na mina e quiseram saber onde ele se encontrava. Disse-lhes que embarcara para a Europa, mas não sabia onde estava. Que não o procuravam com boas intenções, era fácil verificar.

— Esses homens eram americanos, ou melhor, californianos?

— Bem, não sou capaz de distinguir um californiano; mas não havia dúvida de que se tratava de americanos. No entanto, não eram mineiros. Não faço idéia do que fossem; o que é certo é que fiquei contente ao vê-los pelas costas.

— Isso foi há seis anos?

— Quase sete.

— E, portanto, se os senhores estiveram juntos cinco anos na Califórnia, esse fato data de onze anos atrás, no mínimo?

— Exatamente.

— Deve ter sido rixa muito séria para se manter com tanta intensidade por todo esse tempo. Não seria coisa sem importância que daria motivo a isso.

— Julgo que esse pesadelo o atormentou toda a vida. Nunca o abandonou.

— Mas, se um homem tivesse consciência de que um perigo o ameaçava e soubesse do que se tratava, não acha que havia de procurar proteção junto da polícia?

— Talvez fosse algum perigo contra o qual não houvesse meio de se proteger. Há uma coisa que os senhores precisam saber. Ele andava sempre armado; o revólver jamais lhe saía do bolso. Mas, por azar, ontem à noite, estava de roupão e deixara-o no quarto. Suponho que, uma vez levantada a ponte, ele se julgava seguro.

— Gostaria de esclarecer mais esses dados — disse MacDonald. — Há quase seis anos Douglas abandonou a Califórnia. O senhor seguiu-o um ano depois, não é exato?

— Perfeitamente.

— E ele estava casado havia cinco anos. O senhor deve ter voltado mais ou menos na época do seu casamento.

— Cerca de um mês antes. Fui seu padrinho.

— Conhecia a sra. Douglas antes do casamento?

— Não, não a conhecia. Estive dez anos ausente da Inglaterra.

— Não obstante, o senhor a viu freqüentemente depois disso.

Barker olhou severamente para o policial.

— Depois disso, encontrei-me freqüentes vezes com Douglas — retorquiu. — Se a tenho visto, é porque não se pode visitar um homem casado sem tomar conhecimento de sua mulher. Se julga haver alguma relação...

— Não julgo nada, sr. Barker. Sou forçado a pedir informações sobre tudo o que possa trazer luz a este caso. Não tenho intenção de ofendê-lo.

— Certas perguntas são injuriosas — retrucou Barker, irritado.

— Queremos apenas os fatos. É de seu interesse, e de todos os demais, que eles sejam esclarecidos. O sr. Douglas aprovava incondicionalmente a amizade que unia o senhor à mulher dele?

Barker tornou-se lívido e suas mãos grandes e fortes comprimiram-se uma contra a outra, num gesto convulsivo.

— O senhor não tem o direito de fazer tais perguntas! — gritou. — Que pode isso ter com o assunto que o senhor está investigando?

— Sou forçado a insistir na pergunta.

— E eu me recuso a responder-lhe.

— O senhor pode se recusar a isso, mas deve compreender que a sua negativa é, por si mesma, uma resposta, pois o senhor não faria tal coisa se não tivesse algo a esconder.

O rosto de Barker fechou-se por um instante e suas vastas sobrancelhas negras se contraíram sob um impulso veemente, mas, de súbito, ele acalmou-se e sorriu.

— Pois bem! Afinal de contas, concordo em que os senhores estão apenas cumprindo o seu dever, e não tenho o direito de criar-lhes obstáculos. Peço-lhes somente para não aborrecerem a sra. Douglas com esse assunto, pois ela já tem sofrido bastante. Posso dizer-lhes que o pobre Douglas tinha um único defeito na vida, e esse defeito era o ciúme. No entanto, gostava muito de mim... homem algum poderia querer tão bem a um amigo como ele me queria. E era muito devotado à mulher. Sentia prazer em que eu viesse aqui e vivia constantemente a me chamar. E, contudo, se eu e sua mulher conversássemos a sós ou parecesse haver alguma simpatia entre nós, um súbito acesso de ciúme o assaltava, fazendo-o perder a cabeça e dizer as maiores insolências. Por esse motivo, eu havia jurado a mim mesmo, mais de uma vez, não voltar a procurá-lo; mas, depois, ele me escrevia cartas tão penitentes e suplicantes, que eu acabava sempre voltando atrás na minha decisão. Posso porém afirmar-lhes, senhores, sob palavra de honra, que nenhum homem jamais teve mulher mais amorosa e fiel... e, posso garantir-lhes também, nenhum amigo mais leal do que eu.

Disse isso com grande fervor e convicção, mas, apesar de tudo, o inspetor MacDonald não pôde abandonar o desagradável assunto.

— O senhor sabe — perguntou — que a aliança do morto lhe foi tirada do dedo?

— Assim parece — respondeu Barker.

— Por que diz "assim parece"? O senhor sabe muito bem que se trata de um fato positivo.

O homem mostrou-se confuso e indeciso.

— Quando disse "assim parece", pretendi lembrar que talvez o próprio Douglas a tivesse tirado.

— O simples fato de faltar a aliança, seja quem for que a tenha tirado, sugere a qualquer pessoa que existe relação entre o casamento e a tragédia. Não lhe parece?

Barker encolheu os seus ombros largos.

— Não saberia dizer o que isso possa sugerir — retrucou. — Mas se o senhor pretende insinuar que isso se reflete, de qualquer modo, na honra da senhora... — Seus olhos brilharam por um instante, mas, repentinamente, com esforço evidente, controlou as emoções. — Pois bem, os senhores estão trilhando o caminho errado; eis tudo.

— Não creio ter mais perguntas a lhe fazer, por enquanto — disse MacDonald, friamente.

— Desejava ainda um pequeno esclarecimento — interpôs Holmes. — Quando o senhor entrou na sala, havia apenas uma vela acesa sobre a mesa, não é verdade?

— Precisamente.

— E, à luz dessa vela, o senhor notou que alguma coisa de horrível havia sucedido?

— Exatamente.

— E tocou imediatamente a campainha, pedindo auxílio?

— Sim.

— E chegou prontamente?

— Em um ou dois minutos.

— No entanto, quando os outros apareceram, viram que a vela estava apagada e o lampião, aceso. Isso me parece muito importante.

Mais uma vez, Barker deixou transparecer sinais evidentes de indecisão.

— Não vejo por que isso seja digno de nota, sr. Holmes — respondeu ele, após uma pausa. — A luz da vela era muito fraca, e, por esse motivo, o meu primeiro pensamento foi arranjar outra melhor. O lampião estava sobre a mesa, e eu o acendi.

— E apagou a vela?

— Perfeitamente.

Holmes não fez mais perguntas, e Barker, depois de ter lançado a cada um de nós um olhar que me pareceu encerrar certo desafio, voltou-nos as costas e retirou-se da sala. O inspetor MacDonald tinha mandado dizer à sra. Douglas que a procuraria em seu quarto. Ela, porém, respondeu que preferia encontrar-se conosco na sala de jantar. Entrou logo em seguida: uma senhora alta e bela, dos seus trinta anos, sumamente reservada e segura de si, muito diferente da figura trágica e perturbada que eu havia imaginado. É verdade que seu rosto se apresentava pálido e abatido, como o de quem tivesse experimentado um grande choque; seus modos, todavia, eram calmos, e a mão delicada que pousou na borda da mesa estava tão firme como a minha. Os olhos tristes e suplicantes erraram por cada um de nós com uma expressão estranhamente indagadora. Esse olhar inquiridor transformou-se rapidamente numa pergunta inopinada.



— Já descobriram alguma coisa? Teria sido apenas a minha imaginação que me fez vislumbrar nessa pergunta mais um tom de temor do que de esperança?

— Temos feito todo o possível, minha senhora — assegurou o inspetor. — E pode estar certa de que não descuidaremos da mais leve minúcia.

— Não poupem despesas — disse ela, com voz débil e incolor. — Desejo que se façam todos os esforços possíveis para se chegar a uma rápida conclusão.

— A senhora talvez nos possa dizer alguma coisa que nos ajude a esclarecer o problema.

— Receio que não; em todo caso, tudo o que sei está às suas ordens.

— Contou-nos o sr. Barker que a senhora não viu... que não chegou a entrar na sala onde se desenrolou a tragédia.

— Não; ele me fez subir de novo a escada, suplicando-me que voltasse para o meu quarto.

— Exatamente. A senhora tinha ouvido o disparo e descera imediatamente.

— Vesti o roupão e desci no mesmo instante.

— Quanto tempo decorreu desde o momento em que ouviu o tiro e aquele em que se encontrou na escada com o sr. Barker?

— Dois minutos, talvez. É difícil calcular o tempo em tais circunstâncias. Ele me pediu insistentemente que não prosseguisse e garantiu-me que eu já não podia fazer nada. Em seguida, a governanta, a sra. Allen, levou-me para cima. Parecia estar vivendo um pesadelo horrível.

— Sabe nos dizer quanto tempo seu marido esteve no andar superior, antes de a senhora ouvir o disparo?

— Não; não sei. Ele saiu do quarto de vestir sem que eu desse por isso. Percorria todas as noites a casa inteira, pois tinha muito medo de um possível incêndio. Era a única , coisa que o atormentava.

— É esse precisamente o ponto ao qual eu desejava chegar, minha senhora. Conheceu seu marido somente quando ele regressou à Inglaterra, não é verdade?

— Sim. Estávamos casados havia cinco anos.

— Nunca o ouviu falar de algo ocorrido na América e que pudesse, talvez, constituir um perigo para ele?

A sra. Douglas refletiu profundamente, antes de responder.



— Sim — disse por fim. — Sempre tive a sensação de que ele se sentia ameaçado. Entretanto, nunca quis discutir tal assunto comigo. Não era por falta de confiança em mim... entre nós sempre houve o maior afeto e a mais absoluta confiança, mas porque evitava me causar preocupações. Temia que, se eu soubesse de tudo, ficasse aflita, e por esse motivo preferia manter-se silencioso.

— E como teve conhecimento disso, então?

O rosto da sra. Douglas iluminou-se com um rápido sorriso.

— Acha possível que um marido consiga esconder um segredo por toda a vida, sem que sua mulher, que o ama verdadeiramente, não o suspeite? Pressenti-o de diversas formas. Pela recusa em falar de alguns episódios da sua vida na América; por certos cuidados que costumava tomar; por certas palavras que às vezes lhe escapavam; pelo seu modo de olhar para pessoas estranhas que encontrava de repente. Eu estava absolutamente certa da existência de inimigos poderosos, que lhe andavam no encalço e dos quais procurava constantemente precaver-se. Tinha tanta certeza disso que, durante anos, se por vezes ele tardava em regressar a casa, eu era assaltada por um terror incrível.

— Poderia perguntar-lhe — interrompeu Holmes — quais foram as palavras que lhe atraíram a atenção?

— "O Vale do Terror" — respondeu a sra. Douglas. — Era uma expressão por ele usada sempre que eu o interrogava. "Estou no Vale do Terror e ainda não saí de lá." "Mas nunca conseguiremos sair do Vale do Terror?", perguntei-lhe uma vez, ao vê-lo mais preocupado do que de costume. "Algumas vezes penso que jamais o deixaremos", respondeu-me.

— A senhora, naturalmente, perguntou-lhe o que significava esse Vale do Terror?

— Sem dúvida; mas ele assumiu uma expressão grave e abanou a cabeça. "Considero já uma desgraça o fato de um de nós ter sido atingido pela sua sombra", disse-me. "Praza a Deus que ela jamais a atinja." Devia se tratar, de fato, de algum vale em que ele tivesse vivido e no qual lhe houvesse acontecido algo de espantoso.... disso estou segura... mas não lhe saberia dizer mais nada.

— E ele nunca se referiu a qualquer nome?

— Sim; certa vez, num delírio de febre, por ocasião de um acidente de caça, há três anos. Recordo-me de um nome que lhe vinha constantemente aos lábios. Pronunciava-o com cólera e certo horror. Era MacGinty o nome... grão-mestre MacGinty. Quando se restabeleceu, perguntei-lhe quem era esse grão-mestre MacGinty e de que ele era grão-mestre. "Graças a Deus! Nunca foi meu", retrucou, rindo. E isso foi tudo quanto pude obter dele. Estou certa, contudo, de haver uma relação entre o grão-mestre MacGinty e o Vale do Terror.

— Ainda um esclarecimento — disse o inspetor MacDonald. — A senhora conheceu o sr. Douglas numa pensão em Londres e ali ficaram noivos, não é exato? Pode dizer-me se houve algo de romântico, de secreto ou misterioso no seu matrimônio?

— É claro que foi romântico; existe sempre um pouco de romance num casamento. Nada, porém, de misterioso,

— O sr. Douglas não tinha nenhum rival?

— Claro que não; eu era completamente livre.

— A senhora, sem dúvida, já sabe que a aliança foi tirada do dedo do seu marido. Essa particularidade não lhe sugere nada? Supondo que algum inimigo dos velhos tempos o tivesse descoberto e assassinado, que motivo plausível poderia ter tido para se apoderar do seu anel de casamento? Eu poderia jurar que talvez um leve toque de ironia lhe tivesse passado fugazmente pêlos lábios.

— Verdadeiramente, não sei lhe dizer — respondeu. — É, na verdade, uma coisa insólita.

— Muito bem! Nós não a deteremos por mais tempo, e sentimos tê-la incomodado numa ocasião como esta — rematou o inspetor. — Precisamos ainda esclarecer outros pontos, não há dúvida, mas vamos chamá-la à medida que eles se apresentarem.

Ela levantou-se, e eu tive novamente a sensação de que o olhar rápido e interrogativo que nos lançou queria dizer: "Que impressão lhes causaram as minhas declarações?" Se essa pergunta tivesse sido proferida, não poderia ser mais evidente. Depois, com uma leve inclinação de cabeça, retirou-se da sala.

— É uma bela mulher... uma mulher belíssima — comentou MacDonald, com ar pensativo, depois de a sra. Douglas fechar a porta atrás de si. — Certamente, esse Barker deve ter estado aqui muitas vezes. É um homem que pode atrair a atenção das Mulheres. Ele admite que o morto era ciumento e talvez saiba, melhor que qualquer outro, os motivos desse ciúme. E depois, aquele caso da aliança... é uma coisa difícil de engolir. O homem que arranca da mão de um cadáver o anel nupcial... Que diz a isso, sr. Holmes?

O meu amigo ficara sentado, durante todo o tempo, com a cabeça apoiada nas mãos, imerso em profunda meditação. Levantou-se, de súbito, e tocou a campainha.

— Ames — perguntou ao mordomo, ao vê-lo surgir —, onde se encontra o sr. Barker neste momento?

— Vou ver, senhor.

Regressou dentro de breve instante e informou que o sr. Barker se encontrava no jardim.

— É capaz de se lembrar, Ames, de como estava calçado o sr. Barker ontem à noite, quando o encontrou no gabinete?

— Perfeitamente, sr. Holmes; calçava chinelos. Eu próprio lhe trouxe os sapatos, quando ele saiu para avisar a polícia.

— Onde estão agora esses chinelos?

— Debaixo de uma cadeira no vestíbulo.

— Muito bem, Ames. Naturalmente, é muito importante para nós saber quais são as pegadas do sr. Barker e quais as que provêm de pessoas de fora.

— Sim, senhor. Devo lhe dizer que notei que os chinelos dele estavam manchados de sangue... como, aliás, também os meus.

— O que é natural, dadas as condições da sala. Bem, Ames; se precisarmos de você, tocaremos a campainha.

Poucos minutos depois, estávamos no gabinete. Holmes trouxera consigo os chinelos encontrados no vestíbulo. Como Ames dissera, ambas as solas se achavam manchadas de sangue.



— É estranho! — murmurou Holmes, aproximando-se da claridade da janela e examinando-as minuciosamente,

— Na verdade, muito estranho!

Inclinando-se repentinamente num dos seus característicos saltos felinos, colocou o chinelo sobre a marca de san Rue do peitoril. Ambas as marcas correspondiam exatamente. Holmes sorriu silenciosamente para os seus colegas. Súbita emoção transfigurara as feições do inspetor. Seu sotaque nativo acentuou-se com a excitação.

— Caramba! — exclamou. — Mas não pode haver dúvida! Foi Barker quem fez essas marcas na janela. E uma pesada muito mais larga do que a de um sapato. Recordo-me de ter ouvido o senhor dizer que se tratava de

um pé chato, com a planta virada para fora, e eis aí a explicação. Mas que história é esta, sr. Holmes... o que há em tudo isto?

— Sim, que história é esta? — repetiu o meu amigo, com um ar pensativo.

White Mason soltou uma risadinha e esfregou as mãos gordas, num gesto de satisfação profissional.

— Eu disse que era um quebra-cabeça! — bradou. — E que quebra-cabeça!

## Capítulo sexto: Uma réstia de luz

Os três policiais tinham muito que discutir sobre diversos pormenores do caso, por isso regressei sozinho ao nosso modesto quarto na estalagem da vila. Antes disso, porém, resolvi dar um pequeno passeio pelo curioso jardim arcaico que flanqueava a casa. Circundavam-no fileiras de teixos velhíssimos, podados de maneira esquisita. No belo interior, estendia-se um relvado com um antigo relógio solar no centro; toda a atmosfera do local era tão plácida e repousante que exercia sobre os meus nervos abalados o efeito de um bálsamo. Nesse ambiente de paz profunda, era possível esquecer, ou recordar somente como pesadelo inverossímil, o gabinete sombrio em cujo pavimento jazia uma forma humana coberta de sangue. E, contudo, enquanto eu vagueava por aquele doce jardim, procurando acalmar o espírito no bafejo dos seus tépidos aromas, ocorreu um estranho incidente que me fez recordar de chofre a tragédia e me deixou uma sinistra impressão.

Já disse que o jardim era circundado por fileiras de teixos. Na extremidade mais afastada da casa, eles formavam uma sebe contínua. Do lado oposto dessa sebe, oculto aos olhos de quem se avizinhasse da habitação, havia um banco de pedra. Ao aproximar-me desse recanto, notei um ruído de vozes — uma voz masculina, que fazia alguma observação em tom grave, em contraste com um riso feminino, breve e cristalino. Um momento depois, quando eu me encontrava junto à sebe, meus olhos pousaram na sra. Dougals e no sr. Barker, antes que ambos notassem a minha presença. O aspecto dela desconcertou-me. Na sala de jantar, mostrara-se séria e discreta; agora, porém, toda a simulação de tristeza se dissipara. Seus olhos brilhavam com a alegria de viver e seu rosto ainda vibrava com o prazer que lhe anisaram as observações do companheiro. Este estava sentado, inclinado para a frente, com os dedos das mãos entrelaçados e os cotovelos apoiados nos joelhos, e um sorriso no rosto audaz e belo. Um breve instante depois — mas demasiado tarde —, recobriram suas máscaras solenes, ao notarem a minha presença. Trocaram entre si algumas palavras rápidas, após o que, Barker se levantou e veio ao meu encontro.

— Desculpe-me — disse —, é ao dr. Watson que tenho a honra de falar?

Inclinei a cabeça com uma frieza que revelava claramente a impressão desagradável suscitada no meu espírito pelo seu comportamento.

— Imaginamos que fosse justamente o senhor, em vista da sua tão conhecida amizade com o sr. Holmes. Poderia vir falar um momento com a sra. Douglas?

Segui-o, de rosto impenetrável. Via ainda muito nitidamente, no pensamento, aquele corpo golpeado estendido no soalho, e eis que, poucas horas depois do trágico acontecimento, a mulher do assassinado e o seu amigo mais íntimo estavam rindo, juntos, atrás de uma moita, no jardim que fora dele. Cumprimentei a senhora muito reservadamente. Compartilhara a sua dor na sala de jantar; agora, porém, respondia-lhe ao olhar suplicante com olhos implacáveis.

— Receio que o senhor me julgue insensível e sem coração — disse ela.

— Isso não me diz respeito — retorqui-lhe, com um encolher de ombros.

— Talvez um dia o senhor me faça justiça. Se puder compreender...

— Não vejo por que o dr. Watson deva compreender! — interrompeu prontamente Barker. — Como ele próprio o disse, isso não lhe diz respeito.

— Precisamente — concordei —, e por isso peço-lhes licença para prosseguir o meu passeio.

— Um momento, dr. Watson — gritou a sra. Douglas, em tom de súplica. — Há uma pergunta à qual o senhor pode responder com mais autoridade que qualquer outra pessoa no mundo, e isso para mim poderá ter uma enorme importância. Conhece o sr. Holmes e as suas relações com a polícia melhor do que ninguém. Se ele fosse informado confidencialmente de alguma coisa, julga que teria absoluta necessidade de transmitir essa informação aos agentes encarregados da investigação oficial?

— Justamente — ajuntou Barker, ansioso. — Ele trabalha por conta própria ou opera unicamente por encargo das autoridades oficiais?

— Francamente, não me julgo no direito de poder me pronunciar sobre esse ponto.

— Por favor... suplico-lhe que nos ajude, dr. Watson. Garanto-lhe que o senhor nos favorecerá... auxiliando-me grandemente se nos esclarecer nessa questão.

Havia na voz da mulher tal sinceridade que, por um instante, esqueci completamente a sua leviandade e senti-me propenso unicamente a satisfazer-lhe o desejo.

— Holmes é um investigador independente — expliquei. — Não tem de prestar contas a ninguém e age de acordo com o seu julgamento pessoal. Por outro lado, não pode deixar de ser leal para com os agentes que com ele operam, e certamente não lhes ocultará nada que possa ajudá-los a entregar um criminoso à justiça. Nada mais posso dizer além disso, e aconselho-os a dirigirem-se ao próprio Holmes se desejam esclarecimentos mais amplos.

Em seguida, despedi-me, tirando o chapéu, e continuei o meu caminho, deixando-os sentados atrás da sebe protetora. Ao dar a volta à extremidade desta, voltei a cabeça e vi-os ainda conversando animadamente, e, como seus olhares me acompanhavam, era evidente que debatiam a entrevista que acabavam de ter comigo.

— Não quero ouvir-lhes as confidências — disse-me Holmes, quando lhe narrei o ocorrido. Meu amigo passara a tarde inteira na mansão, conferenciando com seus dois colegas, e regressara à estalagem por volta das cinco horas com um apetite devorador, resolvido a liquidar a abundante mesa de chá que eu lhe mandara preparar.

— Nada de confidências, Watson, porque se tornam demasiado embaraçosas se delas resulta uma prisão por crime premeditado.

— Acredita que a situação chegue a tal ponto?

Holmes encontrava-se num dos seus estados de espírito mais alegres e cordiais.

— Meu caro Watson, logo que tiver terminado este quarto ovo, estarei em condições de pô-lo a par de toda a situação. Não digo que tenhamos penetrado o problema até o fundo... longe disso, mas quando tivermos descoberto o outro haltere...

— O outro haltere?!

— Santo Deus, Watson! É possível que ainda não tenha compreendido que todo o caso gira em torno do haltere desaparecido? Ora, ora, não precisa ficar envergonhado, pois aqui entre nós, não creio que nem o inspetor Mac nem aquele outro excelente funcionário local tenham atinado com a extraordinária importância desse pormenor. Um único haltere, Watson! Pense um pouco se poderá existir um atleta que se sirva apenas de um. Imagine o desenvolvimento unilateral, o risco iminente de deformação da espinha dorsal. É absurdo, Watson, não lhe parece?

Mastigando uma torrada e com os olhos cintilantes de malícia, divertia-se a observar a minha confusão mental. Era suficiente reparar no seu ótimo apetite para ter uma garantia de êxito, pois eu me recordava perfeitamente de dias e noites nos quais ele nem pensava em se alimentar, quando se mantinha confuso perante um problema insolúvel, e seu rosto, já de si tão magro e descarnado, ainda mais se afinava no ascetismo de uma completa concentração mental. Acendeu, por fim, o cachimbo e, sentado num canto da lareira da velha hospedaria, pôs-se a falar lenta e desordenadamente sobre o caso, mais como quem pensa em voz alta do que como quem exprime um juízo já refletido e maduro.

— Uma mentira, Watson, um embuste imenso, total, formidável... eis o que se nos apresenta de início. Eis o nosso ponto de partida. Toda a história contada por Barker é uma mentira. Mas essa história é corroborada pela sra. Douglas; portanto, ela também está mentindo. Ambos mentem, e de comum acordo. Aqui estamos, pois, em face de um problema nítido: por que mentem, e qual será a verdade que ambos procuram tão desesperadamente ocultar? Vejamos, Watson, se conseguimos, nós dois, desmascarar essa mentira e reconstituir a verdade.

— Mas...

— Como sei que eles estão mentindo? Simplesmente porque se trata de uma invenção desastrada, que não pode ser verdadeira. Reflita! De acordo com a versão que nos foi apresentada, o assassino teve menos de um minuto, após perpetrar o delito, para tirar a aliança, que se encontrava abaixo de outro anel no dedo do morto, e repor esse outro anel... coisa que naturalmente jamais fez, e para colocar aquele misterioso cartão ao lado da sua vítima. Afirmo que isso é evidentemente impossível. Você pode objetar... todavia, respeito muito o seu bom senso, Watson, para julgar que possa fazê-lo... que a aliança tivesse sido tirada antes de o homem ter sido morto. O fato de a vela ter estado acesa durante muito pouco tempo mostra que não houve uma entrevista prolongada. Era Douglas, pelo que sabemos do seu caráter intrépido, homem que entregasse a própria aliança com tanta facilidade, ou melhor, podemos imaginar que de fato ele a tivesse entregado? Não, não, Watson, o assassino permaneceu junto do morto, com o lampião aceso, por um período certamente mais longo. Sobre esse ponto não tenho a menor dúvida. Entretanto, o tiro foi, aparentemente, a causa da morte. Devia, por conseguinte,

ter sido disparado antes do que nos disseram. Não pode existir engano a respeito de um ponto como esse. Encontramo-nos, portanto, em presença de conivência deliberada por parte das duas pessoas que ouviram o disparo: Barker e a sra. Douglas. E agora, para coroar tudo isso, já que estou apto a demonstrar que a pegada de sangue no peitoril da janela foi deliberadamente ali deixada por Barker a fim de colocar a polícia numa pista falsa, você tem de admitir que os indícios fazem com que suspeitemos gravemente desse homem.

"Temos, em seguida, que nos perguntar a que horas o crime de fato ocorreu. Até as dez e meia, os criados moviam-se pela casa; logo, certamente não foi antes dessa hora. Às dez e quarenta e cinco, todos eles tinham se recolhido aos seus quartos, com exceção de Ames, que se encontrava na despensa. Fiz certas experiências depois que você nos deixou esta tarde e verifiquei que nenhum ruído feito por MacDonald no gabinete podia ser ouvido por mim na despensa, se todas as portas estivessem fechadas. Sucedeu o contrário, porém, em relação ao quarto da governanta. Não fica tão ao fundo do corredor, e dele se consegue perceber vagamente uma voz, desde que se fale em tom muito alto. O estampido de um tiro é até certo ponto abafado, quando a descarga é feita à queima-roupa, como sem dúvida o foi neste caso. Pode não ter sido muito forte, mas mesmo assim, dado o silêncio da noite, deve ter sido ouvido do quarto da sra. Allen. Esta é, como ela mesma o disse, um pouco surda; no entanto, declarou, no seu depoimento, ter escutado algo como o bater de uma porta, meia hora antes de ser dado o alarme. Meia hora antes do alarme significa dez e quarenta e cinco. Estou certo de que foi o disparo da arma de fogo o estrondo por ela ouvido, e de que foi esse o momento exato do delito. Se assim é, precisamos agora determinar o que o sr. Barker e a sra. Douglas, admitindo não terem sido eles os verdadeiros assassinos, estavam fazendo das dez e quarenta e cinco, ou seja, o instante em que o barulho da descarga os fez descer, até as onze e quinze, quando tocaram a campainha e chamaram os criados. Que faziam eles e por que não deram imediatamente o alarme? Esse é o problema que temos de resolver, e, quando o tivermos deslindado, teremos avançado bastante no caminho da solução final."

— Pessoalmente, também estou convicto — disse eu — de que entre os dois deve existir um entendimento. Ela deve ser uma criatura desalmada para estar rindo assim, sei lá de que tolice, poucas horas após o assassinato do marido.

— Exatamente. Ela não dá a impressão de uma verdadeira esposa, mesmo quando descreve os fatos ocorridos. Não sou admirador incondicional do belo sexo, como você bem sabe, Watson, mas a minha experiência da vida ensinou-me que é rara a mulher que, com um mínimo de consideração pelo próprio marido, encontra consolação nas palavras de qualquer homem, a ponto de abandonar o cadáver do marido. Se algum dia eu me casar, Watson, espero ser capaz de inspirar à minha mulher tais sentimentos que não lhe permitam deixar-se levar docilmente por uma governanta, quando o meu cadáver jazer a poucos metros de distância. A pantomima foi muito mal ensaiada, pois mesmo o mais imbecil dos investigadores deveria sentir-se chocado com a total falta do habitual pranto feminino. Se não houvesse mais nada, bastaria essa lacuna para criar a suspeita de uma prévia conjura.

— Você então está convencido de que Barker e a sra. Douglas são culpados do homicídio?

— As suas perguntas, Watson, são de uma crueza impressionante! — exclamou Holmes, brandindo o cachimbo, em tom de gracejo, na minha direção. — Dão-me a impressão de projéteis desfechados contra mim. Se me perguntar se a sra. Douglas e Barker sabem a verdade acerca do delito e tentam escondê-la, posso, nesse caso, dar-lhe uma resposta positiva: estou certo disso. Sua conclusão mais cruel, todavia, não é tão clara. Reflitamos um instante nas dificuldades que se nos apresentam à formulação de tal hipótese.

"Suponhamos que esse par esteja unido pêlos laços de um amor culpável e que ambos hajam decidido desembaraçar-se do homem que lhes impedia a realização dos desígnios. É uma hipótese muito vaga, pois uma discreta indagação feita entre os criados e outras pessoas não logrou corroborá-la de modo algum. Pelo contrário, todas as testemunhas são concordes em afirmar que os Douglas constituíam um casal muito unido, dotado de mútua afeição."

— Afirmo-lhe que isso não pode ser verdade — interrompi, recordando o lindo rosto sorridente no jardim.

— Bom, pelo menos eles davam essa impressão. Vamos supor, contudo, que eles formem um par habilíssimo, que tivessem conseguido iludir a todos nesse ponto e tramassem o assassinato do marido. Acontece que ele era um homem sobre cuja cabeça pairava um perigo...

— Mas a esse respeito só podemos nos basear na palavra deles.

Holmes parecia pensativo.

— Compreendo, Watson. Formulamos uma teoria segundo a qual tudo o que eles dizem desde o princípio é falso. De acordo com essa opinião, jamais existiu qualquer ameaça oculta, ou sociedade secreta, ou Vale do Terror, ou grão-mestre Mac-Qualquer-Coisa, ou o que a isso se assemelhe. Mas isso é uma generalização bastante ampla. Vejamos ao que ela nos conduz. Eles inventam toda essa história para explicar o delito. Depois, para comprovar essa versão, abandonam uma bicicleta no parque a fim de provar a existência de alguém que teria vindo de fora. A mancha de sangue no peitoril da janela reforça essa idéia; e serve para o mesmo fim o cartão deixado junto do morto, o qual bem pode ter sido preparado em casa. Tudo isso se enquadra na nossa hipótese, Watson. Agora, porém, chegamos àqueles fragmentos angulosos, inajustáveis, que não se adaptam a nenhum lugar. Por que, entre tantas armas, uma espingarda de cano curto, e além disso de marca americana? Como podiam estar tão seguros de que o barulho da descarga não faria com que alguém os surpreendesse em flagrante? Foi mero acaso, por exemplo, a sra. Allen não ter ido investigar o motivo pelo qual aquela porta bateu. Qual a razão que levou os dois culpados a fazerem tudo isso, Watson?

— Confesso não estar em condições de dar uma explicação.

— E outra coisa: se uma mulher e o próprio amante conspiram para o assassinato do marido, como ousariam patentear a sua culpa subtraindo a aliança do dedo deste último, após havê-lo assassinado? Acha isso provável, Watson?

— Não; não acho.



— E ainda mais: se lhe ocorresse a idéia de deixar uma bicicleta escondida do lado de fora, valeria a pena fazê-lo, quando o mais estúpido dos policiais compreenderia tratar-se de um grosseiro estratagema, em virtude de a bicicleta ser a primeira coisa de que o fugitivo necessitava para se pôr a salvo?

— Não consigo encontrar explicações para isso.

— Entretanto, é pouco provável que haja uma combinação de acontecimentos para o qual o engenho humano não possa encontrar explicação. Simplesmente como exercício mental, sem pretender que seja exata, deixe-me indicar uma teoria provável. Admito tratar-se de pura imaginação, mas bem sabemos quantas vezes a imaginação é a mãe da verdade!

"Imaginemos, portanto, que na vida desse Douglas existisse de fato um segredo culposos, verdadeiramente infamante. Isso induz ao seu assassinato por um suposto vingador... alguém estranho à casa. Esse vingador, por motivos para os quais, confesso, não consegui ainda achar significação, apoderou-se da aliança do morto. A idéia da vingança, presumivelmente, podia datar da época do primeiro matrimônio de Douglas, e a aliança poderia ter sido subtraída por qualquer causa com ele relacionada. Antes que o tal vingador se afastasse, Barker e a sra. Douglas entraram na sala. O criminoso devia tê-los convencido de que qualquer tentativa de prendê-lo apenas serviria para a divulgação de um escândalo odioso. Os dois, influenciados pelo temor, preferiram deixá-lo fugir. Provavelmente, com esse propósito, arriaram a ponte levadiça. O homem tratou de pôr-se em fuga e, por qualquer motivo, achou mais seguro fazê-lo a pé do que de bicicleta. Abandonou, por conseguinte, o veículo onde ninguém pudesse descobri-lo, até ele se encontrar em lugar seguro. Até aqui, estamos dentro dos limites das probabilidades, não lhe parece?"

— Sem dúvida, é possível — concordei, com certa reserva.

— Devemos nos lembrar, Watson, de que, seja como for, estamos diante de um fato verdadeiramente extraordinário, mas, para continuar a nossa hipotética descrição do caso, o par... não necessariamente um par culpado, percebeu, após a partida do assassino, que se colocara numa posição que podia trazer dificuldades para ambos, pois, além de ser difícil provar que não tinham cometido o delito, tudo fazia crer serem dele coniventes. Assim, precipitadamente e de maneira algo atabalhoada, afrontaram a situação. Barker marcou o peitoril da janela com a impressão de seu chinelo sujo de sangue, a fim de fazer supor que o fugitivo escapara por ali. Evidentemente, foram eles as duas pessoas que ouviram o ruído do disparo e, desse modo, deram o alarme exatamente como deviam ter feito, apenas uma boa meia hora depois de verificado o acontecimento.

— E como se propõe a provar tudo isso?

— No caso de se tratar de um estranho, ele pode ser descoberto e capturado. Essa seria a mais eficaz de todas as provas, mas, não sendo assim... bom, os recursos da ciência estão longe de ter-se esgotado. Creio que me seria muito útil passar uma noite sozinho naquele gabinete.

— Uma noite, sozinho!

— Estou disposto a ir imediatamente para lá. Combinei tudo com o precioso Ames, que, diga-se de passagem, não tem absolutamente nenhuma simpatia por Barker. Pretendo sentar-me naquela sala e ver se a sua atmosfera pode me trazer inspiração. Sou crente fervoroso do *genius loci* [1]. Pode rir, caro Watson. Ri melhor quem ri por último. A propósito, trouxe aquele seu grande guarda-chuva, não é verdade?

— Tenho-o comigo.

— Pode emprestá-lo a mim?

— Certamente... mas é uma arma desprezível! Se houver perigo...

— Oh! Não tenho medo, meu caro Watson; nesse caso, pedirei o seu auxílio sem demora. Contudo, ficarei com o guarda-chuva. Agora, estou apenas à espera de que os nossos colegas voltem de Tunbridge Wells, onde se encontram à procura do possível proprietário da bicicleta.

Era quase noite quando o inspetor MacDonald e White Mason regressaram da sua expedição. Vinham exultantes, com notícias de grandes progressos nas nossas investigações.

— Caramba! Admito ter tido as minhas dúvidas quanto à existência de uma pessoa estranha neste caso — disse MacDonald —, mas agora estão completamente desvanecidas. Identificamos a bicicleta e temos uma descrição do nosso homem, o que é um grande passo à frente.

— Isso me parece ser o princípio do fim — começou Holmes; — e congratulo-me com ambos de todo o coração.

— Pois bem! Partimos do fato de o sr. Douglas parecer agitado desde o dia anterior, quando estivera em Tunbridge Wells. Foi, pois, em Tunbridge Wells que ele teve a sensação do perigo. Era evidente, portanto, que, se alguém tivesse vindo de bicicleta, não podia ser senão de Tunbridge Wells. Levamos a bicicleta conosco e a mostramos a diversos hoteleiros. Foi identificada pelo gerente do Eagle Commercial como pertencente a um certo sr. Hargrave, que tinha ocupado um quarto ali dois dias antes. Essa bicicleta e uma maleta de mão constituíam toda a sua bagagem. Registrara-se como procedente de Londres, sem dar, porém, o endereço. A maleta era de fabricação londrina e o seu conteúdo, de procedência britânica, mas o homem era, iniludivelmente, americano.

— Muito bem — disse Holmes alegremente —, vocês realizaram sem dúvida um ótimo trabalho, ao passo que eu me deixei ficar aqui articulando teorias com o meu amigo. Isso é uma lição de senso prático, caro Mac.

— É isso mesmo, sr. Holmes — anuiu o inspetor, satisfeito.

— Tal fato, porém, pode se enquadrar perfeitamente na sua hipótese — observei.

— Pode e não pode. Mas ouçamos o resto, Mãe. Não encontraram nada que pudesse estabelecer a identidade desse homem?

— Encontramos tão pouco que acreditamos que ele procurou eliminar todos os indícios que levassem à sua identificação. Não havia documentos ou cartas, nem marca nenhuma nas suas roupas. Encontramos também um mapa turístico da região. Deixou o hotel de bicicleta ontem, após a refeição matinal, e ninguém mais soube dele, até o momento em que iniciamos as indagações.

— É isso o que me deixa perplexo, sr. Holmes — observou White Mason. — Se esse sujeito não desejava criar publicidade em torno da sua pessoa, seria lógico pensar que tivesse voltado ao hotel e ali permanecesse como qualquer turista anônimo. No entanto, agindo como o fez, devia imaginar que o gerente do hotel o denunciaria à polícia e que seu desaparecimento seria associado ao crime.

— Era o que se poderia supor. Todavia, pelo menos até este momento, sua sensatez se justifica, pois ainda não foi preso. Mas ouçamos sua descrição... como é o seu tipo?

MacDonald consultou o caderno de anotações.

— Aqui estão os dados que pudemos obter. Parece-me que ninguém deu atenção especial à sua pessoa; não obstante, o porteiro, o recepcionista e a criada de quarto são unânimes em afirmar que se trata de um homem alto, de cerca de um metro e oitenta, de mais ou menos cinquenta anos de idade, cabelo e bigode grisalhos, nariz aquilino e fisionomia por todos descrita como sombria e antipática.

— Ora, excetuando a expressão, poderia ser quase a descrição do próprio Douglas — observou Holmes. — Ele tem pouco mais de cinquenta anos, cabelo e bigode grisalhos e mais ou menos a mesma altura. Não souberam mais nada?

— Vestia um terno de jaquetão cinzento e trazia um sobretudo curto, amarelo, e boné.

— E a espingarda?

— Tem menos de sessenta centímetros de comprimento. Poderia caber perfeitamente na maleta, ou ele podia trazê-la escondida debaixo do sobretudo.

— E, na sua opinião, que importância terá tudo isso na solução do caso em geral?

— Bem, sr. Holmes — respondeu MacDonald —, quando tivermos capturado o nosso homem... e pode estar certo de que telegrafei a todos os postos policiais do país, dando-lhes a sua descrição, cinco minutos depois de obtê-la, estaremos mais aptos a julgar. Não obstante, ainda assim, creio que já nos adiantamos bastante. Sabemos que um americano, que se apresentava com o nome de Hargrave, chegou a Tunbridge Wells há dois dias, de bicicleta e maleta. Nesta última encontrava-se uma espingarda de cano curto; veio, portanto, com o propósito deliberado de matar. Ontem de manhã, dirigiu-se até aqui de bicicleta, com a arma dissimulada no interior do sobretudo. Ninguém o viu chegar, segundo soubemos, mas ele não necessitava atravessar a vila para atingir os portões do parque, e além disso há sempre muitos ciclistas na estrada. Provavelmente, escondeu logo a bicicleta na moita de arbustos, onde foi encontrada, e ali se ocultou também, sem perder de vista a casa, à espera de que Douglas saísse. A espingarda é uma arma de uso estranho dentro de casa; naturalmente, ele pretendia usá-la do lado de fora, e, nesse caso, ela oferecia vantagens indiscutíveis, pois com ela não seria possível errar

o alvo, e, por outro lado, o ruído de tiros é tão comum nestas zonas de caça, que ninguém lhe teria dado grande atenção.

— Tudo isso é muito claro! — afirmou Holmes.

— O sr. Douglas, entretanto, não apareceu. Que fez, então, o nosso homem? Abandonou a bicicleta e aproximou-se da casa, à noitinha. Deparou com a ponte arriada e não vislumbrou pessoa alguma nas vizinhanças. Aproveitou a ocasião propícia, sem dúvida com uma desculpa engatilhada para o caso de encontrar alguém, fato • que, aliás, não se deu. Insinuou-se na primeira sala que achou e escondeu-se atrás da cortina. De seu esconderijo, pôde ver a ponte levantada e percebeu que a fuga só lhe seria possível através do fosso. Esperou até as onze e quinze, ocasião em que o sr. Douglas, no seu habitual giro noturno pela casa, entrou na sala. Descarregou nele a arma e apressou-se a fugir como havia previsto. Sabia que a bicicleta seria descrita pelo pessoal do hotel e estabelecería um indício contra ele; por esse motivo, abandonou-a e tomou, por algum outro meio, a direção de Londres ou de algum refúgio por ele já preparado. Que tal acha essa teoria, sr. Holmes?

— Até aqui, Mac, muito boa e muito clara. É esse o fim da sua história. A minha conclusão-é que o crime foi cometido meia hora antes da declarada pelas testemunhas; que a sra. Douglas e o sr. Barker engendraram uma história a fim de ocultar alguma coisa; que ajudaram o assassino a fugir, ou, pelo menos, entraram na sala antes de ele fugir, e que foram autores da prova da sua retirada através da janela, quando, com toda a probabilidade, eles próprios baixaram a ponte levadiça para permitir que ele se pusesse em retirada. Essa é a minha interpretação da primeira parte da história.

Os dois policiais abanaram a cabeça.

— Ora, sr. Holmes, se isso é verdade, não fazemos mais que emergir de um mistério para submergir em outro — observou o inspetor londrino.

— E, de certo modo, este segundo mistério é pior do que o primeiro — acrescentou "White Mason. — A sra. Douglas jamais esteve na América. Que ligação podia ter com um assassino americano, a ponto de este a obrigar a protegê-lo?

— Concordo em que a minha teoria dá margem a objeções — disse Holmes. — Estou decidido a fazer, esta noite, uma pequena investigação pessoal, e é provável que ela possa contribuir de algum modo para a causa comum.

— Podemos ajudá-lo, sr. Holmes?

— Não, não! Necessito de pouca coisa: a escuridão e o guarda-chuva do dr. Watson. E de Ames, o fiel Ames; acredito que ele me prestará auxílio. Todo o curso dos meus pensamentos me conduz invariavelmente à mesma pergunta básica: como é possível a um atleta desenvolver a sua própria força com um instrumento tão inadequado como um único haltere?

Era noite alta quando Holmes regressou de sua excursão solitária. Dormíamos num quarto de duas camas, o melhor que a pequena estalagem do interior nos pudera oferecer. Eu já dormia e despertei parcialmente com a sua entrada.

— Então, Holmes — murmurei —, descobriu alguma coisa?

Ele se aproximou de mim em silêncio, com a vela na mão; depois, sua figura magra e alta inclinou-se sobre o meu corpo deitado.

— Escute, Watson — sussurrou-me —, você teria medo de dormir no mesmo quarto com um visionário, um homem que sofresse das faculdades mentais, um idiota, cuja mente tivesse perdido toda a energia?

— Claro que não — respondi, aturdido.

— Ah! Estou com sorte — concluiu.

E durante toda a noite não me foi possível arrancar-lhe mais nada.



[1] Gênio doméstico, divindade do lar. (N. da T.)

## Capítulo sétimo: A solução

Na manhã seguinte, após a refeição matinal, encontramos o inspetor MacDonald e White Mason em animada palestra, sentados na saleta do sargento da polícia local. Sobre a mesa, na sua frente, estavam empilhados inúmeros telegramas e cartas, que eles separavam e catalogavam com grande cuidado. Três já tinham sido postos de parte.

— Ainda na pista do ciclista desaparecido? — indagou Holmes cordialmente. — Quais são as últimas a respeito desse biltre?

MacDonald indicou com um gesto melancólico a volumosa correspondência.

— Neste momento, foi assinalado em Leicester, Nottingham, Southampton, Derby, East Ham, Richmond e em catorze outras localidades; em três delas, East Ham, Leicester e Liverpool, as provas contra ele são esmagadoras, e até foi preso. O país parece estar repleto de fugitivos com sobretudos amarelos.

— Santo Deus! — exclamou Holmes em tom compungido. — E agora, meus amigos, desejo dar a ambos um conselho muito sério. Quando aceitei a incumbência de investigar este caso com os dois, estipulei, como sem dúvida devem estar lembrados,

que não pretendia apresentar teorias vagas, mas que elaboraria as minhas hipóteses pessoais até estar certo da sua exatidão. Por esse motivo, não pretendo dizer-lhes por ora tudo o que tenho em mente. Por outro lado, prometi realizar o meu jogo lealmente, lado a lado com vocês, e não acredito que seja honesto da minha parte deixá-los desperdiçar as energias, ainda que por um momento, numa empresa inútil. Por conseguinte, vim aqui esta manhã para aconselhá-los, e meu conselho resume-se em três palavras: abandonem este caso.

MacDonald e White Mason fixaram, atônitos, o seu famoso colega.

— O senhor considera-o perdido? — perguntou o inspetor.

— Considero perdido o seu caso. Não desespero, porém, de alcançar a verdade.

— Mas esse ciclista não é uma invenção! Temos a descrição dele, a maleta, a bicicleta. O tal sujeito deve se encontrar em algum lugar! Por que não haveremos de apanhá-lo?

— Perfeitamente; não há dúvida de que ele se encontra em alguma parte, e é certo de que haveremos de capturá-lo; não gostaria, entretanto, que despendessem suas energias em East Ham ou Liverpool. Tenho certeza de que podemos encontrar um atalho para chegar ao fim almejado.

— O senhor oculta alguma coisa. Não é muito correio de sua parte, sr. Holmes — disse o inspetor, aborrecido.

— Você conhece os meus métodos de trabalho, Mac. Não obstante, prometo calar-me pelo mais breve espaço de tempo possível. Desejo apenas verificar os meus dados de determinada maneira, o que pode ser feito muito prontamente, após o que, apresentarei os meus respeitos e regressarei a Londres, deixando minhas conclusões inteiramente ao seu dispor. Devo-lhe muito para agir de outro modo, pois, em toda a minha carreira, não me recorde de outro caso mais singular e interessante.

— Não estou entendendo mais nada, sr. Holmes. Nós o vimos ontem à noite, quando voltamos de Tunbridge Wells, e o senhor estava perfeitamente de acordo com os nossos resultados. Que sucedeu desde então, para fazê-lo mudar tão completamente de idéia?

— Pois bem; visto que me perguntam: passei ontem à noite, como lhes disse que ia fazer, algumas horas na Mansão de Birlstone.

— E que aconteceu?

— Ah! Por ora não posso lhes dar senão uma resposta muito genérica. A propósito, estive lendo uma descrição curta, mas muito clara e interessante, do velho edifício, que pode ser comprada pela modesta soma de um pênny na tabacaria local.

Com isso, Holmes tirou do bolso uma pequena brochura, em cuja capa se via um desenho tosco da antiga mansão.

— Uma investigação adquire sabor, meu caro Mac, quando nos pomos em contato espiritual com a atmosfera histórica do seu ambiente. Não assumo esse ar impaciente,

pois lhe asseguro que mesmo uma descrição tão simples como esta consegue despertar no ânimo do leitor uma espécie de imagem viva do passado. Permita-me que lhe leia um trecho. "Construída no quinto ano do reinado de Jaime I e surgida dos alicerces de um edifício muito mais antigo, a Mansão de Birlstone oferece um dos mais belos exemplos que ainda restam de residência fortificada da era jacobita..."

— O senhor está brincando conosco, sr. Holmes!

— Calma, calma, Mac! É o primeiro sinal de cólera que observo em você. Pois bem, não continuarei a ler palavra por palavra, uma vez que isso tanto o aborrece. Entretanto, quando lhe disser que há um relato da tomada do lugar por um coronel, enviado pelo Parlamento em 1644, de como Carlos aí se ocultou, por diversos dias, durante a Guerra Civil, e finalmente da visita que ali fez o segundo Jorge, terá de admitir que nessa vetusta mansão se desenrolaram diversos fatos dignos de nota.

— Não duvido disso, sr. Holmes; mas esses fatos não nos interessam.

— Não? Julga? Visão ampla, meu caro Mãe, é uma das coisas essenciais na nossa profissão. O entrelaçamento de idéias e um cabedal de conhecimentos múltiplos e variados oferecem sempre extraordinário interesse. Você vai desculpar estas observações da parte de quem, sendo mero diletante do crime, é, contudo, um pouco mais velho e talvez um pouco mais experiente do que você.

— Sou o primeiro a reconhecê-lo — exclamou ardorosamente o policial. — O senhor alcança os seus objetivos, estou de acordo, mas, para isso, faz sempre um rodeio dos diabos.

— Bem, deixemos a história antiga e passemos aos fatos atuais. Como eu já disse, estive ontem à noite na mansão. Não me avistei nem com o sr. Barker nem com a sra. Douglas. Pareceu-me inútil incomodá-los, mas tive o prazer de saber que esta última não se apresentava pesarosa e que, pelo contrário, tinha jantado com excelente apetite. Minha visita era particularmente destinada ao bom Ames, com o qual troquei algumas amabilidades, que culminaram com o seu consentimento à minha idéia de permanecer durante certo tempo no gabinete sem que ninguém soubesse.

— Como! Com aquele... — exclamei.

— Não, não; já se encontra tudo em ordem. Você consentiu na remoção do cadáver, Mac; pelo menos, foi o que me disseram. A sala voltara ao seu estado normal, e nela passei um instrutivo quarto de hora.

— Que esteve fazendo lá?

— Sem querer fazer mistério de uma coisa tão simples, limitei-me a procurar o haltere desaparecido. ... particularidade que sempre teve para mim grande importância na estimativa do caso, e acabei por encontrá-lo.

— Onde?

— Ah! Aqui chegamos ao limite do inexplorado. Permitam-me que prossiga um pouco, apenas um pouquinho mais, e prometo compartilhar com os senhores tudo o que sei.

— Pois bem! Somos obrigados a aceitar as suas condições — disse o inspetor. — Quando, porém, chega ao ponto de nos aconselhar a abandonar o caso... com mil diabos! Por que devemos abandoná-lo?

— Pela simples razão, meu caro Mac, de que não faz a mínima idéia daquilo que está investigando.

— Estamos investigando o assassinato do sr. John Douglas, da Mansão de Birlstone!

— Sim; não resta a menor dúvida. Mas não percam tempo tentando descobrir o misterioso homem da bicicleta. Garanto que isso não lhes adiantará nada.

— E que sugere que façamos, então?

— Eu lhes direi exatamente o que devem fazer, desde que prometam me obedecer.

— Bem, devo convir que, malgrado as suas maneiras estranhas, sempre verifiquei que o senhor habitualmente tem razão. Farei como me aconselha.

— E você, White Mason?

O policial do interior olhou para um e outro com ar perplexo. Holmes e os seus métodos eram novos para ele.

— Ora, se o inspetor está de acordo, eu também estou — resmungou por fim.

— Ótimo! — exclamou Holmes. — E, agora, recomendo-lhes um aprazível passeio pelo campo. Disseram-me que o panorama que se descortina do alto de Birlstone, sobre o Weald, é magnífico. Naturalmente, podem almoçar em qualquer estalagem campestre, posto que a minha ignorância da região me impede de lhes indicar uma em especial. E, à noite, cansados mas satisfeitos...

— Mas, meu amigo, isso já começa a deixar de ser sério! — bradou MacDonald, levantando-se da cadeira, encolerizado.

— Pois muito bem! Passem o dia como lhes aprouver — disse Holmes jovialmente, batendo-lhe com a mão no ombro. — Façam o que quiserem e vão aonde lhes apetecer; contudo, estejam de volta, sem falta, antes do anoitecer... sem falta, Mac.

— Isso me parece mais razoável.

— Pretendia apenas dar-lhes um ótimo conselho, todavia não insisto, contanto que se encontrem aqui, quando eu necessitar de vocês. Antes, porém, de nos separarmos, desejaria que escrevessem um bilhete ao sr. Barker.

— Sim?



— Eu o dito, se quiserem. Estão prontos? "Caro senhor: Julgamos ser nosso dever esvaziar o fosso, na esperança de podermos encontrar..."

— É inútil — protestou o inspetor; — já fiz as minhas pesquisas a esse respeito.

— Calma, calma, meu caro amigo! Escreva o que estou dizendo, por favor.

— Bem, prossiga.

— "... na esperança de podermos encontrar algo que facilite as nossas investigações. Já determinei tudo, e os operários estarão trabalhando amanhã cedo, a fim de desviar o curso do regato..."

— Impossível!

— "... a fim de desviar o curso do regato, razão por que resolvi avisá-lo de antemão." E, agora, assinem e mandem entregá-lo em mãos por volta das quatro horas. A essa hora nós nos encontraremos novamente nesta sala. Até então cada um de nós pode fazer o que bem entender, pois asseguro-lhes que esta investigação chegou definitivamente ao fim.

A noite começava a cair lentamente, quando voltamos a encontrar-nos. Holmes apresentava-se de aspecto grave, eu, cheio de curiosidade e os policiais, visivelmente céticos e agastados.

— Pois bem, senhores — começou o meu amigo em tom solene —, peço-lhes agora que me ponham inteiramente à prova e julguem por si mesmos se as observações . por mim feitas justificam as conclusões a que cheguei. A noite parece que vai ser muito fria, e não sei quanto tempo durará a nossa expedição; acho melhor vocês vestirem os sobretudo mais pesados. É de capital importância que estejamos a postos antes da noite fechada; por isso, se o permitem, vamos nos pôr a caminho imediatamente.

Passamos ao longo dos confins extensos do parque da mansão até atingirmos um ponto onde existia uma abertura na cerca que o rodeava. Enfiamo-nos por essa passagem e, ao lusco-fusco, acompanhamos Holmes até alcançar uma touceira de arbustos que se estendia quase em frente da porta principal e da ponte levadiça. Esta última ainda não tinha sido levantada. Holmes agachou-se atrás dos arbustos, e nós três seguimos-lhe o exemplo.

— E que vamos fazer agora? — perguntou MacDonald, de maneira algo ríspida.

— Munamo-nos de paciência e procuremos fazer o menor barulho possível — foi a resposta de Holmes.

— Mas por que estamos aqui? Francamente, acho que o senhor podia nos tratar com mais franqueza.

Holmes riu.

— Watson insiste em afirmar que sou o dramaturgo da vida real — disse. — Certa inclinação artística vibra dentro de mim e obstina-se em exigir uma representação bem encenada. A nossa profissão, caro Mãe, seria verdadeiramente descolorida e sórdida se, às vezes, não dispuséssemos a cena com o intuito de exaltar os nossos resultados. A acusação grosseira, a pancada brutal nas costas... que se pode pensar disso? No entanto, a ilação rápida, a cilada sutil, a previsão inteligente de acontecimentos futuros, a prova triunfante de teorias arrojadas, não constituem quicá, todos esses elementos, o orgulho e a justificação da nossa vida de trabalho? Neste momento, você palpita com a emoção e a ansiedade do caçador. Onde estaria essa emoção se eu tivesse sido preciso como um horário de estrada de ferro? Peço-lhe apenas um pouco de paciência, Mãe, e dentro em pouco tudo lhe parecerá claríssimo.

— Bem, espero que o orgulho e a justificação e tudo o mais cheguem antes de nós quatro morrermos de frio — resmungou, com cômica resignação, o policial londrino.

Tínhamos todos boas razões para aderir ao seu desejo, pois nossa vigília foi longa e amarga. A pouco e pouco as trevas adensaram-se sobre a fachada extensa e sombria da velha casa. Uma evaporação fria e úmida, proveniente do fosso, enregelou-nos até os ossos e fez-nos bater os dentes. Brilhava apenas uma lâmpada sobre a entrada, e um globo de luz firme clareava o gabinete fatal. Tudo o mais era escuridão e silêncio.

— Quanto tempo durará esta história? — indagou subitamente o inspetor. — E que diabo esperamos nós?

— Sei tanto como você o tempo que isto irá levar — replicou Holmes com certa aspereza. — Se os criminosos participassem a hora dos seus movimentos como fazem as ferrovias com o horário dos trens, seria certamente mais conveniente para todos nós. Quanto ao que nós... eis o que nós esperávamos.

Enquanto assim falava, a brilhante luz amarela do gabinete foi obscurecida por alguém que lhe passou pela frente. A moita de arbustos em que nos encontrávamos ocultos achava-se exatamente defronte da janela e a não mais de cem metros de distância dela. Logo em seguida, ela foi aberta de par em par, com um rangido de dobradiças, e pudemos entrever a silhueta escura da cabeça e ombros de um homem, debruçado no peitoril, olhando a escuridão reinante ali fora. Por alguns minutos, pôs-se a perscrutar as trevas, em atitude furtiva e cautelosa, como se quisesse certificar-se de que não estava sendo observado. Depois, debruçou-se ainda mais para a frente, e, no profundo silêncio da noite, percebemos um leve rumor de água agitada. Ele parecia estar remexendo o fosso com alguma coisa que tinha na mão. Repentinamente, puxou algo de dentro, como um pescador retira da água um peixe que lhe vem fogado ao anzol — um objeto grande e redondo, que encobriu a luz ao passar pela janela aberta.



— Agora! — gritou Holmes. — Agora!

Pusemo-nos de pé, cambaleando atrás dele, com os membros anquilosados, enquanto o nosso amigo, com um dos seus arrebatamentos de energia nervosa, que podiam torná-lo, num momento, o homem mais ativo e mais forte que já vi, atirou-se velozmente através da ponte e começou a tocar furiosamente a campainha. Ouviu-se, do lado de dentro, o ranger de ferrolhos que se abrem, e, logo em seguida, surgiu no limiar a figura estupefata de Ames. Holmes afastou-o para um lado, sem dizer palavra, e precipitou-se para a sala ocupada pelo homem que estivéramos espreitando.

O clarão por nós observado do exterior vinha de um lampião a óleo colocado sobre a mesa. Esse lampião encontrava-se agora nas mãos de Cecil Barker, que o mantinha dirigido para nós, quando entramos. A luz refletia-se no seu rosto forte, resoluto e perfeitamente barbeado e nos seus olhos ameaçadores.

— Que demônio significa tudo isto? — berrou. — E que procuram os senhores?

Holmes olhou rapidamente em torno de si e atirou-se imediatamente sobre um embrulho encharcado de água, atado com uma corda e que tinha sido arremessado para baixo da escrivaninha.

— Aqui está o que procuramos, sr. Barker. Este embrulho, que contém um haltere, que o senhor acaba de retirar do fundo do fosso.

Barker fixou Holmes com ar de intensa estupefação.

— Mas, com mil diabos, como teve conhecimento dele? — perguntou.

— Simplesmente porque fui eu que o pus lá.

— O senhor o pôs lá?! O senhor?!

— Talvez devesse ter dito "o repus lá" — acrescentou Holmes. — Você deve lembrar-se, inspetor MacDonald, de que a ausência de um haltere havia me impressionado particularmente. Chamei-lhe a atenção para essa falta, mas a iminência de outros acontecimentos não lhe permitiram dar a este fato a consideração que lhe facultaria tirar dele deduções deveras interessantes. Quando existe água muito próximo e desaparece um objeto pesado, não é muito arriscada a suposição de que algo foi lançado nessa água. De qualquer maneira, valia a pena provar tal hipótese, e assim, com a ajuda de Ames, que consentiu na minha entrada na sala, e do cabo recurvo do guarda-chuva do dr. Watson, foi-me possível, ontem à noite, pescar e examinar esse pacote. Todavia, era da máxima importância que nós conseguíssemos demonstrar quem o havia posto ali. Recorremos então ao simples stratagema de anunciar que o fosso ia ser esvaziado amanhã cedo, e em consequência disso quem quer que tivesse escondido o embrulho com certeza tentaria retirá-lo quando a escuridão da noite o permitisse. Não menos de quatro testemunhas viram quem se aproveitou da oportunidade, e por isso, sr. Barker, julgo que lhe cabe dizer alguma coisa.

Sherlock Holmes colocou sobre a mesa, ao lado do lampião, o embrulho ensopado de água e desatou o nó da corda que o amarrava. De dentro dele extraiu um haltere, que atirou para o canto onde o outro se encontrava. Retirou a seguir um par de sapatos.

— Americanos, como vêm — observou, indicando as pontas.

Depois, colocou sobre a mesa uma faca embainhada, longa e mortífera. Finalmente, tirou para fora um embrulho de roupas, que compreendia um jogo completo de roupa branca, um par de meias, um terno esporte cinzento e um sobretudo curto, amarelo.

— A roupa é vulgar, com exceção do sobretudo, que é rico em indícios sugestivos — comentou Holmes, aproximando-o delicadamente da luz, enquanto seus dedos finos e compridos o afagavam. — Aqui, como podem notar, está o bolso interno, prolongado através do forro, de modo a dar espaço amplo para a espingarda de cano serrado. O rótulo do alfaiate está na gola: "Neale. Roupas para homens, Vermissa. EUA". Passei uma tarde instrutiva na biblioteca do pároco e aumentei os meus conhecimentos com a verificação do fato de que Vermissa é uma cidadezinha florescente, na embocadura de um dos vales mais conhecidos da região mineira de carvão e de ferro dos Estados Unidos. Recordo-me vagamente, sr. Barker, de que o senhor associou as zonas carboníferas com a personalidade da primeira esposa de Douglas, e não me parece muito arriscado supor que as letras V.V. no cartão encontrado ao lado do cadáver possam significar vale Vermissa, e que esse vale, que expede emissários de crimes, seja o tal Vale do Terror do qual ouvimos falar. Até aqui as coisas estão bastante claras. E agora, sr. Barker, não quero impedi-lo de nos oferecer a sua explicação.

Valia a pena observar o rosto expressivo de Cecil Barker durante esta exposição do grande detetive. Cólera, estupor, consternação e incerteza dominaram-lhe, a seu turno, o semblante. Finalmente, refugiou-se numa acre ironia.

— O senhor sabe tanto, sr. Holmes, que talvez fosse melhor contar-nos mais alguma coisa — disse em tom de mofa.

— Eu poderia, sem dúvida, contar ainda muitas coisas, sr. Barker, contudo, acredito que elas terão muito mais graça se forem relatadas pelo senhor.

— Oh! Acredita! Pois bem, tudo o que posso lhe dizer é que, se existe aqui algum segredo, não é meu, e não sou homem para revelá-lo.

— Se toma essa atitude — interveio o inspetor calmamente —, devemos considerá-lo à nossa disposição até obtermos ordem de prisão contra o senhor.

— Podem fazer o que diabo entenderem — replicou Barker em tom de desafio.

A situação parecia ter-se cristalizado definitivamente no tocante àquele homem, pois bastava observar-lhe a fisionomia granítica para compreender que nenhuma peine forte et dure poderia demovê-lo do seu intento. O ponto morto foi superado, entretanto, por uma voz feminina. A sra. Douglas estivera à escuta, junto à porta semiaberta, e acabava de entrar na sala.

— Você já fez demasiado por nós, Cecil — disse. — Aconteça o que acontecer no futuro, já fez muito.

— A senhora tem toda a razão — observou gravemente Sherlock Holmes. — Compreendo perfeitamente os seus sentimentos e peço-lhe instantaneamente para depositar confiança na sensatez das nossas leis e se colocar inteiramente nas mãos da polícia. É possível que eu mesmo tenha certa culpa por não ter acolhido a oferta que me fez, por intermédio de meu amigo Watson. Naquele momento, porém, tinha razão de sobra para pensar que a senhora estivesse diretamente envolvida no crime. Agora estou convencido do contrário. Ao mesmo tempo, ainda há muita coisa sem explicação, e por isso rogo-lhe que peça ao sr. Douglas que nos exponha a sua versão dos fatos.

Diante das palavras de Holmes, a sra. Douglas soltou um grito de espanto, ao qual devemos ter feito eco, eu e os policiais, quando percebemos repentinamente a presença de um homem que parecia ter surgido da parede e que se adiantava da penumbra do canto de que emergira. A sra. Douglas voltou-se, e, num instante, seus braços o enlaçaram. Barker apertava a mão que o homem lhe estendera.

— É melhor assim, Jack — repetia a esposa, — Tenho certeza de que é melhor.

— Também eu estou certo, sr. Douglas — acrescentou Holmes —, de que esta é a melhor solução.

O homem ficou piscando alguns momentos na nossa direção, com o olhar turvo de quem sai repentinamente das trevas para a luz. Tinha um rosto notável: olhos cinzentos cheios de audácia, bigode forte, curto e grisalho, queixo quadrado e saliente, e boca jocosa. Mirou-nos a todos demoradamente, e depois, para meu grande pasmo, avançou para mim e entregou-me um rolo de papéis.



— Ouvi falar do senhor — disse-me numa voz que não era de todo inglesa nem de todo americana, mas que, no conjunto, era branda e agradável. — O senhor é o historiador deste grupo. Pois bem, dr. Watson, esta é a primeira vez que uma narrativa do gênero passa pelas suas mãos; serei capaz de apostar nisso o meu último dólar. Os fatos são esses; conte-os a seu modo e verá que não deixarão de agradar aos seus leitores. Estive encarcerado durante quarenta e oito horas, e empreguei as horas do dia... se é que se pode falar em horas do dia naquela ratoeira, para pôr a coisa em palavras. O senhor vai gostar da narrativa... o senhor e o seu público. Essa é a história do Vale do Terror.

— Mas isso são coisas passadas, sr. Douglas — observou Sherlock Holmes com voz calma. — O que desejamos saber agora é a sua história atual.

— Estou às suas ordens — respondeu Douglas. — Posso fumar enquanto falo? Oh! Obrigado, sr. Holmes; o senhor também é fumante, se bem me recordo, e pode imaginar o que significa passar dois dias com tabaco no bolso sem fumar, com medo de ser denunciado pelo cheiro do fumo.

Apoiou-se no consolo da lareira e aspirou avidamente o charuto que Holmes lhe havia dado.

— Tinha ouvido falar da sua pessoa, Holmes, todavia jamais poderia supor que o encontraria um dia. Mas, quando tiver acabado de ler isso — continuou, acenando para os papéis em meu poder —, reconhecerá que eu lhe dei algo de inédito.

Durante todo esse tempo, o inspetor MacDonald estivera com os olhos fixos no recém-chegado, presa do maior assombro.

— Caramba! Já não entendo nada! — gritou por fim.

— Se o senhor é John Douglas, da Mansão de Birlstone, de quem estamos então, há dois dias, investigando o assassinato, com todos os diabos, de onde surgiu o senhor? Tenho a impressão de que irrompeu do soalho como um boneco de uma caixa de surpresas.

— Ah! Meu caro Mac — interpôs Holmes, sacudindo o dedo indicador, em ar de reprovação —, você não quis ler aquele ótimo guia local, que continha a descrição do esconderijo do rei Carlos. Naquele tempo, as pessoas não se ocultavam senão em refúgios seguros, e um esconderijo usado no passado pode ser também utilizado no presente. Estava convencido de que haveríamos de descobrir o sr. Douglas debaixo deste teto.

— E há quanto tempo está se divertindo à nossa custa, sr. Holmes? — explodiu o inspetor, furibundo. — Desde quando permite que percamos o nosso precioso tempo numa pesquisa que, de antemão, sabia ser absurda?

— Não lhe fiz perder um minuto sequer, caro Mac. Apenas ontem à noite pude verificar a exatidão das minhas teorias, e, como elas não podiam ser postas à prova senão hoje à noite, convidei-o e ao seu colega a tirarem folga durante o dia todo. Ora, pergunto-lhe, que mais poderia fazer? Quando encontrei as roupas no fosso, compreendi imediatamente que o corpo por nós encontrado não podia de forma nenhuma ser o do sr. John Douglas, mas o do ciclista de Tunbridge Wells. Não havia outra conclusão possível. Tinha, portanto, de descobrir o lugar onde se encontrava o sr. Douglas, e, pelo cálculo das probabilidades, pareceu-me que, com a conivência da esposa e do amigo, ele devia estar oculto numa casa que oferecesse tal comodidade a um fugitivo que, em ocasião propícia, pudesse pôr-se a salvo definitivamente.

— Sua teoria é quase perfeita — disse Douglas com um gesto aprovativo. — Eu tinha pensado em evitar as leis inglesas, pois não estava seguro da minha posição perante elas, mas, principalmente, vi neste estratagema a possibilidade de me livrar definitivamente daqueles malditos sabujos. Vejam bem, nada fiz, do princípio ao fim, de que pudesse envergonhar-me e que não estivesse pronto a fazer de novo; no entanto, os senhores julgarão por si próprios, quando lhes tiver narrado a minha odisséia. Não é

preciso lembrar-me, inspetor; estou pronto a prestar as minhas declarações sob juramento. Não vou começar pelo princípio. Esse está todo ali — disse, indicando o rolo dos papéis —, e os senhores verão que enredo fantástico! Resume-se em poucas palavras: existem alguns homens com boas razões para me odiarem e que dariam o último dólar para estarem certos de que deram cabo de mim. Enquanto eu e eles estivermos vivos, não haverá neste mundo descanso para mim. Perseguiam-me desde Chicago até a Califórnia; depois compeliram-me a abandonar a América; contudo, quando me casei e vim residir neste lugar sossegado, julguei que meus últimos anos iam decorrer em paz. Nunca expliquei à minha mulher como as coisas eram realmente. Por que havia de metê-la nessa história? Ela jamais teria um momento tranqüilo, pois estaria sempre imaginando desgraças. Naturalmente, ela devia ter adivinhado qualquer coisa, pois é muito possível que, inadvertidamente, eu tivesse deixado escapar uma ou outra palavra; no entanto, até ontem, depois que os senhores a viram, ela ainda ignorava a verdadeira situação. Contou-lhes tudo o que sabia, e o mesmo aconteceu com Barker, pois na noite da tragédia pouco tempo restou para explicações. Agora, porém, ela está ao corrente de tudo, e talvez tivesse sido mais sensato da minha parte se lhe tivesse contado antes. Era, no entanto, uma questão delicada, minha querida — observou, tomando por um instante a mão da esposa entre as suas —, e agi com a melhor das intenções.

"Pois bem, senhores, no dia anterior ao dos acontecimentos, encontrava-me em Tunbridge Wells, quando, de relance, notei na rua a figura de um homem. Foi apenas uma visão fugaz, mas tenho olho rápido para essas coisas e não duvidei, nem por um momento, de quem se tratava. Era o pior inimigo que eu possuía entre toda aquela gente, o que tem andado no meu encalço todos estes anos, como um lobo esfaimado atrás de uma rena. Compreendi a iminência do perigo, por isso voltei para casa e preparei-me para enfrentá-lo. Decidi lutar até o fim sozinho. Houve uma época em que a minha boa estrela era comentada em todos os Estados Unidos, e não hesitei em acreditar que ela me valeria ainda desta vez.

"Pus-me de sobreaviso durante todo o dia seguinte e nem por um momento saí para o parque. Foi uma sorte, pois ele teria me liquidado com aquela espingarda, antes que eu tivesse tempo de sacar minha arma. Quando a ponte foi erguida, senti-me mais tranqüilo, esqueci todas as minhas preocupações. Jamais imaginei que ele pudesse se introduzir em minha casa e nela preparar-me uma emboscada. Entretanto, ao fazer, já de roupão, minha habitual ronda noturna, mal pus os pés no gabinete, pressenti o sinal de perigo. Creio que, quando um homem leva uma vida de aventuras... e tive-as como poucos... desenvolve uma espécie de sexto sentido que o avisa da proximidade de qualquer risco. Percebi o sinal quase imediatamente, sem saber explicar por quê. Logo em seguida, vislumbrei a ponta de um sapato debaixo da cortina da janela e compreendi toda a gravidade da situação.

"Não tinha senão uma vela, a que trazia nas mãos, mas o lampião do vestíbulo projetava boa luz na sala, através da porta aberta. Pousei a vela na mesa e corri para apanhar um martelo que deixara sobre o consolo da lareira. Simultaneamente, o homem atirou-se a mim. Vi o luzir de um punhal e golpeei-o com o martelo. Devo tê-lo atingido, pois a arma caiu ao chão com um tinido. O homem esquivou-se para trás da mesa, veloz como uma enguia, e, um segundo depois, tinha tirado a espingarda de dentro do sobretudo. Ouvi-o armá-la e agarrei-a antes de que pudesse atirar. Mantive-a segura pelo cano, e, durante um minuto ou mais, lutamos desesperadamente. O primeiro que a soltasse

estaria morto. Nem por um instante ele abandonou a presa, mas deixou a coronha virada para baixo um segundo a mais. Talvez tivesse sido eu quem puxou o gatilho. É possível, também, que ambos o tivéssemos feito. De qualquer modo, foi ele que recebeu em pleno rosto a dupla descarga, enquanto eu fiquei contemplando o que restava de Ted Baldwin. Havia-o reconhecido na cidade e novamente quando ele se atirou a mim, mas nem sua própria mãe o reconheceria no estado em que se encontrava. Estou habituado às piores coisas, e no entanto o espetáculo que se me deparava quase me transtornou o estômago.

"Estava agarrado a um canto da mesa, quando Barker desceu as escadas correndo e entrou na sala. Ouvi os passos de minha mulher, que se aproximava, e dirigi-me rapidamente à porta para impedir-lhe a entrada. Não era cena para uma mulher contemplar. Prometi ir encontrá-la pouco depois. Troquei algumas palavras com Barker; ele compreendeu tudo num simples olhar, e ficamos à espera de que os outros aparecessem. Todavia, não vimos sinal deles, o que nos fez compreender que não tinham ouvido nada e que de tudo quanto acontecera apenas nós tínhamos conhecimento.

"Foi nesse momento que me surgiu a idéia, e a sua luz por pouco não me deslumbrou. A manga do casaco do homem se arregaçara, fazendo aparecer a marca de fogo da Loja, gravada no antebraço. Olhem aqui."

O homem que conhecíamos como Douglas levantou a manga do casaco e da camisa e mostrou-nos um triângulo castanho dentro de um círculo, exatamente igual ao que tínhamos visto no braço do morto.

— Foi esse sinal que me abriu os olhos. De súbito, tudo me pareceu claro. A estatura, os cabelos, o físico eram quase iguais aos meus. E quanto ao rosto, pobre diabo, quem poderia reconhecê-lo? Fui buscar esta roupa e, em quinze minutos, Barker e eu vestimos nele meu roupão e o deixamos como os senhores o encontraram. Fizemos um embrulho de todas as coisas, que foi amarrado ao único objeto pesado que encontramos, e o atiramos pela janela. O cartão que ele tencionava deixar junto do meu cadáver jazia junto ao seu. Pusemos os meus anéis nos seus dedos; contudo, quando chegou a vez da aliança... — e ao dizê-lo estendeu a mão musculosa — os senhores podem ver por si mesmos que eu não seria capaz de tirá-la. Não a tirei do dedo desde o dia do meu casamento, e para isso seria preciso uma lima. Não sei se teria tido coragem de me separar dela, mas, mesmo que o quisesse, não teria sido possível. Portanto, podemos esquecer esse pormenor. Fui buscar um pedaço de bandagem e coloquei-o no rosto do morto, exatamente no lugar onde agora tenho um. Com toda a sua astúcia e inteligência, sr. Holmes, deixou escapar este ponto, pois, se tivesse pensado em tirar esse pedaço de bandagem, veria que debaixo dele não havia nenhum corte. Pois bem, era essa a situação. Se pudesse me conservar oculto por algum tempo e depois me refugiar em lugar seguro, onde minha mulher pudesse ir juntar-se a mim, teríamos tido finalmente a esperança de viver em paz o resto dos nossos dias. Aqueles malditos não me dariam tréguas enquanto eu não estivesse debaixo da terra, mas, se lessem nos jornais que Baldwin tinha liquidado o seu homem, meus temores estariam acabados.

"Não tive muito tempo para explicar com minúcias todos os meus pensamentos a Barker e à minha mulher, mas eles compreenderam o bastante para me ajudar. Sabia perfeitamente da existência deste esconderijo, como de resto, Ames o sabia, mas não lhe



veio à idéia ligá-lo aos acontecimentos. Escondi-me aí, e a Barker coube fazer o resto. Creio que os senhores já imaginaram o que ele fez. Abriu a janela e imprimiu a marca dos seus pés no peitoril, a fim de sugerir a idéia de que o assassino fugira por ali. Por certo, agiu muito arriscadamente, mas a ponte estava levantada, e não havia outro caminho. Depois de tudo preparado, fez soar a campainha com todas as suas forças. O que aconteceu em seguida todos já sabem... por isso, senhores, podem fazer o que quiserem; eu, porém, disse-lhes a verdade, nada mais que a verdade, e que Deus me ajude! E pergunto-lhes agora: qual é a minha situação perante as leis inglesas?"

Seguiu-se um silêncio, interrompido finalmente por Holmes.

— A legislação inglesa é, principalmente, justa. Não será tratado com maior rigor do que merece o seu caso; todavia, eu gostaria que me explicasse como fez esse homem para saber que o senhor morava aqui e, sobretudo, como agiu para entrar em sua casa e esconder-se num lugar em que pudesse atacá-lo.

— A respeito disso nada sei lhe dizer.

O rosto de Holmes estava muito pálido e grave.

— A história ainda não terminou, é o meu receio — disse. — O senhor poderá se defrontar com perigos maiores do que as leis inglesas ou os seus inimigos da América. Prevejo-lhe ameaças muito sérias, sr. Douglas. Siga o meu conselho: conserve-se sempre em guarda.

E agora, meus pacientes leitores, peço-lhes que me acompanhem por um tempo, longe da Mansão de Birlstone, no condado de Sussex, e mais longe ainda do ano da graça no qual realizamos nossa aventureira viagem que terminou com a estranha narrativa do homem conhecido como John Douglas. Desejo que retrocedam vinte anos no tempo, viajando no espaço, na direção do ocidente, alguns milhares de quilômetros, de modo que eu lhes possa revelar uma história singular e terrível — tão singular e terrível que talvez tenham dificuldade em acreditar que realmente haja se passado como lhes vou narrar. Não pensem que inicio uma história antes de a outra ter acabado. Ao prosseguir na leitura, verão que não é assim. E quando lhes tiver pormenorizado esses acontecimentos distantes, e lhes tiver desvendado esse mistério do passado, encontraremos uma vez mais nos aposentos da Baker Street, onde esta novela, como tantas outras aventuras maravilhosas, terá a sua conclusão.



## SEGUNDA PARTE: OS VINGADORES

### Capítulo primeiro: O homem

Era o dia 4 de fevereiro do ano de 1875. O inverno havia sido duríssimo e a neve ainda se acumulava nos desfiladeiros das montanhas de Gilmerton. A linha férrea achava-se, no entanto, desimpedida, e o trem da tarde, que liga a extensa série de aldeias de minas de carvão e ferro, subia lentamente, rangendo e bufando, pêlos íngremes planos inclinados que conduzem de Stagville, ao longo da planície, até Vermissa, distrito central situado na embocadura do vale Vermissa. A partir desse ponto, a via férrea descreve uma curva para baixo, na direção de Barton's Crossing, Helmdale, e da região essencialmente agrícola de Merton. A via era constituída por uma linha única, mas em cada desvio, e havia-os em grande número, longas fileiras de vagões, abarrotados de carvão e de minério de ferro, revelavam a riqueza oculta, que atraía uma população rude e trouxera uma vida movimentada a esse canto desolado dos Estados Unidos da América.

E desolado era de fato. Mal podia imaginar, o primeiro homem que o atravessou, que os mais férteis prados e as mais densas pastagens ficariam sem valor comparados com essa terra sombria de penhascos negros e emaranhada floresta. Acima dos bosques escuros e muitas vezes impenetráveis que o flanqueavam, os cumes altos e escavados das montanhas, recobertos de neve ou deixando ver a rocha denteada, elevavam-se de ambos os lados, formando no centro um vale longo, serpenteante e tortuoso. Era por esse vale acima que o trem seguia vagarosamente.

As lâmpadas a óleo acabavam de ser acesas no vagão de passageiros da frente, um carro longo e simples, onde se encontravam sentadas vinte ou trinta pessoas, a maior parte das quais trabalhadores que regressavam da labuta cotidiana na parte inferior do vale. Pelo menos uma dúzia destes, com os rostos encardidos e lanternas de segurança nas mãos, revelavam sua profissão de mineiros. Formavam um grupo, fumando e conversando em voz baixa, lançando de vez em quando uma olhadela para dois homens que se encontravam do lado oposto do vagão e cujos uniformes e distintivos indicavam tratar-se de policiais. Algumas mulheres da classe operária e um ou dois viajantes, provavelmente pequenos lojistas, constituíam o restante da companhia, com exceção de um jovem, sentado a um canto, sozinho. É desse homem que vamos tratar. Olhem bem para ele, pois vale a pena.

É um rapaz de compleição robusta, de estatura mediana, que faz supor não estar longe dos seus trinta anos. Possui olhos grandes, cinzentos, astutos e irônicos, que piscam inquiridoramente cada vez que ele fixa, através dos óculos, as pessoas em redor. É fácil notar que se trata de uma pessoa de caráter sociável e possivelmente simples, desejosa de se tornar amiga de todos. Qualquer um poderia imaginá-lo, ao mesmo tempo, gregário nos seus hábitos e comunicativo por natureza, de inteligência viva e sorriso fácil. E, todavia, quem o estudasse mais atentamente adivinharia nele certa firmeza no queixo e uma obstinada tensão dos lábios, que o poria de sobreaviso contra insondáveis abismos e lhe diria que esse agradável moço irlandês, de cabelos castanhos, podia, sem

a menor dificuldade, deixar o seu cunho, para bem ou para mal, em qualquer sociedade onde fosse introduzido.

Depois de ter tentado, por uma ou duas vezes, entabular conversa com o mineiro mais próximo e ter recebido em troca respostas curtas e descorteses, o viajante resignou-se, contra a sua vontade, ao silêncio e pôs-se a olhar melancolicamente, através da janela, a paisagem indistinta. Não era, por certo, uma perspectiva consoladora. Por entre a obscuridade crescente, tremeluzia o clarão rubro das fornalhas disseminadas pelos flancos das colinas. Enormes montes de escória e depósitos de resíduos de carvão surgiam de cada lado, dominados pelas altas torres das escavações das minas. Grupos irregulares de miseráveis casas de madeira, cujas janelas começavam a iluminar-se, espalhavam-se aqui e ali ao longo da linha, e os freqüentes pontos de parada achavam-se repletos dos seus tisonados habitantes. Os vales ricos de ferro e carvão da zona de Vermessa não eram, certamente, lugares freqüentados por desocupados ou intelectuais. Por toda parte se viam sinais indiscutíveis da mais brutal luta pela vida, de um trabalho penoso e dos trabalhadores rudes e fortes que o executavam.

O jovem viajante contemplava aquela paisagem desoladora com a fisionomia mesclada de repugnância e interesse, o que revelava ser esse ambiente novo para ele. A intervalos, tirava do bolso uma carta volumosa, que consultava, e em cujas margens fazia anotações. Em certo momento, sacou do bolso traseiro algo que dificilmente se poderia esperar ver em poder de um homem de aparência tão correia: um revólver da marinha, de grande calibre. Ao virá-lo para a luz, o brilho da extremidade dos cartuchos de cobre, dentro do tambor, indicou que a arma estava com a carga completa. O jovem repôs imediatamente o revólver no bolso, não, todavia, sem que seu gesto tivesse sido observado por um homem sentado no banco vizinho.

— Puxa, amigo! — exclamou aquele. — Parece disposto a tudo.

O jovem sorriu com ar embaraçado.

— Sim — replicou. — Por vezes temos necessidade disto no lugar de onde venho.

— E de onde vem?

— Estive ultimamente em Chicago.

— É desconhecido nestas paragens?

— Sim.

— Talvez venha a ter necessidade dele aqui — disse o operário.

— Ah! É mesmo? — proferiu o rapaz, interessado.

— Ainda não ouviu falar do que tem acontecido por aqui?

— Não; em nada de extraordinário.

— É incrível! Julgava que todo o país soubesse... Em breve estará a par de tudo. O que o trouxe aqui?

— Disseram-me que nestes lugares existe sempre trabalho para um homem de boa vontade.

— Pertence ao Sindicato dos Trabalhadores?

— Certamente.

— Então encontrará logo com que se ocupar, penso eu. Tem amigos?

— Ainda não, mas tenho possibilidade de arranjar.

— De que modo?

— Faço parte da Antiga Ordem dos Homens Livres. Não há cidade onde não exista uma loja, e onde existe uma loja encontro sempre algum amigo.

Essa observação produziu no seu companheiro um efeito singular. Lançou às outras pessoas que se encontravam no compartimento um olhar receoso. Os mineiros ainda conversavam em voz baixa. Os dois policiais dormitavam. O homem aproximou-se, sentou-se ao lado do jovem viajante e estendeu-lhe a mão.

— Toque aqui.

Ambos trocaram um forte aperto de mão.

— Vejo que diz a verdade, no entanto é melhor certificar-me.

Levantou a mão direita à altura da sobancelha direita. Imediatamente, o viajante ergueu a mão esquerda até a sobancelha esquerda.

— As noites escuras são desagradáveis — disse o operário.

— Sim, para pessoas estranhas viajarem — respondeu o outro.

— Isso basta. Sou o irmão Scanian, da Loja 341, do vale Vermessa. Muito prazer em vê-lo por estas bandas.

— Obrigado. E eu sou o irmão John McMurdo, da Loja 29, de Chicago. Grão-mestre, J. H. Scott; mas, na verdade, é grande sorte a minha encontrar-me tão cedo com um irmão.

— Oh! Existem muitos por aqui. Você não encontrará, em parte alguma dos Estados Unidos, a nossa ordem mais próspera do que no vale Vermessa. Todavia, temos necessidade de rapazes como você. Não posso é compreender por que, pertencendo ao Sindicato dos Trabalhadores, não conseguiu arranjar trabalho em Chicago.

— Trabalho encontrei muito — retorquiu McMurdo.

— Então, por que saiu de lá?

McMurdo indicou os policiais com um sinal de cabeça, e sorriu.

— Creio que aqueles camaradas gostariam de saber — observou.

Scanian soltou um grunhido de compreensão.

— Está em apuros? — perguntou num sussurro.

— Nem queira saber!

— Caso de penitenciária?

— E tudo o mais.

— Algum crime de morte?

— É ainda muito cedo para falar de tais coisas — disse McMurdo, com ar de quem se surpreendeu a dizer mais do que pretendia. — Tive bons motivos para abandonar Chicago, e por enquanto contente-se com isso. Quem é você para se arrogar o direito de me fazer tais perguntas?

Seus olhos cinzentos lampejaram subitamente, por trás dos óculos, num perigoso assomo de cólera.

— Está bem, amigo. Não tencionava ofendê-lo. Os rapazes não pensarão o pior de você, seja o que for que tenha feito. Para onde vai?

— Vermissa.

— É a terceira parada ao longo da linha. Onde vai hospedar-se?

McMurdo extraiu do bolso um envelope e aproximou-o da luz frouxa da lâmpada a óleo.

— Aqui está o endereço: Jacob Shafter, Sheridan Street. É uma pensão que me foi recomendada por um conhecido meu de Chicago.

— Não a conheço, mas Vermissa está fora da minha zona. Moro em Hobson's Patch, que é onde vamos parar agora. Contudo, aceite um conselho antes de nos separarmos. Se algum dia se meter em complicações em Vermissa, corra logo à sede do sindicato e procure o chefe McGinty. Ele é o grão-mestre da Loja de Vermissa, e nada sucede nestas bandas a menos que Jack McGinty, o Negro, o ordene. Até a vista, amigo. Talvez nos encontremos na loja qualquer noite destas. Lembre-se, porém, das minhas palavras: se se encontrar em apuros, procure o chefe McGinty.

Scanian desceu do trem, e McMurdo viu-se entregue, mais uma vez, aos seus pensamentos. Já era noite escura, e as chamas das numerosas fornalhas crepitavam e subiam para o ar no meio das trevas. Sobre o seu fundo soturno, sombras escuras

baixavam, retesando-se, retorcendo-se e girando com o movimento de guinchos ou guindastes, ao ritmo de um estrondo e de um fragor eternos.

— Creio que o inferno deve ser mais ou menos assim — disse uma voz.

McMurdo voltou-se e viu que um dos policiais se movera no seu lugar e contemplava a desolação flamejante.

— Quanto a isso — comentou o outro policial —, acho que o inferno deve ser qualquer coisa desse gênero. Se no outro mundo se encontram diabos piores do que alguns que podemos nomear, não sei dizer. Calculo que seja novo nesta zona, hein, rapaz?

— E que importa isso? — retrucou McMurdo, com voz insolente.

— Apenas isto, meu caro: aconselho-o a ser cuidadoso na escolha de seus amigos. Se eu fosse você, penso que não iria começar por Mike Scanian ou pela sua seita.

— E a você o que lhe interessa, com mil diabos, quais sejam os meus amigos? — bradou McMurdo, num tom que fez com que todos quantos se encontravam na carruagem voltassem a cabeça para apreciar a discussão. — Pedi, por acaso, os seus conselhos, ou julga-me tão idiota a ponto de não poder dar um passo sem eles? Fale apenas quando lhe dirigirem a palavra, e, por Deus, se espera isso de mim, é melhor desistir!

Avançou o rosto na direção dos dois policiais e arreganhou-lhes os dentes como um cão raivoso.

Os detentores da ordem, dois homens um tanto brancos mas de bom gênio, ficaram estarecidos com o ímpeto de violência que as suas palavras amigas haviam provocado.

— Não queríamos ofendê-lo, forasteiro... — disse um deles. — Avisamos com a melhor das intenções, pois, pela sua aparência, vimos que era novo nestes lugares.

— Sou novo nesta terra, mas não sou novo para você e para os da sua laia — vociferou McMurdo, colérico. — Acho que vocês são todos iguais, em qualquer parte, sempre prontos a meter o nariz onde não devem.

— Quem sabe se em breve não nos teremos de haver com você? — observou um dos policiais sorrindo. — Você é um tipo bem-apanhado, se não me engano.

— É o que também penso — acrescentou o outro. — Creio que nos iremos encontrar novamente.

— Não tenho medo de vocês, e não julguem que pretendo me esconder — gritou McMurdo. — Meu nome é McMurdo, ouviram? Se precisarem de mim, podem procurar-me na pensão de Jacob Shafter, na Sheridan Street, Vermessa; vêem, portanto, que não me escondo. De noite ou de dia, não temo defrontar-me com gente da espécie de vocês. Não tenham ilusões a esse respeito.

Ergueu-se entre os mineiros um murmúrio de simpatia e admiração pela atitude desassombrada do recém-chegado, enquanto os dois policiais encolhiam os ombros e retomavam a conversa interrompida. Poucos minutos depois o trem entrava na estação mal-iluminada, e houve um desembarque geral, pois Vermissa era, sem dúvida, a cidadezinha mais importante da linha. McMurdo pegou a mochila de couro e ia afastar-se na escuridão quando se aproximou dele um mineiro.

— Com os diabos, amigo, você sabe falar com os guardas — principiou com voz tímida. — Valeu a pena ouvi-lo! Deixe-me levar-lhe a mochila e mostrar-lhe o caminho. Para chegar à minha cabana tenho de passar pela pensão de Shafter.

Da parte dos outros mineiros elevou-se um coro amigável de boas-noites. Antes mesmo de pôr o pé na cidade, McMurdo, o turbulento, tornara-se uma personalidade importante em Vermissa.

Se toda a região tinha aspecto horroroso, a cidadezinha era, a seu modo, talvez ainda mais deprimente. Ao longo daquele extenso vale havia pelo menos certa grandiosidade tétrica emanada das imensas fogueiras e das nuvens flutuantes de fumaça, ao passo que a força e a diligência do homem encontrava dignos monumentos nas colinas de que ele, com as suas monstruosas escavações, havia derrubado os flancos. A cidadezinha, no entanto, apresentava uma triste uniformidade de miserável fealdade e imundície. A rua principal ficara reduzida, devido ao tráfego, a uma massa repugnante de neve e lama. As calçadas eram estreitas e desiguais. Os inúmeros lampiões de gás serviam tão-somente para pôr em maior evidência uma longa fila de casas de madeira, cada qual com a sua varanda malcuidada e suja, de frente para a rua. Ao passo que eles se aproximavam do centro da cidade, a cena era alegrada por uma sucessão de lojas bem-iluminadas e, sobretudo, por uma infinidade de bares e casas de jogo, nas quais os mineiros gastavam os seus salários, ganhos arduamente, mas pagos com generosidade.

— Esta é a sede do sindicato — explicou o guia, indicando um bar, que se elevava quase à dignidade de uma hospedaria. — Jack McGinty, ali, é o chefe.

— Que espécie de homem é ele? — indagou McMurdo.

— Como? Nunca ouviu falar do chefe?

— De que maneira podia conhecê-lo se sou novo nesta região?

— Bem, julgava que o nome dele fosse conhecido em todo o país. Os jornais têm falado muitas vezes nele.

— E por quê?

— Ora — o mineiro baixou a voz —, por causa daqueles negócios.

— Que negócios?

— Santo Deus!, amigo, você é um fenômeno, se me permite dizê-lo sem ofensa. Aqui não se fala de outros negócios que não sejam os dos Vingadores.

— Sim, parece-me já ter lido qualquer coisa a respeito dos Vingadores, em Chicago. Um bando de assassinos, não é verdade?

— Fale baixo, se tem amor à vida!  
— exclamou o mineiro, parando alarmado e fitando aturdido o companheiro.— Homem, você não viverá muito tempo aqui se continuar a falar desse modo na rua. Muitos já levaram o diabo por muito menos.

— Bem, não sei nada de suas atividades, É apenas o que tenho lido.

— E não digo que o que você leu não seja verdade.



À medida que falava, o homem olhava nervosamente em torno de si, perscrutando as trevas como se temesse a ameaça de qualquer perigo.

— Se matar é crime — continuou ele —, então Deus sabe que há crimes em demasia. Contudo, não se arrisque a pronunciar o nome de Jack McGinty com relação a eles, forasteiro, porque lhe contam tudo quanto se murmura aqui, e ele não é pessoa para deixar passar ofensas em branco. Mas aquela é a casa que você procura... ali, um pouco afastada da rua. Verá que o velho Jacob Shafter, o proprietário, é um dos homens mais honestos desta cidade.

— Obrigado — disse McMurdo; e, apertando a mão do seu novo conhecido, encaminhou-se vagarosamente, com a mochila na mão, para o atalho que conduzia à habitação, a cuja porta bateu com firmeza. Ela foi imediatamente aberta por alguém muito diferente do que ele esperava.

Era uma mulher jovem e extraordinariamente bela, do tipo sueco, de cabelos louros, que contrastavam de forma chocante com os lindos olhos escuros, os quais inspecionaram o estranho, demonstrando surpresa e agradável perturbação, que trouxeram uma onda de rubor ao seu rosto pálido. Emoldurada na luz viva da porta aberta, pareceu a McMurdo que jamais vira imagem tão graciosa, tanto mais atraente pelo contraste com o ambiente sórdido e triste que a circundava. Uma encantadora violeta, brotada num daqueles montes de detritos das minas, não lhe teria provocado maior espanto. Tão enlevado estava ele, que se deixou ficar à porta, sem dizer palavra, e foi ela quem quebrou o silêncio.

— Julguei que fosse meu pai — explicou a jovem, com um leve e agradável sotaque sueco. — Veio vê-lo? Ele está na cidade, mas espero que volte dentro em pouco.

McMurdo continuava a fixá-la, sem tentar esconder sua admiração, até que os olhos da jovem baixaram, confusos, diante do visitante obstinado.



— Não — respondeu finalmente —, não tenho pressa de ver seu pai, mas sua casa me foi recomendada como pensão. Julguei que me servisse; agora, porém, tenho certeza.

— O senhor é rápido nas suas decisões — disse ela sorrindo.

— Qualquer um, a não ser que fosse cego, faria o mesmo — replicou McMurdo.

Ela riu do cumprimento.

— Em vista disso, entre, meu senhor — convidou ela. — Sou Ettie Shafter, filha do sr. Shafter. Minha mãe faleceu, e eu tomo conta da casa. Pode se sentar junto à lareira, na sala da frente, até meu pai chegar. Ah!, ele já está aí; pode, portanto, combinar tudo diretamente com ele. Um ancião, cheio de corpo, avançava lentamente pelo atalho. Em poucas palavras, McMurdo explicou a sua presença. Certo Murphy lhe havia dado o endereço, em Chicago, e, por sua vez, recebera-o de outra pessoa. O velho Shafter concordou prontamente. O estranho não discutiu condições, conformou-se com todas as imposições, tanto mais que, pelo menos aparentemente, dava mostras de estar cheio de dinheiro. A doze dólares por semana pagos adiantadamente, teria cama e comida. E foi assim que McMurdo, que se confessava fugido da justiça, passou a residir sob o teto dos Shafter, dando o primeiro passo na senda da longa e tenebrosa série de ocorrências que iriam terminar numa terra longínqua.

## Capítulo segundo: O grão-mestre

McMurdo era um homem que causava imediatamente forte impressão. Onde quer que se encontrasse, logo se fazia notar por toda a gente. Ao fim de uma semana, tornara-se a pessoa mais importante da pensão de Shafter. Havia ali dez ou doze pensionistas — honrados capatazes ou simples caixeiros de lojas, indivíduos, em suma, de tipo muito diferente do daquele jovem irlandês. À noite, quando se reuniam, suas brincadeiras eram as melhores, sua conversa, a mais brilhante e suas canções, as melhores de todas. Sociável por natureza, dotado de um magnetismo que suscitava bom humor em todos os que dele se aproximavam, mostrava, todavia, muito freqüentemente, como já o fizera

no trem, invulgar capacidade para explodir em ímpetos de cólera imprevista, que infundiam respeito, para não dizer medo, aos que o cercavam. Da mesma forma, pela lei e por tudo quanto com ela se relacionasse, demonstrava um amargo desprezo, que fazia as delícias de uns e a inquietação de outros, entre os seus colegas de pensão.

Deixou evidente, desde o princípio, com a sua manifesta admiração, que a filha de Shafter lhe havia conquistado o coração no momento em que pusera os olhos na sua beleza e graça. Como não fosse pretendente que se demorasse em delongas, já no segundo dia lhe tinha declarado o seu amor, e daí por diante não fez mais que lhe repetir a mesma história com a mais absoluta indiferença pelo que ela pudesse dizer para desencorajá-lo.

— Existe outro! — costumava exclamar. — Ora, tanto pior para esse outro! Que tome cuidado! Devo então perder a minha oportunidade na vida e todo o desejo do meu coração por causa de outro? Pode dizer "não" quantas vezes quiser, Ettie, mas dia virá em que há de dizer "sim", e sou bastante jovem para esperar.

Era um candidato perigoso, com a fluência natural do irlandês e suas maneiras gentis e insinuantes. Emanava dele, também, a sedução da experiência e do mistério, que desperta o interesse e, por fim, o amor de uma mulher. Sabia falar dos doces vales do condado de Monaghan, de onde viera, da encantadora ilha distante, das colinas baixas e dos prados verdejantes, que pareciam tanto mais belos quando vistos com os olhos da imaginação, naquele lugar de neve suja e lamacentas. E, depois, era um profundo conhecedor da vida das cidades do norte, de Detroit e das zonas de madeiras de Michigan, de Buffalo e, finalmente, de Chicago, onde trabalhara numa serralheria. Vinha, em seguida, a nota romanesca, a sensação de lhe terem acontecido coisas estranhas naquela cidade, tão estranhas e tão íntimas que não podiam ser contadas. Falava com ar pensativo de uma partida súbita, da ruptura de velhas ligações, da fuga para um mundo misterioso, que terminara naquele vale tristonho, e Ettie ouvia, enquanto os seus olhos escuros cintilavam, cheios de compaixão e simpatia — dois estados de alma capazes de, rápida e naturalmente, transformar-se em amor.

McMurdo tinha conseguido emprego, provisoriamente, como guarda-livros, pois era pessoa de boa instrução. Essa ocupação mantinha-o fora a maior parte do dia, e ele ainda não tivera tempo de se apresentar ao chefe da loja da Antiga Ordem dos Homens Livres. Certa noite, no entanto, foi lembrado dessa sua falta pela visita de Mike Scanlan, o confrade que conhecera no trem. Scanlan, homem de pequena estatura, nervoso, de rosto afilado e olhos negros, demonstrou alegria ao vê-lo novamente. Após a ingestão de um ou dois copos de uísque, decidiu-se a expor o motivo da visita.

— Ouça, McMurdo — principiou —, lembrei-me do seu endereço e, por isso, arrisquei-me a visitá-lo. Estou surpreso por você ainda não ter se apresentado ao grão-mestre. O que aconteceu para ainda não se ter, até agora, avistado com o chefe McGinty?

— É que eu precisava procurar emprego. Tenho andado muito ocupado.

— Precisa arranjar tempo para ele, ainda que não o tenha para o resto. Por Deus, homem, você é louco de ainda não ter estado na sede do sindicato e registrado o seu nome logo no dia seguinte à sua chegada aqui! Se lhe cair no desagrado...

McMurdo revelou certa surpresa.

— Sou membro da loja há mais de dois anos, Scanlan, e nunca me disseram que os nossos deveres fossem assim tão urgentes.

— Em Chicago, é possível que não sejam.

— Ora! A sociedade é a mesma.

— Ah, é?

Scanlan fitou-o longamente. Havia algo de sinistro em seus olhos.

— E não é?

— Você me dirá daqui a um mês. Soube que teve uma alteração com os policiais, depois de eu ter descido do trem.

— Como veio a saber disso?

— Oh! Nesta zona se sabe tudo... tanto as coisas boas como as más.

— Pois bem! Disse àqueles cães o que pensava deles.

— Por Deus, você será um homem querido de McGinty!

— Por quê? Ele também odeia a polícia?

Scanlan explodiu numa sonora gargalhada.

— Vá vê-lo, meu rapaz — disse ele, despedindo-se.

— De outra forma, não será a polícia, mas a você que ele odiará! Por ora, siga o conselho de um amigo e vá o mais depressa possível!

Aconteceu que, justamente naquela tarde, McMurdo tinha outro encontro mais urgente, o que o levou para outra direção. É provável que as suas atenções para com Ettie tenham sido mais evidentes do que de costume, ou talvez a lenta apreensão do bom hospedeiro sueco as tivesse finalmente compreendido; o certo é que, fosse qual fosse a causa, o proprietário da pensão chamou o jovem ao seu quarto particular e tratou do assunto sem mais circunlóquios.

— Parece-me, meu caro amigo — começou ele —, que se interessa pela minha Ettie. É ou não é verdade?

— Sim, é verdade — respondeu o rapaz.

— Pois bem, quero dizer-lhe, antes de mais nada, que está perdendo o seu tempo. Alguém chegou primeiro.

— Foi o que ela me disse.

— E posso garantir-lhe que disse a verdade! Mas explicou-lhe de quem se trata?

— Não; perguntei-lhe várias vezes, mas ela não quis me dizer.

— Calculava isso; ela é esperta! Provavelmente, não quis amedrontá-lo.

— Amedrontar-me? — McMurdo enfureceu-se.

— Sim, meu amigo! Não tem nada de que se envergonhar em ter medo de um homem como aquele. Trata-se de Ted.

— E quem diabo é ele?

— É um dos chefes dos Vingadores.

— Vingadores! Já ouvi falar deles. Vingadores aqui, Vingadores ali, e, sempre que alguém se refere a eles, é em voz baixa! Por que vocês todos têm tanto pavor deles? Quem são esses Vingadores?

O dono da pensão instintivamente baixou a voz, como todos quando falavam dessa temível sociedade.

— Os Vingadores — disse — são a Antiga Ordem dos Homens Livres.

O jovem estremeceu.

— Ora! Eu também sou membro dessa ordem.

— O senhor! Jamais consentiria na sua entrada nesta casa, se soubesse disso... nem que me oferecesse cem dólares por semana.

— Mas o que é que há de mau com essa ordem? Ela se dedica à caridade e à boa harmonia entre os homens; é o que dizem os seus estatutos.

— Talvez em outros lugares; não aqui!

— E qual é o seu objetivo aqui?

— É uma sociedade criminosa; eis o que ela é.

McMurdo riu, incrédulo.

— E que provas tem disso? — indagou.

— Provas?! Não bastam cinqüenta assassinatos para testemunhá-lo? Que foi feito de Milman e de Van Short, da família Nicholson, do velho Hyan, do pequeno Billy James e de tantos outros? Provas! Existe, por acaso, um homem ou uma mulher neste vale que não o saiba?

— Escute uma coisa — disse McMurdo com ar sério. — Quero que o senhor retire ou, então, sustente tudo quanto disse. É preciso que o senhor faça uma ou outra coisa, antes de eu deixar este quarto. Ponha-se no meu lugar; aqui estou eu, um estranho nesta cidade. Pertencço a uma sociedade que sei ser honesta e inofensiva. Ela está espalhada por todos os Estados Unidos, mas seus fins, em toda parte, são puros. E agora, justamente quando pretendo participar das suas atividades aqui, o senhor vem me dizer que ela é o mesmo que uma agremiação de criminosos sob o título de "Vingadores". Creio que o senhor deve me apresentar desculpas ou dar-me uma explicação, sr. Shafter.

— Não posso lhe dizer senão o que o mundo inteiro sabe, meu caro. Os chefes de uma são os chefes da outra. Se o senhor ofender a um, fere o outro. Esse fato tem sido confirmado inúmeras vezes.

— Isso não passa de conversa! Quero provas! — berrou McMurdo.

— Se o senhor permanecer aqui algum tempo, terá todas as provas que deseja. Mas eu ia me esquecendo de que o senhor é um deles. Bem depressa será tão ruim como os outros. O senhor precisa, portanto, encontrar outro alojamento; não posso permitir que continue nesta casa. Não é bastante aparecer um daquela corja e fazer a corte à minha Ettie, sem que eu ouse pô-lo na rua, e ainda é preciso, agora, que eu tenha outro como pensionista? É o cúmulo! O senhor não dormirá mais aqui, a partir de amanhã!

E foi assim que McMurdo se achou banido, tanto daquela cômoda pensão como da companhia da jovem que amava. Naquela mesma tarde, encontrou Ettie na saleta de estar e confiou-lhe toda a sua desdita.

— Seu pai acaba de me pôr na rua — disse ele. — Pouco me importaria se se tratasse apenas do meu quarto, mas, francamente, Ettie, apesar de conhecê-la há somente uma semana, você se tornou para mim a própria razão da existência, e já não posso viver sem você.

— Oh! Por favor, McMurdo; não me fale assim! — replicou a jovem. — Eu já não lhe disse que chegou demasiado tarde? Há outro, e, se não prometi desposá-lo imediatamente, não posso, pelo menos, comprometer-me com mais ninguém.

— E se eu tivesse chegado primeiro, Ettie, poderia ter a esperança de ser bem acolhido?

A garota escondeu o rosto nas mãos.

— Como eu desejaria que você tivesse chegado primeiro! — soluçou.

No mesmo instante, McMurdo atirou-se de joelhos a seus pés.

— Pelo amor de Deus, Ettie, isso basta! — gritou. — Quer arruinar a sua vida e a minha por causa de uma promessa tola? Siga a voz do seu coração, querida! É um guia muito mais seguro do que qualquer promessa formulada antes de você saber o que estava dizendo.

Enquanto falava, tinha tomado entre as suas mãos fortes a branca mão de Ettie.

— Diga que será minha, e enfrentaremos juntos a situação.

— Mas não aqui!

— Sim, aqui mesmo.

— Não, não, Jack! — Os braços dele, entretanto, tinham-na enlaçado. — Aqui, seria impossível. Você não pode me levar para longe deste lugar?

No rosto de McMurdo perpassou a sombra de um conflito interior, mas de súbito ele se imobilizou num todo granítico.

— Não! Aqui — insistiu. — Eu a defenderei contra tudo e contra todos, Ettie, aqui mesmo onde estamos.

— Mas por quê?

— Eu não teria coragem de andar de cabeça erguida, se tivesse a impressão de ter sido escorraçado de um lugar. Por outro lado, por que devemos ter medo? Não somos, por acaso, gente livre num país livre? Se nos amamos, quem ousaria se interpor?

— Você não sabe, Jack. Está neste lugar há muito pouco tempo. Não conhece Baldwin, nem McGinty e os seus Vingadores.

— Não, não os conheço, não os temo e nem acredito neles! — protestou McMurdo. — Tenho vivido entre homens rudes, minha querida, e, em vez de receá-los, são sempre eles que acabam por me temer. Em todos os tempos foi assim, Ettie. Mas é absurdo! Se esses homens, como afirma seu pai, cometem crimes neste vale, e se todos lhes conhecem os nomes, como é possível que nenhum deles tivesse sido denunciado à polícia? Responda-me, Ettie!

— Porque jamais nenhuma testemunha ousou depor contra eles. Não viveria um mês, se o fizesse. Também eles têm sempre alguém disposto a jurar que o acusado se encontrava distante na ocasião do delito. Mas é impossível, Jack, que não tenha lido a respeito disso tudo! Estava certa de que todos os jornais dos Estados Unidos tinham relatado esses fatos.

— Para dizer a verdade, li qualquer coisa a propósito disso; julguei, no entanto, que se tratava de fantasias. Pode ser que essas pessoas tenham algum motivo para agir desse modo. Talvez estejam sendo vítimas de alguma injustiça e não encontrem outro meio ao seu alcance.

— Oh, Jack, não gosto de ouvi-lo falar assim! É o que ele também diz... o outro!

—É? Baldwin também diz isso?

— E é esse o motivo pelo qual o odeio tanto. Oh, Jack! Agora posso dizer-lhe a verdade. Detesto aquele homem de todo o meu coração; mas tenho medo dele. Tenho-o por minha causa e, sobretudo, por causa de meu pai. Sei que nos aconteceria uma grande desgraça se eu me atrevesse a dizer tudo o que sinto. Por essa razão, eu sempre o tenho iludido com meias promessas. Na realidade, era essa a nossa única esperança de salvação; contudo, se você quiser fugir comigo, Jack, poderemos levar meu pai conosco e viver, finalmente, longe do domínio desses homens perversos.

Nova luta se desenhou no rosto de McMurdo, e mais uma vez a sua fisionomia se endureceu.

— Fique tranqüila, Ettie; não correrá perigo algum... nem você, nem seu pai. E quanto a homens perversos, espero que tenha ocasião de verificar que sou pior do que o mais celerado deles, antes de chegarmos ao fim.

— Não, não, Jack! A minha confiança em você é ilimitada.

McMurdo riu amargamente.

— Santo Deus! Como me conhece pouco! A sua alma inocente, querida, nem por sombra pode imaginar o que se passou na minha. Mas, vejo só! Quem é o visitante?

A porta abrira-se de chofre, e um jovem entrara afoitamente na saleta, com ares de dono da casa. Era um belo rapaz, aproximadamente da mesma idade e estatura de McMurdo. Sob o chapéu desabado de feltro, que ele não se dera ao trabalho de tirar, um belo rosto, com olhos insolentes e dominadores e nariz aquilino, fitava selvaticamente o par sentado junto à lareira.

Ettie pusera-se repentinamente de pé, confusa e assustada.

— Muito prazer em vê-lo, sr. Baldwin — disse. — Chegou mais cedo do que eu esperava. Sente-se aqui.

Baldwin parou no meio da sala, com as mãos nas ilhargas, olhando para McMurdo.

— Quem é esse? — perguntou rapidamente.

— É um amigo meu... um novo pensionista. Sr. McMurdo, permite-me que o apresente ao sr. Baldwin?

Os dois homens trocaram um leve aceno de cabeça, com ar carrancudo.

— Espero que a srta. Ettie já lhe tenha contado as relações que existem entre nós — disse Baldwin.

— Não me consta que haja qualquer relação entre o senhor e Miss Ettie.

— Não? Pois bem, ficará sabendo agora. Advirto-o de que esta jovem é minha e de que a noite está particularmente apropriada para um passeio.

— Muito obrigado; não tenho a menor vontade de passear.

— Não? — Os olhos ferozes do rapaz brilhavam de cólera. — Talvez, então, tenha vontade de lutar, senhor pensionista.

— Exatamente! — exclamou McMurdo, pondo-se de pé. — Foi a primeira coisa inteligente que o senhor disse até agora.

— Pelo amor de Deus, Jack! Oh! pelo amor de Deus! — gritou a pobre Ettie, fora de si.  
— Oh! Jack, Jack, cuidado com ele.

— Oh! Oh! Já o chama de Jack? — vociferou Baldwin, com uma blasfêmia. — Já chegaram a esse ponto?

— Oh! Ted, por favor, seja razoável! Por minha causa, Ted, se me ama, mostre-se generoso e perdoe!

— Creio, Ettie, que se nos deixasse a sós poderíamos liquidar melhor este assunto — disse McMurdo em voz tranqüila. — Ou talvez queira dar um giro comigo pela rua, sr. Baldwin. A noite está linda, e existe um terreno baldio pouco adiante do quarteirão vizinho.

— Ajustarei contas com você sem necessidade de sujar as mãos — retrucou-lhe o adversário. — Lamentará ter pos-to os pés nesta casa, antes de eu dar cabo de você.

— Nenhum momento é mais oportuno do que este — gritou McMurdo.

— O momento oportuno escolherei eu, meu caro. Deixe isso comigo. Olhe para cá! — E, arregaçando a manga com um gesto rápido, mostrou no antebraço um sinal estranho, que parecia ter sido feito a fogo: um triângulo dentro de um círculo. — Sabe o que isto significa?



— Não sei, nem quero saber!

— Mas irá saber. Prometo-lhe que não esperará muito até que compreenda à sua própria custa. Talvez a srta. Ettie possa lhe dizer algo a esse respeito. E quanto a você, Ettie, há de voltar a me procurar de joelhos. Ouviu, menina? De joelhos! E, depois, eu lhe direi qual será o seu castigo. Você semeou vento... e, por Deus, vai colher tempestade!

Fitou ambos com olhar enraivecido e, depois, girou nos calcanhares. Um instante mais tarde, a porta se fechou às suas costas com um baque seco.

McMurdo e a jovem deixaram-se ficar em silêncio por alguns segundos, após o que, esta se atirou em seus braços.

— Oh! Jack, como foi corajoso! Mas não adianta... Você precisa fugir! Esta noite, Jack... esta noite! É a sua única esperança. Ele acabará com você. Vi isso naquele olhar terrível. Que probabilidades pode você ter contra uma dúzia de homens como aquele, com o chefe McGinty e todo o poder da loja a apoiá-los?

McMurdo desvencilhou-se dos braços da jovem, beijou-a e conduziu-a meigamente para uma cadeira.

— Calma, querida, calma! Não se preocupe comigo, nem tema pela minha sorte. Eu também sou membro da ordem. Acabei de dizê-lo a -seu pai. É provável que eu não seja melhor do que os outros, portanto, não faça de mim um santo! Talvez me odeie, agora, depois do que eu disse.

— Odiá-lo, Jack?! Enquanto eu viver, jamais poderei fazê-lo. Sei que não há mal algum em ser um homem livre em qualquer parte do mundo, menos neste lugar; como haveria



pois de odiá-lo por isso? Mas, se pertence de fato à Antiga Ordem dos Homens Livres, por que não vai procurar o chefe McGinty e se torna amigo dele? Oh! Apresse-se, Jack, vá já! Fale com ele, antes que aqueles cães surjam no seu caminho.

— Estava pensando nisso mesmo — disse McMurdo. — Vou agora mesmo e arranjo tudo. Pode dizer a seu pai que dormirei aqui esta noite e amanhã cedo tentarei arranjar outro alojamento.

O bar do estabelecimento de McGinty estava apinhado de gente, como de costume, pois era o local favorito de encontro dos piores elementos da cidade. O homem desfrutava de grande popularidade, devido ao temperamento desabrido e jovial que constituía a máscara que lhe encobria grande parte do íntimo. Todavia, pondo de parte esta popularidade, o medo que suscitava em toda a cidade, ou melhor, nos cinquenta quilômetros do vale e além das montanhas, era suficiente para encher-lhe o bar, pois ninguém poderia dar-se ao desprazer de preterir-lhe as boas graças.

Exceto o poder secreto, que todos acreditavam que ele exercia de maneira implacável, ele desempenhava as funções de alto funcionário público, de conselheiro municipal e de encarregado da conservação das estradas, eleito para esses cargos pelo voto dos rufiões, que, por seu turno, esperavam receber favores das suas mãos. Os impostos e as taxas eram enormes, os serviços públicos notoriamente descuidados, as contas, falsificadas por revisores subornados, e o cidadão honesto, coagido pelo terror a pagar publicamente importâncias exorbitantes e obrigado a calar-se para que não lhe acontecesse coisa ainda pior. E era essa a razão pela qual os alfinetes de brilhantes do chefe McGinty se tornavam, de ano para ano, cada vez mais evidentes, as correntes de ouro, mais pesadas, a ornar-lhe o colete suntuoso, e seu bar se ampliava progressivamente, a ponto de ameaçar absorver todo um lado da Market Square.

McMurdo deu um empurrão na porta de vaivém do salão e abriu caminho por entre a chusma de homens que o enchiam, numa atmosfera saturada de fumaça e cheiro de álcool. O local achava-se maravilhosamente iluminado, e os espelhos enormes, profusamente dourados, dispostos ao redor da sala, refletiam e multiplicavam a luz vivíssima. Diversos empregados em mangas de camisa trabalhavam sem descanso, preparando bebidas para os ociosos que cercavam o vasto balcão guardado de metal. Numa das extremidades, com o corpo apoiado no balcão, um charuto fincado em ângulo agudo num canto da boca, estava um homem alto, forte e maciço, que outro não podia ser senão o célebre McGinty em pessoa. Era uma espécie de gigante de cabeleira negra, barbudo até as maçãs do rosto, com uma mecha de cabelos de azeviche que lhe caía sobre o colarinho. Sua tez, tão morena como a de um italiano, e os olhos pretos, estranhamente sem brilho e levemente estrábicos, davam-lhe um aspecto particularmente sinistro. No resto, suas proporções nobres, as feições delicadas e a atitude franca correspondiam ao tom jovial e espontâneo que ele afetava. Quem não o conhecesse, poderia jurar encontrar-se diante de um tipo honesto, franco, de bom coração, por mais grosseiras que as suas palavras sem peias pudessem parecer. Somente quando aqueles olhos escuros, opacos, profundos e desapiedados se fixavam em alguém, é que este se arrepiava, percebendo estar face a face com uma capacidade infinita de maldade latente, apoiada por uma força, uma coragem e uma astúcia que a tornavam mil vezes mais perigosa.

Depois de ter estudado atentamente o seu homem, McMurdo abriu passagem, com o seu habitual atrevimento, e aproximou-se do pequeno grupo de adutores que rodeava o poderoso chefe, rindo estrepitosamente das suas menores piadas. Os audazes olhos cinzentos do jovem estranho enfrentaram, indômitos, através dos óculos, o olhar encarniçadamente sombrio que o outro lhe lançou subitamente.



— Olá, jovem, não me lembro de o ter visto antes.

— Sou novo aqui, sr. McGinty.

— Não é tão novo que não possa dar a uma pessoa o título conveniente.

— Este é o conselheiro McGinty, rapaz — disse uma voz do grupo.

— Desculpe-me, conselheiro, desconheço os hábitos do lugar, mas sugeriram-me que viesse visitá-lo.

— Pois bem, aqui me tem. Inteirinho. Que tal me acha?

— Ainda é cedo para dizer alguma coisa; no entanto, se o coração lhe é tão grande como o

corpo e a alma, tão bela quanto o rosto, não posso desejar nada melhor — respondeu McMurdo.

— Com mil raios! Seja como for, você tem, na verdade, uma língua de irlandês — berrou o dono do bar, indeciso, sem saber se devia dar corda ao insolente visitante ou manter a dignidade. — Então tem a bondade de aprovar a minha aparência?

— Naturalmente — retrucou McMurdo.

— E disseram-lhe que me procurasse?

— Precisamente,

— E quem lhe disse isso?

— O irmão Scanlan, da Loja 341, Vermissa. Bebo à sua saúde, conselheiro, e à nossa amizade — disse, erguendo o copo que lhe haviam enchido; e, enquanto bebia, levantou o dedo mínimo.

McGinty, que o ficara examinando atentamente, alteou as grossas sobrancelhas negras.

— Oh! É assim, então? Preciso verificar melhor esse negócio, sr...

— McMurdo.

— ... um pouco melhor, sr. McMurdo, porque não confiamos em ninguém nestas bandas, nem acreditamos em tudo o que nos dizem. Venha aqui um momento, atrás do bar.

Entraram numa salinha em cujas paredes se amontoava grande número de barris. McGinty fechou cuidadosamente a porta, depois sentou-se numa das pipas, mastigando pensativamente o charuto e inspecionando o companheiro com seus olhos inquietantes. Por alguns minutos, deixou-se ficar em absoluto silêncio.

McMurdo suportou de bom humor o exame, com uma das mãos no bolso do casaco e com a outra alisando os bigodes castanhos. De súbito, McGinty curvou-se e exibiu um revólver de aspecto pouco tranquilizador.

— Ouça lá, meu caro piadista — disse —, se eu descobrir que você pretende nos pregar uma peça, mal terá tempo de pedir perdão a Deus para os seus pecados.

— Isso me parece uma recepção bastante estranha, da parte do grão-mestre de uma loja de Homens Livres a um irmão desconhecido — respondeu McMurdo com certa dignidade.

— Sim, mas é isso justamente o que deve provar, ou seja, ser um verdadeiro irmão — falou McGinty —, e que Deus o ajude, se não o conseguir. Onde fez a sua iniciação?

— Na Loja 29, em Chicago.

— Quando?

— Em 24 de junho de 1872.

— Quem era o grão-mestre?

— James H. Scott.

— E o dirigente da zona?

— Bartholomew Wilson.

— Hum! Parece ter as respostas engatilhadas. Que veio fazer aqui?

— Vim trabalhar, como o senhor, porém num emprego menos rendoso.

— Você é, realmente, muito rápido nas respostas!....

— Sim, a minha palavra sempre foi rápida.

— E também é rápido na ação?

— Gozo dessa fama entre as pessoas que me conhecem bem.

— É provável que o ponhamos à prova mais cedo do que pensa. Já ouviu dizer alguma coisa da loja desta região?

— Soube que recebe como irmão um homem que o demonstra ser.

— Com relação a você, isso é verdade, McMurdo. Por que abandonou Chicago?

— Prefiro que me matem a dizê-lo.

McGinty arregalou os olhos. Não estava habituado a que lhe respondessem daquela maneira, e isso o divertiu.

— Por que não quer dizê-lo a mim?

— Pela simples razão de que um irmão não deve mentir a outro.

— Então a verdade é assim tão má para ser contada?

— Pode pensar o que melhor lhe convier.

— Olhe lá, amigo; não pode pretender que eu, como grão-mestre, receba na loja um homem por cujo passado não posso responder.

McMurdo mostrou-se perplexo. Tirou por fim, de um bolso interno, um recorte de jornal amarrotado.

— O senhor não seria capaz de trair um confrade? — perguntou.

— Arrebento-lhe a cara se repetir tal coisa — gritou McGinty, furioso.

— Tem razão, conselheiro — disse McMurdo humildemente. — Peco-lhe desculpas. Falei sem refletir. Sim, sei que nas suas mãos estou seguro. Veja este recorte.

McGinty passou os olhos sobre o relato do assassinato a tiros de certo Jonas Pinto, ocorrido no Lake Saloon, na Market Street, em Chicago, no ano-novo de 1874.

— É obra sua? — inquiriu, ao restituir-lhe o papel.

McMurdo fez um aceno afirmativo de cabeça.

— Por que o atingiu?

— Eu estava ajudando o Tio Sam a fazer dólares. É possível que os meus não fossem de ouro tão bom como os dele; mas eram bem semelhantes e sua fabricação era mais barata. O tal Pinto me auxiliava a distribuir a grana...

— A fazer o quê?

— Bem, quero dizer, a pôr os dólares em circulação. Disse que depois dividia comigo o resultado. Talvez o tivesse feito; o certo é que não esperei para ver. Dei cabo dele e tratei de fugir para a região carbonífera.

— Por que exatamente para a região carbonífera?

— Por ter lido nos jornais que aqui ninguém se metia na vida da gente.

McGinty soltou uma gargalhada.

— Você primeiro era falsário, depois tornou-se assassino e, finalmente, veio para cá porque julgou ser bem recebido, não é assim?

— Mais ou menos isso — redargüiu McMurdo.

— Pois bem; creio que há de ir longe. Diga-me: ainda sabe fabricar dólares?

McMurdo extraiu do bolso meia dúzia de moedas.

— Estes nunca passaram pela casa da moeda em Washington — afirmou.

— Não me diga! — exclamou McGinty, pegando-os com a mão enorme, peluda como a de um gorila, e aproximando-os da luz. — Não vejo a menor diferença! Caramba! Creio que será um irmão utilíssimo. Precisamos de uma ou duas pessoas ativas entre nós, amigo McMurdo, pois há ocasiões em que temos necessidade de agir. Estaremos em breve contra a parede, se não reagirmos contra os que nos atacam.

— Garanto-lhe que saberei cumprir a minha parte junto dos outros rapazes.

— Você parece ter bons nervos. Nem piscou os olhos quando lhe apontei esta pistola.

— Não era eu quem corria perigo.

— Quem, então?

— O senhor, conselheiro — explicou McMurdo, tirando uma pistola engatilhada do bolso lateral do casaco de pano grosso. — Acompanhei todos os seus movimentos, e acredite que o meu tiro seria tão rápido como o seu.

McGinty tornou-se repentinamente rubro de cólera, depois explodiu numa fragorosa gargalhada.

— Com mil raios! — bradou. — Olhe, há muito tempo que não se vê por estas bandas um sacripanta da sua estirpe. Julgo que a loja ainda sentirá muito orgulho de você. Ora, que diabo deseja? Não poderei falar a sós com um cavalheiro durante cinco minutos, sem ser interrompido por você?

O empregado do bar ficou-se confuso.

— Perdoe-me, conselheiro, trata-se do sr. Baldwin. Diz que necessita lhe falar imediatamente.

O recado era desnecessário, pois o rosto duro e cruel de Baldwin em pessoa apontou por sobre o ombro do criado. Ele o empurrou para fora e fechou a porta às suas costas.

— Então — disse, lançando a McMurdo um olhar furibundo —, você chegou primeiro? Tenho uma coisa a lhe dizer a respeito desse homem, conselheiro.

— Pois diga-o já, na minha presença — gritou McMurdo.

— Falarei quando me convier, e da maneira que quiser.

— Calma, calma! — interpôs McGinty, levantando-se do barril. — Isso de nada adianta. Temos entre nós um novo irmão, Baldwin, e não é decente da nossa parte recebê-lo dessa maneira. Ponha aqui a sua mão, homem, e façam as pazes.

— Jamais! — gritou Baldwin, fora de si.

— Ofereci-me para lutar com ele, se achava que o tinha ofendido — explicou McMurdo. — Lutarei à mão livre, ou, se isso não lhe basta, do modo que preferir. Agora, deixo ao seu critério, conselheiro, a resolução do nosso caso, como deve fazer um grão-mestre.

— De que se trata, então?

— De uma jovem. Ela é livre de escolher por si própria.

— Ah, é? — berrou Baldwin.

— Como convém, entre dois irmãos da loja, direi que sim — disse o chefe.

— Oh! É essa então a regra?

— Sim, é a minha regra, Ted Baldwin — redargüiu McGinty com um olhar perverso. — É você que a quer discutir?

— E você abandonaria quem o tem acompanhado durante cinco anos para favorecer alguém que nunca viu na sua vida? Você não é grão-mestre perpétuo, Jack McGinty, e, por Deus, na primeira eleição...

O conselheiro atirou-se a ele como um tigre. Sua mão fechou-se ao redor do pescoço do outro e arremessou o desgraçado contra um dos barris. Estava de tal modo enfurecido, que o teria morto se não fosse a intervenção de McMurdo.

— Devagar, conselheiro! Pelo amor de Deus, tenha calma! — gritou, puxando-o para trás.

McGinty soltou a presa, e Baldwin, atemorizado e abatido, arquejante e tremulo, como quem tivesse estado às portas da morte, sentou-se na pipa contra a qual fora atirado.

— Você andava à procura disso há muito tempo, Ted Baldwin, Agora encontrou o que buscava — berrou McGinty, com o vasto peito tumultuosamente ofegante. — Talvez pensasse que, se me tivesse tirado o cargo de grão-mestre, viesse a ocupar esse lugar. Cabe à loja, entretanto, decidir a esse respeito e, enquanto eu for grão-mestre, não permitirei que ninguém levante a voz contra mim ou contra as minhas ordens.

— Não tenho nada contra você — murmurou Baldwin, esfregando o pescoço.

— Pois então — exclamou o outro, retomando imediatamente o seu tom de rude jovialidade — tornemo-nos todos bons amigos e ponhamos um ponto final na questão.

Tirou uma garrafa de champanha da prateleira e fez saltar a rolha.

— E agora — prosseguiu, enchendo três longos cálices —, façamos um brinde contra as pendências da loja. Depois disso, sabem, não pode correr sangue entre nós.

E neste momento, com a mão esquerda sobre o meu pomo-de-adão, eu lhe pergunto, Ted Baldwin: qual é a ofensa, senhor?

— As nuvens estão carregadas — respondeu Baldwin.

— Não obstante, elas desaparecerão para sempre.

— Eu o juro.

Os três homens beberam, e a mesma cerimonia repetiu-se entre Baldwin e McMurdo.

— Muito bem! — exclamou McGinty, esfregando as mãos. — Evitamos derramamento de sangue. Se isso tornar a acontecer, serão colocados sob a disciplina da loja, e ela é exercida com mão de ferro nesta zona, como sabe o irmão Baldwin e como você em breve aprenderá, irmão McMurdo, se andar em busca de complicações.

— Com os diabos! Não serei eu, por certo, que irei procurar lutas — disse McMurdo, estendendo a mão a Baldwin. — Estou sempre pronto para lutar, mas ainda mais para perdoar. A culpa é do meu sangue quente de irlandês, já me disseram. Todavia, por mim tudo acabou, e não guardo rancor algum.



Baldwin teve de aceitar a mão que lhe era estendida, pois o olhar maligno do terrível chefe estava fixo nele. Contudo, sua fisionomia carrancuda mostrava quão pouco lis palavras do outro o haviam tocado.

McGinty bateu com as mãos nos ombros de ambos.

— Ah! Essas meninas, essas meninas! — bradou. — E pensar que justamente as mesmas saias viriam se intrometer entre dois dos meus rapazes. É obra do Diabo! Bem, cabe à menina que está dentro delas resolver o assunto, pois estas coisas exorbitam da competência de um grão-mestre, o Senhor seja louvado! Já temos muito que fazer para nos preocuparmos com as mulheres. Você deve se filiar à Loja 341, irmão McMurdo. Temos os nossos próprios meios e sistemas, diferentes dos de Chicago. Nossa próxima reunião será no sábado, e, se comparecer, nós o proclamaremos livre para sempre no vale Vermessa.

### **Capítulo terceiro: Loja 341, Vermessa**

No dia seguinte à noite em que se desenrolaram tão emocionantes acontecimentos, McMurdo mudou-se da pensão do velho Jacob Shafter para a casa da viúva MacNamara, nos limites extremos da cidade. Scanlan, seu primeiro conhecido do trem, teve, pouco depois, ocasião de se transferir para Vermessa, e ambos passaram a morar juntos. Não havia outros pensionistas, e a dona da casa era uma velha irlandesa camarada, que os deixava à vontade, de modo que tinham absoluta liberdade de palavras e de ação, o que era bastante conveniente a homens com segredos comuns. Shafter abrandara a ponto de permitir que McMurdo participasse das suas refeições quando bem entendesse, de maneira que as relações deste com Ettie não sofreram nenhuma interrupção; pelo contrário, tornaram-se mais afetuosas e íntimas com o correr das semanas. No quarto de dormir da sua nova habitação, McMurdo achou que podia se servir com segurança dos seus cunhos de moedas, e, após repetidas e solenes promessas de guardar segredo, certo número de irmãos da loja tiveram permissão para ir vê-los, e de lá saíram levando nos bolsos alguns exemplares das moedas falsas, cunhadas com tamanha perfeição que nenhum deles teve a menor dificuldade em passá-las. Por que motivo, com arte tão maravilhosa à sua disposição, McMurdo se sacrificava trabalhando constituía um verdadeiro mistério para os seus companheiros, embora ele explicasse, a todos os que lhe perguntavam, que, se vivesse sem meios aparentes de sustento, em breve atrairia as atenções da polícia.

Efetivamente, um policial já andava no seu encalço, mas o incidente, por sorte, acarretou ao aventureiro muito mais benefício do que prejuízo. Depois da sua primeira apresentação, rara era a noite em que não comparecia no bar de McGinty, com o intuito de estreitar os laços de amizade com os rapazes, título jovial com que os integrantes da perigosa turma se chamavam reciprocamente. Suas maneiras audazes e sua linguagem destemida o transformaram no favorito daquela gente, ao mesmo tempo em que o modo rápido e científico como dominava o adversário numa rixa de botequim lhe granjeava o respeito daquela comunidade bronca. Outro incidente, todavia, elevou-o ainda mais no conceito geral.



Justamente na hora de maior movimento, certa noite, á porta se abriu, e entrou no salão um homem envergando o discreto uniforme azul e o boné alto da Polícia do Carvão e do Ferro. Era uma organização especial de vigilância subvencionada pêlos proprietários das ferrovias e das minas de carvão, destinada a auxiliar os esforços da polícia civil comum, que era completamente impotente em face do banditismo organizado que infundia o terror na região. Um profundo silêncio acolheu seu ingresso, e mais de um olhar curioso se fixou nele; contudo, as relações entre policiais e criminosos são características nos Estados Unidos, e o próprio McGinty, de pé atrás do balcão, não demonstrou a menor surpresa quando o inspetor se reuniu aos seus clientes.

— Um uísque puro, pois a noite está gélida — disse o agente. — Creio que ainda não nos conhecemos, conselheiro, não é verdade?

— Você é o novo capitão? — perguntou McGinty.

— Exatamente. Contamos com o senhor, conselheiro, e com os outros cidadãos influentes para nos ajudarem a manter a ordem e a lei nesta cidade. Sou o capitão Marvin... da Polícia do Carvão e do Ferro.

— Agiremos melhor sem você, capitão Marvin — replicou McGinty friamente. — Temos a nossa própria polícia, aqui na cidade, e não necessitamos de nenhum traste importado. O que é você senão um instrumento pago pelos capitalistas, arranjado para atacar a cacetadas e a tiros os nossos concidadãos mais pobres?

— Vamos deixar de discussões — obtemperou, bem-humorado, o policial. — Acredito que todos cumprimos o nosso dever segundo a própria opinião; entretanto, é pena que essas opiniões não sejam todas iguais.

Já esvaziara o copo e preparava-se para sair, quando seus olhos pousaram no rosto de Jack McMurdo, que se encontrava a seu lado com ar carrancudo.

— Vejam só! Eis aqui um velho conhecido — exclamou, olhando-o de alto a baixo.

McMurdo afastou-se dele.

— Nunca fui seu amigo ou de qualquer maldito guarda em toda a minha vida! — replicou.

— Conhecidos nem sempre são amigos — observou o policial, sorrindo. — Você é Jack McMurdo, de Chicago, e é inútil negá-lo.

McMurdo encolheu os ombros.

— Conhecidos nem sempre são amigos — observou o policial, sorrindo. — Você é Jack McMurdo, de Chicago, e é inútil negá-lo.

McMurdo encolheu os ombros.

— Não estou negando nada — retrucou. — Pensa, talvez, que me envergonho do meu nome?

— E, não obstante, tem bons motivos para isso!

— Que diabo pretende insinuar com essas palavras? — rugiu McMurdo, de punhos fechados.

— Não, não, Jack; suas bravatas não me intimidam. Estive de serviço em Chicago, antes de vir parar nesta miserável carvoeira, e sou capaz de reconhecer um tratante de Chicago quando o vejo.

McMurdo caiu das nuvens.

— Não me diga que é Marvin, da Polícia Central de Chicago! — exclamou.

— O mesmo velho Teddy Marvin, em pessoa, às suas ordens. Ainda não nos esquecemos do assassinato de Jonas Pinto, naquelas bandas.

— Não fui eu quem o matou.

— Tem certeza? Naturalmente, o seu testemunho é muito imparcial, não é verdade? Em todo caso, a morte dele chegou bastante a propósito, pois de outra forma você teria sido preso como passador de moeda falsa. Mas esqueçamos o passado, porque, aqui entre nós... e talvez eu esteja indo além do que o dever me impõe... não puderam obter provas seguras contra você, e portanto pode voltar a Chicago amanhã, se quiser.

— Estou muitíssimo bem onde me encontro.

— Bem, dei-lhe uma informação preciosa, e você é, de fato, cabeçudo em não se mostrar agradecido.

— Ora, acredito que as suas intenções sejam boas e agradeço-lhe por isso — resmungou McMurdo de maneira pouco gentil.

— Por mim está tudo muito bem, desde que você proceda corretamente — disse o capitão. — Mas, por Deus, se sair fora da linha depois de tudo quanto eu disse, a conversa será outra! Portanto, boa noite para você... e para o senhor também, conselheiro.

Com tais palavras, afastou-se do bar, não sem que antes disso tivesse criado um herói local. As façanhas de McMurdo, da longínqua Chicago, já tinham dado motivo a murmúrios. Ele desviara todas as perguntas a esse respeito com um sorriso, como se não quisesse se engrandecer à custa do caso. Agora, porém, a coisa estava confirmada



oficialmente. Os freqüentadores do bar aglomeraram-se em torno dele e apertaram-lhe cordialmente a mão. Daquele momento em diante, era livre de fazer na comunidade o que bem entendesse. McMurdo podia beber à farta sem dar mostras de embriaguez, mas, naquela noite, se seu amigo Scanlan não estivesse presente para conduzi-lo a casa, o festejado herói teria certamente passado a noite sob o balcão do bar.

Num sábado à noite, McMurdo foi admitido na loja. Ele imaginara que poderia entrar sem nenhum cerimonial, como os iniciados de Chicago; em Vermessa, no entanto, existiam ritos particulares, dos quais os seus adeptos se orgulhavam, e a esses ritos todo postulante devia se submeter. A assembléia reuniu-se num vasto aposento, reservado para tais fins, na sede do sindicato. Cerca de sessenta membros congregavam-se em Vermessa; todavia, esse número de forma alguma representava a força total da agremiação, pois havia várias lojas disseminadas, as quais permutavam os seus adeptos quando alguma coisa importante estava sendo preparada, de modo que um delito podia ser cometido por indivíduos completamente estranhos à localidade. No conjunto, não havia menos do que quinhentos prosélitos espalhados por toda a zona carbonífera.

Na sala de reuniões, completamente despida de enfeites, os homens se achavam agrupados em volta de uma longa mesa. Ao lado desta, havia outra, coberta de garrafas e copos, para os quais alguns membros da companhia já volviam sequiosamente os olhos. McGinty estava sentado à cabeceira, com um barrete mole de veludo negro sobre a massa emaranhada de cabelos de azeviche e um cachecol cor de púrpura ao redor do pescoço, o que lhe dava um aspecto de sacerdote que presidisse a algum ritual diabólico. À direita e à esquerda dele, viam-se os altos graduados da loja, entre os quais se salientavam as feições cruéis e ao mesmo tempo belas de Ted Baldwin. Cada um desses trazia, como emblema do seu cargo, uma chapa ou um medalhão. Eram, na maioria, homens maduros, mas o resto do pessoal consistia em jovens de dezoito a vinte e cinco anos, emissários prontos e capazes, que executavam as ordens dos mais velhos. Entre estes últimos, havia muitos cujas fisionomias lhes revelavam as almas sanguinárias e refratárias à lei; observando, porém, os demais correligionários, era difícil pensar que aqueles rapazes de rosto franco e corajoso constituíssem, na verdade, um perigoso grupo de assassinos cujas mentes tivessem sofrido tão completa perversão moral a ponto de se sentirem sadicamente orgulhosos da sua proficiência no mal e de olharem com o mais profundo respeito o homem que gozava da reputação de saber fazer o que chamavam de servicinho limpo. Para os seus ânimos corrompidos, tornara-se uma atitude cavalheiresca e audaz oferecer-se voluntariamente para liquidar pessoas que jamais os tinham ofendido e que, em muitos casos, nunca tinham visto na sua vida. Cometido o crime, discutiam, vangloriando-se cada qual de ter sido o primeiro a vibrar o golpe fatal, e divertiam-se e aos circunstantes descrevendo os gritos e as contorções da vítima. A princípio, mantinham um certo segredo nos seus preparativos, mas na época descrita nesta narrativa, agiam com uma desfaçatez incrível, pois os repetidos malogros da justiça tinham-lhes provado que não somente ninguém ousaria depor contra eles, como também podiam dispor de ilimitado número de testemunhas fiéis e de um cofre bem-formido, do qual lhes era possível obter os fundos necessários a fim de arrebanhar para a sua defesa os maiores expoentes jurídicos do Estado. Em dez anos ininterruptos de violência, não tinha havido nenhuma condenação, e o único perigo que corriam os Vingadores resumia-se nas próprias vítimas, as quais, apesar de inferiores em número e colhidas de surpresa, podiam, e de fato isso às vezes acontecia, deixar a sua marca nos assaltantes.

McMurdo tinha sido prevenido de que uma prova o aguardava, mas ninguém lhe quisera dizer em que consistia ela. Foi conduzido para uma sala exterior por dois irmãos de aspecto solene. Através do tabique de madeira, chegava-lhe aos ouvidos o murmúrio das inúmeras vozes da assembléia. Por uma ou duas vezes, ouvira pronunciar o seu próprio nome e compreendeu que estavam discutindo a sua candidatura. Depois, na sala em que ele se encontrava, entrou um membro da guarda interna, que trazia atravessada no peito uma faixa verde e ouro.

— O grão-mestre ordena que o amarrem, que lhe vendem os olhos e o mandem entrar — disse.

Então, três homens lhe tiraram o casaco, arregaçaram-lhe a manga do braço direito e, finalmente, passaram-lhe uma corda em redor, acima dos cotovelos, e apertaram-na vigorosamente. Colocaram-lhe em seguida um espesso capuz negro sobre a cabeça, o qual lhe cobriu também a parte superior do rosto, de modo que ele não pudesse ver nada, e assim foi levado para a sala da reunião.

Estava completamente cego e sufocado sob aquele capuz. Ouviu o ruído e o sussurro de vozes ao redor, e, por fim, a voz de McGinty ressoou, abafada e distante, aos seus ouvidos tapados.

— Jack McMurdo — disse a voz —, você já é membro da Antiga Ordem dos Homens Livres?

O rapaz acenou afirmativamente com a cabeça.

— É a sua loja a de número 29, de Chicago?

Novo sinal afirmativo de cabeça, da parte dele.

— As noites escuras são desagradáveis — continuou a voz.



— Sim, para pessoas estranhas viajarem — respondeu.

— As nuvens estão pesadas.

— Sim, uma tempestade se aproxima.

— Estão os irmãos satisfeitos? — inquiriu o grão-mestre.

Ergueu-se na sala um murmúrio geral de assentimento.

— Verificamos, irmão, pela senha e contra-senha que nos acaba de dar, que você é realmente um dos nossos — disse McGinty. — Queremos, porém, que saiba que, tanto nesta região como noutras, vizinhas, temos certos ritos e também certos deveres peculiares que requerem homens valorosos. Está pronto para a prova?

— Estou.

— Tem coração forte?

— Tenho.

— Dê um passo à frente para demonstrar isso.

Enquanto essas palavras eram pronunciadas, ele sentiu sobre os olhos duas pontas agudas, que os comprimiam tanto, a ponto de parecer-lhe não poder avançar um milímetro sem correr o risco de perdê-los. Não obstante, reuniu todas as suas forças e adiantou-se resolutamente. Nesse mesmo instante a pressão diminuiu e desapareceu, e um som confuso de aplausos fez-se ouvir.

— Tem um coração forte — observou a voz. — Sabe suportar a dor?

— Tão bem como qualquer outro — replicou.

— Sujeite-o à prova!

Tudo o que pôde fazer foi conter-se para não soltar um berro, pois uma dor lancinante lhe atravessou o ante-braço. Por pouco não desmaiou diante do choque imprevisto; contudo, mordeu os lábios e apertou os punhos para esconder o sofrimento.

— Posso suportar ainda mais — disse.

Dessa vez os aplausos estrugiram, irrefreáveis. Jamais alguém se comportara, na primeira apresentação na loja, de maneira tão estóica. Várias mãos bateram-lhe nas costas, o capuz foi-lhe retirado da cabeça, e ele ficou aturdido com a luz, piscando e sorrindo, rodeado pelas congratulações dos correligionários.

— Ainda uma última palavra, irmão McMurdo — interpôs McGinty. — Você já pronunciou o juramento de segredo e fidelidade e sabe, portanto, que a punição por qualquer quebra do juramento é a morte instantânea e inevitável!

— Sei — proferiu McMurdo.

— E aceita a regra do grão-mestre, presentemente, em toda e qualquer circunstância?

— Aceito.

— Então, em nome da Loja 341, de Vermissa, eu lhe concedo todos os seus privilégios e o direito de tomar parte em todos os seus debates. Ponha as bebidas na mesa, irmão Scanlan, para que possamos beber à saúde do nosso digno irmão.

Tinham-lhe trazido o casaco, mas, antes de vesti-lo, McMurdo examinou o braço direito, que ainda lhe doía intensamente. Ali, na carne viva do antebraço, estava gravado, nitidamente, um círculo cingindo um triângulo, profundo e rubro, como o tinha deixado o ferro incandescente. Alguns dos adeptos, que estavam mais próximos dele,

arregaçaram as mangas e mostraram marcas idênticas.

— Todos nós a temos — disse um deles —, mas nem todos a receberam com tanta bravura como você.

— Ora! Isso não foi nada — respondeu McMurdo.

Apesar disso, a dor e o calor da queimadura o incomodavam muitíssimo.

Quando as libações que se sucederam à cerimônia de iniciação terminaram, tiveram início as discussões dos trabalhos da loja. McMurdo, habituado às atividades prosaicas de Chicago, ouvia com grande atenção o que vem descrito a seguir, não ousando revelar a sua imensa surpresa.

— O primeiro assunto da ordem do dia — disse McGinty — consiste na leitura da seguinte carta do chefe de divisão, Windle, do condado de Merton, Loja 249. Diz ela:

"Prezado senhor:

Há um trabalho para executar com relação a Andrew Rae, da firma Rae & Sturmarsh, proprietários de minas de carvão próximas desta zona. O senhor deve se lembrar de que a sua loja está em débito para conosco pelos serviços de dois dos nossos irmãos, no caso do policial de ronda, no último outono. Peço-lhe que nos mande dois homens capazes, que ficarão às ordens do tesoureiro Higgins, desta loja, cujo endereço é do seu conhecimento. Ele lhes dirá quando e onde devem agir. Seu irmão na liberdade

J. W. Windle, C.D.A.O.H.L."

"Windle jamais se recusou a ajudar-nos quando tivemos necessidade de lhe pedir o auxílio de um ou dois homens; não podemos, portanto, deixar de atendê-lo."

McGinty fez uma pausa e percorreu a sala com os olhos malignos e opacos.

— Quem se oferece espontaneamente para este trabalho? — perguntou.

Diversos rapazes levantaram a mão. O grão-mestre fitou-os com um sorriso de aprovação.

— Você está muito bom, Tigre Cormac. Se se sair tão bem como da última vez, não será esquecido. E você também, Wilson.

— Não tenho revólver — disse o voluntário, um rapazola de menos de vinte anos.

— É a sua primeira empresa, não é verdade? Bem, um dia teria de sofrer o batismo de sangue. Será um grande início para você. Quanto ao revólver, estou certo de que o encontrará à sua espera. Se estiverem prontos na segunda-feira, será mais que suficiente. Terão uma bela acolhida quando voltarem.

— Não haverá nenhuma recompensa desta vez? — indagou Cormac, jovem corpulento, de rosto sombrio e aspecto selvagem, cuja ferocidade lhe valera o apelido de "Tigre".

— A recompensa não importa, vocês trabalharão pela honra do empreendimento. Todavia, é possível que, no fim de tudo, haja alguns dólares extras, no fundo da caixa, à espera de vocês.

— Que fez o homem? — indagou o inexperiente Wilson.

— Por certo não compete a pessoas como você perguntar o que ele tenha feito. Foi julgado lá, e o resto não nos interessa. Cabe-nos apenas levar a cabo a empresa por conta deles, como eles fariam por nós. E, por falar nisso, dois confrades da loja de Merton estarão entre nós na próxima semana, a fim de se desobrigarem de uma tarefa nesta zona.

— Quem são? — perguntou alguém.

— Francamente, é melhor ignorar. Se não souberem de nada, não serão chamados como testemunhas e, desse, modo, estarão livres de qualquer perigo. Entretanto, tratase de homens que sabem fazer um servicinho limpo, quando se apresenta a ocasião.

— E também já é tempo! — gritou Ted Baldwin. — Muita gente está escapando ao devido castigo nestas bandas. Ainda na semana passada, três dos nossos homens foram despedidos pelo capataz Blaker. Há muito que ele devia merecer a nossa atenção, e em breve a terá, de maneira adequada e completa.

— O que é que o espera? — sussurrou McMurdo ao seu vizinho.

— Um balaço bem assestado! — exclamou o homem, com sonora gargalhada. — Que acha dos nossos métodos, irmão?

A alma criminosa de McMurdo parecia ter já absorvido o espírito da infame sociedade da qual se havia tornado membro.

— Agradam-me muito — respondeu. — Este é o lugar conveniente para um rapaz de mérito.

Alguns dos que se encontravam perto ouviram-lhe as palavras e aplaudiram-nas.

— O que é? — berrou o cabeludo grão-mestre, da outra extremidade da sala.

— É o nosso novo irmão, senhor, que considera os nossos métodos muito do seu agrado.

McMurdo levantou-se por um instante.

— Queria indicar, venerável chefe, que, quando necessitar de alguém, considerar-me-ei honrado se for escolhido para auxiliar a loja.

Aplausos estrepitosos acompanharam essa declaração. Todos tinham a sensação de que um novo sol despontava no horizonte. Alguns dentre os mais idosos sentiam, por outro lado, que o progresso fora demasiado rápido.

— Desejaria sugerir — disse o secretário Harraway, um velho de cara de abutre e barba grisalha, sentado ao lado do presidente — que o irmão McMurdo aguardasse até que a loja entendesse por bem servir-se dele.

— Exatamente; é o que pretendia deixar claro. Ponho-me inteiramente em suas mãos — replicou McMurdo.

— Chegará a sua hora, irmão — acrescentou o presidente. — Já o distinguimos como homem de boa vontade e estamos certos de que será um elemento útil nesta zona. Há trabalhinho hoje à noite, no qual, se quiser, poderá tomar parte.

— Prefiro esperar por algo mais importante.

— Em todo caso, pode nos acompanhar esta noite; isso o ajudará a conhecer os nossos propósitos nesta comunidade. Farei a comunicação mais tarde. Entretanto — continuou, lançando o olhar para a agenda —, tenho mais um ou dois assuntos para apresentar à assembléia. Antes de tudo, pedirei ao tesoureiro que nos informe sobre o nosso saldo bancário. Devemos pensar numa pensão para a viúva de Jim Carnaway. Ele foi abatido a serviço da loja, e cabenos providenciar que ela não fique numa situação precária.

— Jim foi morto o mês passado, quando tentava liquidar Chester Wilcox, de Marley Creek — explicou um vizinho a McMurdo.

— A situação financeira, neste momento, é boa — disse o tesoureiro, consultando a caderneta do banco, aberta à sua frente. — As firmas têm sido generosas nos últimos tempos. A Max Linder & Co. pagou quinhentos dólares para não ser incomodada. A Walker Brothers enviou-nos cem; decidi, porém, restituí-los e pedir-lhes que nos mandem quinhentos. Se não receber resposta até quarta-feira, talvez-os seus negócios venham a correr mal. Fomos obrigados a queimar-lhe o quebrador mecânico a fim de torná-la razoável. Por outro lado, a West Section Coaling Company pagou a sua contribuição anual. Temos o bastante em nosso poder para fazer face a qualquer obrigação.

— E que nos diz de Archie Swindon? — perguntou um irmão.

— Vendeu tudo e abandonou a zona. O velho tratante deixou-nos um recado em que dizia preferir ser varredor de ruas, livre, em Nova York, a ser proprietário de uma grande mina, sob o domínio de um bando de chantagistas. Por Deus! Ele teve sorte em desaparecer antes de o bilhete vir parar nas nossas mãos! Creio que não terá mais coragem de pôr os pés neste vale.

Um homem idoso, rigorosamente barbeado, de aspecto benévolo e cordial, ergueu-se na outra extremidade da mesa, de frente para o presidente.

— Senhor tesoureiro — disse —, permite-me que lhe pergunte quem comprou a propriedade do homem que escorraçamos da zona?



— Perfeitamente, irmão Morris. Foi adquirida pela State & Merton Country Railroad Company.

— E quem comprou as minas de Todman e de Lee, que foram postas no mercado, no ano passado, de igual maneira?

— A mesma companhia, irmão Morris.

— E quem adquiriu as fábricas metalúrgicas de Manson, de Shuman, de Van Deher e de Atwood, que foram cedidas ultimamente?

— Foram todas compradas pela West Gilmerton General Mining Company.

— Não percebo, irmão Morris — interpôs o presidente —, a importância que possa ter para nós quem as comprou, desde que ninguém seja capaz de transportá-las para fora desta zona.

— Com todo o respeito que lhe é devido, venerável chefe, julgo que pode importar muitíssimo. Isso vem se processando há dez longos anos. Pouco a pouco, estamos afastando do seu comércio todos os pequenos proprietários; e qual é o resultado? Encontramos em seu lugar grandes companhias como a Railroad e a General Iron, que têm diretores em Nova York ou Filadélfia, pessoas que não fazem caso algum das nossas ameaças. Podemos tornar razoáveis os seus chefes locais, mas isso significa apenas que outros serão mandados em seu lugar. E estamos tornando a situação perigosa para nós mesmos. Os pequenos não nos podiam fazer mal; não tinham nem o dinheiro nem a força para isso. Uma vez que não os sugássemos demasiado, continuariam sob o nosso domínio. Mas se essas grandes companhias se capacitarem de que nos interpomos entre eles e os seus lucros não pouparão trabalho nem despesa para nos descobrirem e nos levarem à barra do tribunal.

A estas palavras pouco tranquilizadoras, seguiu-se um silêncio. Todos os rostos se obscureceram, enquanto olhares apreensivos eram trocados entre os presentes. Tão onipotentes e impunes tinham sido até então, que não lhes podia passar pela cabeça a idéia de serem sujeitos a um possível fracasso. E, todavia, aquele quadro de um futuro cheio de ameaças trouxe um arrepio de medo até mesmo aos mais intrépidos.

— Sou de opinião — prosseguiu o orador — que não se trate com tanto rigor os pequenos proprietários. No dia em que todos eles forem banidos, o poder da nossa sociedade estará destruído.

A verdade crua nunca é bem recebida. No momento em que o orador voltava a se sentar, ergueram-se de toda a sala gritos coléricos de protesto. McGinty levantou-se com a fisionomia alterada.

— Irmão Morris — disse —, você sempre foi uma ave agourenta. Enquanto os membros da loja se mantiverem unidos, não haverá força neste país que possa atingi-los. Não temos, por acaso, demonstrado isso muitas vezes nos tribunais? Espero que as grandes companhias verifiquem que é mais fácil pagar do que entrar em luta conosco,

como fazem as pequenas. E agora, irmãos — continuou McGinty, tirando o barrete de veludo negro e a estola —, a loja terminou os seus trabalhos desta noite, com exceção de um pequeno assunto, do qual falaremos quando nos separarmos. Chegou o momento de bebermos alguma coisa pela nossa fraternal amizade e de tocarmos um pouco de música.

A natureza humana é verdadeiramente estranha. Encontravam-se ali homens para os quais o delito era familiar, que em repetidas ocasiões tinham assassinado chefes de família, pessoas contra as quais não nutriam o menor rancor pessoal, sem a mais leve sombra de remorso ou de compaixão pela viúva e pelos filhos desamparados, e, no entanto, a doçura e o patético da música era capaz de comovê-los até as lágrimas. McMurdo possuía uma linda voz de tenor, e, se não tivesse angariado a estima da loja, ninguém a teria negado depois de experimentar o prazer de ouvi-lo cantar *I'm sitting on the stile*, *Mary* e *On the banks of Allan Water*. A partir daquela primeira noite, o novo recruta tornara-se popularíssimo entre os seus confrades e já era apontando para acesso a alto cargo. Havia, porém, outras qualidades necessárias, além de boa camaradagem, para que ele pudesse se tornar digno do título de Homem Livre, e dessas lhe foi dado exemplo antes de a noite terminar. A garrafa de uísque já tinha dado volta à mesa muitas vezes, e os homens estavam com os rostos afogueados e prontos para todas as iniquidades, quando o grão-mestre se ergueu novamente.

— Rapazes — principiou —, existe certa pessoa nesta cidade que necessita de uma boa lição, e cabe a vocês tomar providências a fim de que a receba. Refiro-me a James Stanger, do Herald. Já viram como ele começou de novo a abrir a boca contra nós?

Um murmúrio de assentimento percorreu a sala, entrecortado por mais de uma praga sufocada. McGinty tirou do bolso do colete um recorte de jornal.

— Eis como ele começa o artigo; "Justiça e ordem. Reino do terror na zona do carvão e do ferro. Doze anos já são decorridos desde os primeiros assassinatos, que vieram provar que existe uma associação de criminosos entre nós. A partir dessa ocasião, jamais cessaram as transgressões à lei, que chegaram agora ao cúmulo de nos converter no opróbrio do mundo civilizado. É para alcançar tais resultados que a nossa grande nação acolhe no seu seio os estrangeiros fugidos dos despotismos da Europa? É para que eles próprios se transformem em tiranos das mesmas pessoas que lhes deram abrigo e instaurem um estado de terrorismo e ilegalidade justamente à sombra das sagradas dobras da bandeira estrelada da liberdade, situação que nos causaria horror, se soubéssemos que existia nas mais corruptas monarquias do Oriente? Os homens são conhecidos. A organização é pública e notória. Até quando iremos suportar tal estado de coisas? Podemos viver constantemente..." Mas, creio que já li bastante desta imundície — vociferou o presidente, atirando o papel para cima da mesa. — Isto é o que diz de nós. E eu lhes pergunto: Que iremos nós lhe dizer?

— Acabemos com ele! — gritaram em coro uma dezena de vozes furibundas.

— Protesto contra essa decisão — disse o irmão Morris, o homem de feições suaves e rosto escanhado, — Eu lhes afirmo, irmãos, que a nossa mão está se tornando muito pesada neste vale e que chegará o momento em que, como defesa própria, todos se reunirão para nos esmagar. James Stanger é idoso e respeitado tanto na cidade como em toda a zona. Seu jornal é o defensor de todas as boas causas no vale. Se esse homem for

morto, haverá tal agitação neste Estado, que só terminará com a nossa destruição.

— E que farão para nos destruir, sr. Obstáculo? — berrou McGinty. — Com o auxílio da polícia? Como, porém, se metade dela está a nosso soldo e a outra metade tem medo de nós? Ou com a ajuda dos tribunais e dos juízes? Já experimentamos isso, e que perigo nos ameaçou?

— O juiz Lynch talvez venha a julgar o caso — objetou o irmão Morris.

Um coro de protestos indignados acolheu essa sugestão.

— Bastará que eu levante um dedo — urrou McGinty — e poderei colocar nesta cidade duzentos homens, que a varreriam de ponta a ponta.

Depois, erguendo subitamente a voz e arqueando as vastas sobrancelhas negras numa terrível carranca, acrescentou :

— Ouça, irmão Morris, há muito que estou de olho em você. Você não tem coragem e procura tirar a dos outros. Será um mau dia para você, irmão Morris, aquele em que o seu nome figurar na ordem do dia, e creio ser justamente ali que eu devia colocá-lo.

Morris fizera-se extremamente pálido, e seus joelhos pareceram ceder ao seu peso, quando ele caiu sentado na cadeira. Levantou o copo com a mão trêmula e bebeu antes de poder responder.

— Peço-lhe desculpa, venerável chefe, bem como a todos os irmãos desta loja, se disse mais do que devia. Sou um membro leal... todos sabem disso, e é unicamente o temor do mal que possa atingir a loja o motivo das minhas palavras de apreensão. Entretanto, deposito mais fé no seu julgamento que no meu, venerável chefe, e prometo não ofender novamente o sentimento dos meus irmãos.

O rosto carregado do grão-mestre desanuviou-se ao ouvir essa prova de submissão.

— Muito bem, irmão Morris. Lamentaria muito se tivesse necessidade de lhe dar uma lição. Mas, enquanto me sentar nesta cadeira, seremos uma loja unida em palavra e em ação. E agora, rapazes — continuou, percorrendo os circunstantes com o olhar —, direi apenas isto: se Stanger receber o castigo merecido, correremos perigo maior do que que gostaríamos. Esses jornalistas formam uma classe unida, e todos os jornais dos Estados Unidos começariam a invocar a proteção da polícia e do exército; creio, não obstante, que poderemos fazer-lhe uma advertência bastante severa. Pode se encarregar disso, irmão Baldwin?

— Perfeitamente! — respondeu com presteza o jovem.

— De quantos homens vai precisar?

— De meia dúzia, e mais dois para ficarem de guarda à porta. Venha você, Gower, e você, Mansel, e você, Scanlan, e os dois Willaby.

— Prometi ao novo irmão que ele iria — observou o presidente.

Ted Baldwin fixou McMurdo com olhos que demonstravam claramente que ainda não lhe perdoara ou esquecera.

— Pois bem! Pode vir, se quiser — resmungou, de maus modos. — Por ora, basta. Quanto mais cedo nos pusermos a trabalhar, melhor,

A reunião dissolveu-se entre gritos e berros e trechos de canções avinhadas. O bar ainda estava repleto de noctívagos, e muitos dos irmãos se deixaram ficar ali. Os que tinham sido escolhidos para a empresa saíram para a rua, andando pela calçada, em grupos de dois ou três, a fim de não chamar atenção. A noite estava gélida e a meia-lua cintilava luminosa num céu límpido, cravejado de estrelas. Os homens estacaram e reuniram-se num pátio, defronte de um alto edifício. Entre as janelas, profusamente iluminadas, lia-se a inscrição "Vermissa Herald", em caracteres dourados. Do seu interior, provinha o ruído da máquina impressora.

— Eh! Você — disse Baldwin a McMurdo —, pode se colocar junto à porta e avisar-nos se a rua está desimpedida. Arthur Wiliaby ficará com você. Os outros me acompanharão. Não tenham medo, rapazes, pois temos doze testemunhas para provar que neste momento nos encontramos no bar do sindicato.

Era quase meia-noite e a rua estava deserta, salvo por um ou dois retardatários a caminho de casa. O grupo atravessou a rua e, empurrando a porta da redação do jornal, Baldwin e seus homens irromperam no seu interior e subiram rapidamente a escada. McMurdo e o outro permaneceram embaixo. Da sala do pavimento superior ouviu-se um berro, um brado de socorro, e depois o estrépito de pés e o ruído de cadeiras caídas. Um instante depois, um homem de cabelos grisalhos correu até o patamar da escada, mas foi apanhado antes de poder ir mais além, e seus óculos caíram, tilintando, aos pés de McMurdo. Seguiu-se um golpe seco e um gemido. O homem caíra de bruços, e meia dúzia de bastões desceram-lhe simultaneamente sobre as costas. Ele se contorcia, e seus membros, longos e esguios, estremeciam sob os golpes. Os outros cessaram, finalmente, mas Baldwin, com um sorriso infernal no rosto cruel, continuava golpear a cabeça do desgraçado, que tentava em vão defendê-la com os braços. Seus cabelos brancos estavam empapados de sangue. Baldwin inclinava-se ainda sobre a sua vítima, procurando acertar mais uma pancada sempre que se lhe apresentava uma parte indefesa, quando McMurdo se precipitou pela escada acima e o afastou com um empurrão.

— Você vai acabar matando-o — disse. — Pare com isso!

Baldwin fitou-o, estarrecido.

— Maldito! — exclamou. — Quem é você para se intrometer... você, que é novo na loja? Afaste-se!

Levantou o bastão, mas, com um gesto rápido, McMurdo tinha tirado o revólver do bolso.

— Afaste-se você! — gritou. — Estouro-lhe os miolos, se ousar tocar-me. E, quanto à loja, a ordem do grão-mestre foi de não matar este homem. E o que está você fazendo senão tentar liquidá-lo?

— É verdade o que ele diz — observou um dos homens.

— Por Deus, andem depressa! — gritou o que estava de guarda na rua. — As janelas estão todas se iluminando e, em menos de cinco minutos, a cidade inteira estará atrás de vocês.

Realmente, havia na rua barulho de gritos, e um pequeno grupo de tipógrafos e impressores já se formava no vestibulo, preparando-se para entrar em ação. Abandonando o corpo exausto e inerte do redator no alto da escada, os criminosos desceram precipitadamente e puseram-se em fuga ao longo da rua. Próximo da sede do sindicato, alguns deles se misturaram com o grande número de pessoas que se encontravam no bar de McGinty e segredaram aos ouvidos do chefe, através do balcão, que a empresa tinha sido levada a cabo com inteiro êxito. Outros, e entre estes McMurdo, embrenharam-se por vielas laterais, alcançando assim, por meio de caminhos escusos, as suas próprias casas.



## Capítulo quarto: O Vale do Terror

Quando McMurdo acordou na manhã seguinte, tinha fortes motivos para se recordar da sua iniciação na loja. A cabeça lhe doía devido às excessivas libações e o braço, onde o tinham marcado, estava em carne viva e inchado. Graças às suas fontes particulares de rendimento, podia permitir-se o luxo de trabalhar quando lhe aprouvesse. Portanto, tomara a refeição matinal mais tarde e deixara-se ficar em casa, ocupado em escrever uma longa carta a um amigo. Em seguida, pôs-se a folhear o Daily Herald. Em coluna especial, incluída à última hora, leu: "Violências na redação do Herald. Redator gravemente ferido". Era um breve relato dos fatos a respeito dos quais estava mais ao corrente do que o próprio autor do artigo. Terminava com a seguinte declaração:

"O assunto encontra-se agora nas mãos da polícia; contudo, não existem esperanças de que seus esforços sejam coroados de maior êxito do que no passado. Alguns dos assaltantes foram reconhecidos, e espera-se obter provas concretas da culpabilidade dos acusados. A causadora do ataque foi, sem a menor sombra de dúvida, a infame

sociedade que há tanto tempo escraviza esta comunidade e contra a qual o Herald assumiu tão desassombrada atitude. Os inúmeros amigos do sr. Stanger ficarão, por certo, satisfeitos ao saber que, conquanto cruel e brutalmente atacado e apresentando graves ferimentos na cabeça, ele não se encontra em perigo imediato de vida".

Embaixo vinha a comunicação de que a guarda da Polícia do Carvão e do Ferro, armada de espingardas Winchester, tinha sido requisitada para a defesa do prédio da redação.

McMurdo pusera de lado o jornal e acendia o cachimbo com a mão ainda trêmula dos excessos da noite anterior, quando bateram à porta do quarto e, em seguida, a dona da casa entrou com um bilhete que lhe acabava de ser entregue por uma criança. Não estava assinado e dizia o seguinte:

"Gostaria de lhe falar, mas preferia não o fazer em sua casa. Você me encontrará junto do pau da bandeira, em Miller Hill. Venha o mais depressa possível, pois tenho algo de importante para lhe contar".

McMurdo leu o bilhete duas vezes, tomado da maior surpresa, pois não fazia a mais pálida idéia do seu significado nem de quem pudesse ser seu autor. Se a letra fosse feminina, poderia imaginar que se tratasse do início de mais uma das muitas aventuras galantes comuns na sua vida passada. A caligrafia, entretanto, era de homem e, além disso, de homem culto. Finalmente, após uma certa hesitação, decidiu-se a esclarecer o assunto.

Miller Hill é um parque público mal-cuidado, bem no centro da cidade. No verão é muito procurado, mas durante o inverno está sempre deserto. Do alto da colina é possível descortinar não somente o panorama da cidade, com as suas casas fuliginosas, esparsas e irregulares, mas também de todo o vale tortuoso, lá embaixo, com suas minas e fábricas espalhadas, enegrecendo a neve que o cobre de ambos os lados, bem como os montes com os cumes ora verdejantes, ora esbranquiçados, que o circundam. McMurdo subiu vagarosamente a vereda serpenteante, cercada dos dois lados por uma sebe de arbustos, até atingir o restaurante deserto, que no verão constitui o centro de todas as reuniões festivas. Junto dele ergue-se um pau de bandeira vulgar, sob o qual se encontrava um homem com o chapéu desabado sobre os olhos e a gola do sobretudo cobrindo-lhe o queixo. Quando ele se virou, McMurdo viu-se diante do irmão Morris, o mesmo que na véspera incorrera na ira do grão-mestre. Ao saudarem-se, trocaram o sinal da loja.

— Queria conversar com você, McMurdo — disse o velho falando com indecisão, o que indicava que pisava terreno delicado. — Estou-lhe grato por ter vindo.

— Por que não assinou o bilhete?

— Ninguém se perde por ser prudente, amigo. Nunca se sabe, nos tempos que correm, em quem se pode confiar.

— Penso, contudo, que entre irmãos da loja deve existir confiança recíproca.

— Não, não! Nem sempre — exclamou Morris com veemência. — Tudo o que dizemos, e mesmo pensamos, parece ir parar nos ouvidos de McGinty.

— Ouça — disse McMurdo com ar severo —, ainda ontem à noite, como sabe, jurei fidelidade ao nosso grão-mestre. Você vai me pedir agora que quebre o juramento?

— Se leva a coisa por esse lado — disse Morris tristemente —, só me resta lamentar o incômodo de ter vindo encontrar-se comigo. A situação é realmente muito má, se dois cidadãos livres não podem trocar idéias francamente.

McMurdo, que estivera observando o seu interlocutor com toda a atenção, abrandou um pouco o rigor da sua atitude.

— É claro, falava unicamente por mim — explicou. — Sou novato aqui, como sabe, e completamente estranho a esta situação. Não serei eu que darei com a língua nos dentes, Morris, e se julga oportuno comunicar-me alguma coisa, aqui estou para ouvi-lo.

— E para ir contar tudo a McGinty — observou Morris acremente.

— Neste ponto o senhor está sendo verdadeiramente injusto comigo — protestou McMurdo. — Pessoalmente, sou fiel à loja, e digo-o sem meias-palavras; no entanto, seria um miserável se fosse repetir a outro o que você me disser. Seu segredo permanecerá comigo, mesmo que eu o advirto de que talvez não venha a obter a minha ajuda ou simpatia.

— Há muito renunciei à possibilidade de ser auxiliado ou compreendido — replicou Morris. — É quase certo que vou colocar, com o que vou dizer, a minha própria vida nas suas mãos, todavia, por mais perverso que você possa ser... e pareceu-me ontem à noite que estava empenhado em tornar-se tão mau como os piores, ainda é novo nesta coisa, e sua consciência, por ora, não se tornou tão insensível como a dos outros. Foi por isso que julguei poder falar-lhe.

— Pois bem, que tem a dizer?

— Se me atraíçoar, que Deus o amaldiçoe!

— Já lhe disse que não o faria.

— Queria perguntar-lhe, então, se, quando se filiou à Sociedade dos Homens Livres de Chicago e fez votos de caridade e lealdade, lhe passou pela cabeça a idéia de que ela um dia pudesse conduzi-lo ao crime?

— Se acha que isso é crime! — foi a resposta de McMurdo.

— Se acho que isso é crime! — exclamou Morris, com voz vibrante de cólera. — Você ainda viu muito pouco para poder falar desse modo! É ou não é crime o que foi cometido ontem à noite, quando um homem suficientemente idoso para ser seu pai foi espancado até o sangue lhe empapar os cabelos brancos? Que nome você dá a isso?

— Alguns diriam que é guerra — respondeu McMurdo. — Luta extrema de duas classes, procurando cada uma atacar da maneira que lhe é possível.

— E você pensou em tal coisa ao tornar-se membro da Sociedade dos Homens Livres, em Chicago?

— Não, confesso que ignorava isso totalmente.

— Da mesma forma que eu, quando me filiei em Filadélfia. Era apenas uma sociedade beneficente, um ponto de reunião de amigos. Ouvi, mais tarde, falar deste lugar... maldita a hora em que o seu nome me chegou aos ouvidos! ... e vim para cá, tentar melhorar de vida. Deus meu, melhorar de vida! Mulher e três filhos me acompanharam. Instalei-me na Market Square com um negócio de mercearia e prosperei bastante. Descobriram que eu era Homem Livre e fui forçado a associar-me à loja local, exatamente como você o fez ontem à noite. Trago no braço o sinal infamante e algo de pior gravado no coração. Verifiquei que estava sob as ordens de um miserável patife, e preso numa rede inextricável de crimes. Que podia fazer!? Tudo o que dissesse para mitigar a crueldade dos meus companheiros era considerado traição, como você testemunhou ontem. Não posso sair daqui, pois tudo o que possuo está investido no meu negócio. Se abandonar a sociedade, sei perfeitamente que isso significará a morte para mim e sabe Deus que horror para minha mulher e filhos. Ah!, meu rapaz, é espantoso... espantoso!

Cobriu o rosto com as mãos, e todo o seu corpo foi sacudido por soluços convulsivos.

McMurdo encolheu os ombros.

— Você é muito mole para desempenhar tais serviços — disse. — Não é talhado para a coisa.

— Tinha consciência e crença religiosa, mas eles fizeram de mim um criminoso. Fui destacado para uma empresa. Se me recusasse, sabia muito bem o que poderia me acontecer. Talvez seja um covarde. É possível que a causa disso seja a inquietação pela minha família. De qualquer forma, fui. Creio que esse pesadelo me acompanhará pelo resto da vida. Era uma casa isolada, a trinta quilômetros daqui, do outro lado das montanhas. Foi-me dado o encargo de vigiar a porta, exatamente como lhe ordenaram a noite passada. Não confiavam em mim para desempenhar a missão que nos fora atribuída. Os outros entraram. Ao abandonarem a casa, tinham as mãos manchadas de sangue até os pulsos. No momento em que nos afastávamos, uma criança saiu atrás de nós gritando, banhada em pranto. Era um menino de cinco anos que tinha assistido ao assassinato do próprio pai. Quase desmaiei de horror, e, no entanto, tive de conservar oposto impassível e sorridente, pois sabia que, se não o fizesse, seria de minha casa que eles sairiam com as mãos manchadas de sangue, e o meu pequeno Fred é que iria lamentar a perda do pai. Não obstante, tinha me tornado então um criminoso... fizera-me cúmplice de um homicídio, estava irremediavelmente perdido neste mundo e também no outro. Sou bom católico, mas o sacerdote não quis me ouvir: quando soube que eu era um Vingador, fui excomungado. Eis a minha situação. E agora vejo-o arrojar-se no mesmo abismo e pergunto-me: qual será o seu fim? Está pronto para se transformar também num assassino insensível, ou haverá algo que se possa fazer para impedir isso?

— E que quer fazer? — perguntou McMurdo subitamente. — Tornar-se um delator?



— Pelo amor de Deus! — protestou Morris. — A simples idéia de traição me custaria por certo a vida.

— Tanto melhor! — replicou McMurdo. — Sabe o que penso? Que você é frouxo e faz um bicho-de-sete-cabeças de coisas sem importância.

— Sem importância! Espere até ter vivido aqui um pouco mais e verá. Observe o vale lá embaixo. Veja que nuvem de fumaça de centenas de chaminés o obscurece. Pois bem! Afirmo-lhe que a nuvem de delitos paira, sobre os seus habitantes, muito mais espessa e baixa do que a das fábricas. É o Vale do Terror... o Vale da Morte. Reina o terror no coração do povo, desde o crepúsculo até a aurora. Espere, meu rapaz, e vai se convencer desta verdade à sua própria custa.

— Bem, vou lhe dizer o que penso quando estiver mais a par — disse McMurdo num tom indiferente. — O que me parece evidente é que este lugar não lhe convém e que, quanto mais cedo liquidar o seu negócio... se conseguir obter dez centavos em cada dólar do seu valor..., tanto melhor para você. Quanto ao que me disse, pode ficar certo, não contarei a ninguém. Mas, por Deus, se souber que é um delator...

— Não, não! — gritou Morris lastimosamente.

— Muito bem! Paremos por aqui. Vou procurar me lembrar das suas palavras, e talvez um dia voltemos ao assunto. Creio que me disse tudo isso com a melhor das intenções. Agora, preciso voltar para casa.

— Mais uma palavra, antes de nos separarmos — implorou Morris. — É possível que nos tenham visto juntos e, nesse caso, queiram saber do que estivemos falando.

— Ah! Você tem razão.

— Ofereci-lhe emprego no meu negócio.

— E eu recusei. Foi o assunto de nossa conversa. Bem, até breve, irmão Morris, e esperemos que as coisas lhe corram melhor no futuro.

Naquela mesma tarde, McMurdo estava sentado, fumando, imerso nos seus pensamentos, junto à lareira da saleta, quando a porta se escancarou de repente e surgiu o vulto enorme do chefe McGinty. Depois de ter trocado o sinal da loja com McMurdo, sentou-se de frente para ele e fitou-o, por algum tempo, com olhar resolutivo, olhar esse que foi correspondido, de modo imperturbável, por parte do jovem.

— Não sou de muitas visitas, irmão McMurdo — disse, finalmente. — Talvez por estar sempre muito ocupado com os que me procuram; todavia, julguei conveniente abrir uma exceção e dar um pulo até sua casa.

— Sinto-me orgulhoso de vê-lo por aqui, conselheiro — retrucou McMurdo cordialmente, indo buscar uma garrafa de uísque no armário. — É uma honra que eu jamais podia esperar.

— Como vai o braço? — perguntou o chefe.

McMurdo fez uma careta.

— Ainda não pude esquecê-lo — disse. — Mas valeu a pena.

— Sim, vale a pena — respondeu o outro —, para os que são leais, mantêm a palavra e ajudam a loja. Qual era o assunto da sua conversa com o irmão Morris, hoje de manhã, em Miller Hill?

A pergunta surgiu tão à queima-roupa, que foi bom McMurdo ter já a resposta engatilhada. Explodiu em sonora gargalhada.

— Morris ignora que eu possa ganhar a vida aqui em casa. E é melhor que não o saiba, porque tem muita consciência para um tipo como eu. Entretanto, é um velhote de bom coração. Supunha encontrar-me em dificuldade e resolveu auxiliar-me, oferecendo-me trabalho no seu negócio.

— Oh! Era isso?

— Sem tirar nem pôr.

— E você recusou?

— Naturalmente. Não acha que posso ganhar dez vezes mais, no meu próprio quarto, trabalhando apenas quatro horas por dia?

— É claro; contudo, eu não me arriscaria a ser visto na companhia de Morris.

— Por que razão?

— Simplesmente porque eu não quero. Esse motivo é suficiente para muita gente aqui no lugar.

— Talvez o seja para muita gente, mas não é para mim, conselheiro — afirmou McMurdo intrepidamente. — Se conhece bem os homens, pode me compreender.

O gigante moreno lançou-lhe um olhar terrível, e a sua manopla peluda cerrou-se ao redor do copo, por um instante, como se quisesse atirá-lo à cabeça do companheiro, mas quase imediatamente irrompeu numa das suas gargalhadas características, ruidosas e falsas.

— Francamente, você é um sujeito esquisito! — exclamou. — Pois bem, se deseja saber os motivos, eu lhe direi. Morris não fez nenhuma referência contra a loja?

— Não.

— Nem contra mim?

— Não.

— É possível que não tenha ousado confiar em você, todavia, intrinsecamente, ele não é um irmão fiel aos seus compromissos. Nós sabemos muito bem e por isso o vigiamos e aguardamos o momento de lhe dar uma boa lição. Ora, creio que esse momento está muito próximo. Não há lugar para ovelhas ranhosas no nosso aprisco. Se você andar na companhia de um homem desleal, podemos supor que também o seja, não lhe parece?

— Não há probabilidades de me tornar seu amigo, porque ele me aborrece — redargüiu McMurdo. — E, quanto a ser desleal, se fosse outro homem, e não o senhor, não me diria essa palavra duas vezes.

— Bom, isso é o bastante — proferiu McGinty, escorropichando o copo. — Vim apenas avisá-lo a tempo.

— Gostaria de saber como veio a ter conhecimento do meu encontro com Morris — disse McMurdo.

McGinty riu.

— É meu dever manter-me informado de tudo o que sucede nesta cidade — ponderou. — Aconselho-o a contar-me também tudo o que souber. Bom, está na hora de eu ir andando e direi apenas....



A despedida, porém, foi cortada de maneira totalmente imprevista. Com um baque súbito, a porta escancarou-se e três rostos carrancudos e atentos os fitaram com olhar penetrante, sob os bonés da polícia. McMurdo pôs-se de pé de um salto e quase chegou a tirar a pistola, mas seu braço parou a meio caminho, ao ver duas espingardas Winchester apontadas à sua cabeça. Um homem de uniforme entrou na sala armado de revólver. Era o capitão Marvin, anteriormente de Chicago e atualmente a serviço da Polícia do Carvão e do Ferro. Esboçando um sorriso, abanou a cabeça para McMurdo.

— Sabia que você ia se meter em complicações, sr. Trapaceiro McMurdo de Chicago — principiou. — Não pode passar sem encrencas, não? Pegue o chapéu e venha conosco.

— Creio que irá pagar caro por isso, capitão Marvin — interpôs McGinty. — Quem é você, pergunto eu, para irromper pela casa alheia dessa maneira e importunar homens honestos e cumpridores da lei?

— O senhor não tem nada a ver com este negócio, conselheiro McGinty — replicou o capitão da polícia. — Não estamos à sua procura, mas sim deste homem. Cabe-lhe ajudar, e não dificultar, o cumprimento do nosso dever.

— McMurdo é meu amigo, e respondo pelo seu modo de agir — redargüiu o chefe.

— De qualquer modo, sr. McGinty, talvez o senhor tenha que responder pelo seu próprio comportamento qualquer dia destes — respondeu o capitão. — Este indivíduo era um bandido, antes de vir para cá, e ainda o é. Olho nele, cabo, enquanto o desarmo.

— Eis o meu revólver — disse McMurdo friamente.

— Duvido, capitão Marvin, de que, se nos encontrássemos frente a frente a sós, conseguisse me prender com tanta facilidade.

— Onde está o mandado de prisão? — inquiriu McGinty. — Com os diabos! Não parece que estamos em Vermessa, quando vemos gente como você encarregada do serviço da polícia. É um insulto que não passará em branco, Garanto-lhe.

— Cumpra o que julga ser o seu dever como melhor lhe aprouver, conselheiro. Nós procuraremos cumprir o nosso.

— De que sou acusado? — perguntou McMurdo.

— De estar envolvido no assalto ao velho jornalista Stanger, na redação do Herald. Tem sorte de não se tratar de acusação de homicídio.

— Ora, se isso é tudo o que você tem contra ele — gritou McGinty com uma gargalhada —, pode evitar muitos aborrecimentos pondo-o já em liberdade. Esse homem esteve na minha companhia, jogando pôquer até a meia-noite, no meu bar, e posso ir buscar uma dúzia de testemunhas que o comprovarão.

— Isso é assunto seu, e acredito que possa expô-lo amanhã no tribunal. Por enquanto, McMurdo, acompanhe-nos, e sem contar histórias, se não quiser levar uma bala na cabeça. Não se intrometa, sr. McGinty, pois aviso-o de que não admito resistência, quando estou em serviço.

A atitude do capitão era tão decidida que tanto McMurdo como o seu chefe foram forçados a aceitar a situação. Este último conseguiu trocar algumas palavras em voz baixa com o prisioneiro, antes de se separarem.

— A propósito... — lembrou, apontando com o dedo indicador o andar de cima, onde se encontrava a máquina de moedas falsas.

— Tudo em ordem — murmurou McMurdo, que já arranjara um esconderijo seguro sob o soalho.

— Até breve — disse o chefe, apertando-lhe a mão.

— Vou procurar o advogado Reilly e me encarregarei das testemunhas. Dou-lhe a minha palavra de que eles não serão capazes de condená-lo.

— Eu não apostaria nisso. Vigiem o prisioneiro, vocês dois, e atirem nele se tentar nos pregar alguma peça. Vou dar uma busca na casa, antes de sair.

Marvin fez o que havia dito, mas aparentemente não encontrou nenhum indício da máquina oculta. Em seguida, ele e os seus homens escoltaram McMurdo até o posto policial. A noite havia caído e soprava uma violenta tempestade de neve, de tal forma que as ruas se encontravam desertas; no entanto, um pequeno número de vadios começou a acompanhar o grupo, e, animados pela invisibilidade, lançavam imprecações contra o prisioneiro.

— Linchem esse maldito Vingador! — gritavam. — Linchem-no! — Riam e zombavam dele no momento em que era impelido para dentro do edifício da polícia.

Após um breve interrogatório formal por parte do inspetor de serviço, foi mandado para a cela comum; já ali se encontravam Baldwin e três outros criminosos da noite anterior, todos presos naquela tarde, à espera do julgamento, na manhã seguinte.

Todavia, mesmo no mais íntimo recesso do baluarte da lei, os longos tentáculos dos Homens Livres eram capazes de penetrar. Noite alta, apareceu um carcereiro com um molho de palha, que lhes devia servir de cama, de dentro do qual extraiu duas garrafas de uísque, alguns copos e um baralho. Passaram o tempo alegremente, sem a menor preocupação pelo que lhes estava reservado de manhã.

E bem tinham razão para tal, como o resultado veio demonstrar. O magistrado não foi capaz, diante da prova testemunhal, de dar uma sentença que pudesse levar o assunto a tribunal superior. Por outro lado, tipógrafos e impressores foram obrigados a admitir que a luz era fraca, que eles próprios se encontravam muito perturbados e que lhes era difícil jurar com plena convicção sobre a identidade dos assaltantes, apesar de acreditarem que o acusado estava entre eles. Inquiridos pelo hábil advogado contratado por McGinty, caíram em contradições e incertezas cada vez mais nebulosas. A vítima já havia deposto que, tomada de enorme surpresa pelo imprevisto do ataque, não podia afirmar nada além do fato de que o seu agressor usava bigode. Declarara ainda que sabia tratar-se dos Vingadores, pois ninguém na comunidade era seu inimigo e além disso há muito que vinha sendo ameaçado por causa dos seus artigos desassombrados. De resto, ficou cabalmente provado, pelos testemunhos concordes e inabaláveis de seis cidadãos, incluindo-se o do alto funcionário municipal, conselheiro McGinty, que os homens tinham estado jogando cartas na sede do sindicato até uma hora muito mais avançada do que aquela em que fora cometido o crime. É inútil acrescentar que foram postos em liberdade com palavras que mais pareciam desculpas, por parte do juiz, pelo incômodo sofrido, juntamente com uma censura implícita ao capitão Marvin e à polícia, pelo seu zelo excessivo.

O veredicto foi saudado com intensos aplausos por uma assistência entre a qual McMurdo reconheceu muitos rostos familiares. Irmãos da loja sorriam e acenavam. Outros, entretanto, permaneceram sentados, com os lábios cerrados e o olhar pensativo, enquanto os libertados abandonavam o banco dos réus. Um deles, um homenzinho de

barba escura e ar resoluto, exprimiu por palavras o próprio pensamento e o dos seus companheiros, no momento em que os exprisioneiros lhe passavam em frente.

— Malditos assassinos! — disse. — Ainda haveremos de ajustar contas com vocês.

## **Capítulo quinto: A hora mais negra**

Se alguma coisa fosse necessária para aumentar a popularidade de Jack McMurdo entre os seus companheiros, bastaria o fato de ele ter sido preso e absolvido. Era realmente caso inédito, nos anais da sociedade, que um homem, precisamente na noite da sua filiação à loja, tivesse feito algo que o levasse à presença do magistrado. Já granjeara a reputação de bom camarada, alegre e galhofeiro, e, ao mesmo tempo, de pessoa de temperamento irascível, que não aceitava insultos, nem mesmo do onipotente chefe. Mas, além de tudo, ele impressionara os colegas com a idéia de que não existia entre eles ninguém cujo cérebro estivesse tão pronto para arquitetar um plano sanguinário ou cuja mão fosse mais capaz de pô-lo em execução. "É o tipo talhado para um servicinho limpo", diziam os mais velhos, esperando a oportunidade de fazê-lo entrar em ação. McGinty já possuía muitos instrumentos à sua disposição, no entanto reconhecia que aquele era de extraordinário valor. Sentia-se como quem mantivesse um feroz mastim pela corrente. Possuía cachorros que se encarregavam dos trabalhos menores, mas chegaria o dia em que lançaria essa fera à sua presa. Um pequeno número de membros da loja, entre eles Ted Baldwin, melindravam-se com a ascensão rápida do estranho e odiavam-no por isso. Não obstante, evitavam-no, pois McMurdo estava sempre tão pronto para rir como para brigar.

Contudo, se por um lado ele caíra nas graças dos companheiros, por outro, numa esfera que se lhe tinha tornado mais vital, perdera terreno. O pai de Ettie já não queria saber dele, nem lhe permitia a entrada em casa. A própria Ettie estava enamorada demais para abandoná-lo, e no entanto o bom senso fazia-a imaginar o que seria casar-se com um homem reputado como assassino. Certa manhã, após uma noite de insônia, decidiu procurá-lo, talvez pela última vez, e fazer uma suprema tentativa de arrancá-lo das maléficas influências que o estavam conduzindo para o abismo. Dirigiu-se à casa dele, fazendo assim o que ele tantas vezes lhe tinha suplicado, e penetrou no pequeno compartimento que lhe servia de sala de visita. McMurdo estava sentado a uma mesa, com as costas voltadas para a entrada e uma carta diante de si. Súbito capricho infantil a dominou — apesar de tudo, tinha apenas dezenove anos. Ele não a ouvira abrir a porta. Ettie avançou na ponta dos pés e pousou-lhe a mão de leve no ombro curvado.

Se julgava surpreendê-lo, certamente o conseguiu, mas unicamente para ficar, também por seu turno, estupefata. Com um salto felino, McMurdo virou-se e, com a mão direita, agarrou-a pela garganta; no mesmo instante, com a outra mão, amarrotou o papel que estava na sua frente. Por momentos, ele encarou-a com ar ameaçador; de súbito, porém, espanto e satisfação substituíram a ferocidade que lhe alterava o semblante — ferocidade que a fizera recuar espavorida, como se fugisse de algo jamais vislumbrado por seu espírito meigo e juvenil.

— Oh! É você... — exclamou McMurdo, enxugando a fronte umedecida. — E pensar que veio aqui, meu amor, e eu não encontrei nada melhor para fazer do que procurar estrangulá-la! Venha cá, querida — disse, estendendo-lhe os braços. — Deixe-me pedir-lhe perdão.

Ettie, no entanto, ainda não se refizera daquela inesperada visão de medo culpado que lhe havia lido no rosto. Todo o seu instinto feminino lhe afirmava que aquilo não era mero susto de alguém colhido de surpresa. Senso de culpa — eis o que era —, de culpa e de pavor.

— Que lhe aconteceu, Jack? — gritou. — Por que se assustou tanto comigo? Oh! Jack, se a sua consciência estivesse em paz, você não teria me olhado daquela maneira.

— Mas é claro, estava pensando em outras coisas, e quando você veio de leve com esses seus pezinhos de fada...

— Não, não; não foi somente isso, Jack — insistiu ela, sentindo-se invadir repentinamente por uma suspeita.

— Deixe-me ver essa carta que você estava escrevendo.

— Ah! Ettie, não é possível.

A suspeita da jovem transformou-se em certeza.

— Você estava escrevendo para outra mulher! — exclamou. — Eu sei! Por que outro motivo você não iria me mostrar? Era à sua mulher que escrevia! Como posso saber que não é casado... você, um estranho, que ninguém conhece?

— Não sou casado, Ettie. Juro-lhe. Você é a única mulher no mundo para mim. Juro pela cruz de Cristo!

O seu ar apaixonado era tão sincero, que a jovem não podia deixar de acreditar nele.

— E então — gritou —, por que não me mostra a carta?

— Eu lhe explico, querida. Prometi, sob juramento, não mostrá-la e, do mesmo modo como não ousaria quebrar a minha palavra para com você, não o faria com aqueles com quem me comprometi. São negócios da loja que devem manter-se em segredo, mesmo tratando-se de você. E se me assustei quando senti a sua mão pousar nas minhas costas, deve calcular que tive medo que fosse a de um policial.

A jovem compreendeu que ele lhe dizia a verdade. McMurdo tomou-a nos braços e desvaneceu-lhe, a poder de beijos, os temores e as dúvidas.

— Sente-se aqui ao meu lado. É um trono ridículo para uma rainha, todavia é o melhor que o seu pobre namorado lhe pode oferecer. Creio que ele poderá fazer mais por você num futuro próximo. Agora está novamente tranqüila, não é verdade?

— Como posso ter tranqüilidade, Jack, quando sei que você é um criminoso entre criminosos. . . quando a qualquer momento posso vir a saber que foi levado ao banco dos réus como assassino? McMurdo, o Vingador, eis como o chamou ontem um dos nossos pensionistas. Senti-me como se uma punhalada me tivesse atravessado o coração.

— Ora, palavras duras não quebram ossos.

— Mas eram verdadeiras.

— Minha querida, a coisa não é tão feia como a pintam. Somos apenas uns pobres infelizes que tentam, com os próprios meios, defender seus direitos.



Ettie lançou os braços em torno do pescoço do namorado.

— Desista disso, Jack! Pelo nosso amor... pelo amor de Deus, abandone essa gente! Foi para lhe pedir isso que vim hoje aqui. Oh! Jack, escute-me, imploro-lhe de joelhos. Ajoelhada diante de você, suplico-lhe que desista.

Ele ergueu-a e acalmou-a, estreitando-lhe a cabeça contra o peito.

— Certamente, meu amor, não sabe o que está me pedindo. Como poderei desistir, se isso significa a quebra do meu juramento e o abandono dos meus companheiros? Se soubesse a posição em que me encontro, jamais solicitaria de mim tal coisa. Além

do mais, ainda que eu o quisesse, como poderia fazê-lo? Você acreditaria que a loja deixasse alguém abandoná-la, levando consigo todos os seus segredos?

— Tenho pensado nisso, Jack. Já planejei tudo. Meu pai tem algum dinheiro guardado e está cansado de viver neste lugar, onde o medo desta gente enche de sombra as nossas vidas. Está disposto a partir. Poderíamos fugir juntos para Filadélfia ou Nova York, onde estaríamos livres deles.

McMurdo riu.

— A loja tem garras compridas. Julga que não poderia estendê-las daqui até Filadélfia ou Nova York?

— Pois então iremos para o oeste, ou para a Inglaterra, ou para a Suécia, de onde veio meu pai. Para qualquer lugar, desde que abandonemos este Vale do Terror.

McMurdo recordou-se do velho irmão Morris.



— Caramba! É a segunda vez que ouço chamar assim este vale — exclamou. — Deve ser uma sombra muito tenebrosa a que se estende sobre alguns de vocês.

— Obscurece constantemente a nossa existência. Acredita que Baldwin nos tenha perdoado? Se não fosse o fato de ele o temer, quem sabe lá o que nos teria acontecido? Se visse com que olhar cúvido e rancoroso ele me fita, quando nos encontramos!

— Por Deus! Se o surpreendo, ensino-o a se comportar. Mas, escute, minha menina. Não posso sair daqui. Não posso. Saiba de uma vez para sempre. Contudo, se me deixar agir a meu modo, procurarei arranjar uma saída honrosa para esta situação.

— Em certos assuntos não se pode falar de honra.

— Ora, tudo depende da maneira de encará-la. Mas, se você me conceder seis meses de prazo, procederei de modo que possa sair daqui sem me envergonhar de olhar para os outros de frente.

A jovem riu de contentamento.

— Seis meses! — gritou. — Promete?

— Bom, também podem ser sete ou oito; todavia, dentro de um ano, no máximo, sairemos daqui.

Foi tudo quanto Ettie pôde conseguir; entretanto, já era alguma coisa. Tinha agora esse distante fio de luz para lhe iluminar as trevas do futuro imediato. Regressou à casa paterna com o coração mais leve, como nunca estivera desde que McMurdo entrara na sua vida.

Ele calculava que, como membro, todos os movimentos da sociedade seriam do seu conhecimento, porém logo verificou que a organização era muito mais vasta e complexa do que a simples loja. Até o chefe McGinty ignorava muitas 'coisas, pois havia uma espécie de delegado territorial, que vivia em Hobson's Patch, muito além da via férrea, que tinha autoridade sobre diversas lojas e as manejava de modo violento e arbitrário. McMurdo vira-o apenas uma vez; era um homenzinho sorrateiro, de cabelos grisalhos, andar cauteloso e um olhar de esguelha, repleto de maldade. Chama-va-se Evans Pott, e até o poderoso chefe de Vermissa experimentava, em relação a ele, algo da repulsa e do medo que o gigantesco Danton devia ter sentido diante do débil mas perigoso Robespierre.

Certo dia, Scanlan, o companheiro de pensão de McMurdo, recebeu um recado de McGinty que continha um bilhete de Evans Pott, no qual este informava ter enviado dois homens capazes, Lawler e Andrews, com instruções para agir nas vizinhanças, ainda que no caso fosse melhor não revelar nenhum pormenor quanto ao seu objetivo. Poderia o grão-mestre providenciar-lhes alojamento e todas as comodidades até chegar o momento da ação? McGinty acrescentava que não era possível a ninguém permanecer em segredo na sede do sindicato, e por essa razão ficaria muito grato se McMurdo e Scanlan alojassem por alguns dias, na sua pensão, os dois forasteiros.

Na mesma noite, apresentaram-se os dois homens, trazendo cada um a sua mochila. Lawler era idoso, astuto e reservado, vestido com uma velha sobrecasaca preta, que, juntamente com o chapéu de feltro mole e a barba hirsuta e grisalha, dava-lhe o aspecto de pregador itinerante. Seu companheiro, Andrews, pouco mais do que um garoto, tinha a fisionomia franca e alegre e a aparência despreocupada de quem se encontra fora de casa a passeio e pretende gozá-lo integralmente. Ambos eram abastêmios e comportavam-se, em todos os pormenores, como membros exemplares da sociedade, com a única exceção de serem assassinos e terem provado ser instrumentos muito eficazes da sociedade criminosa de que faziam parte. Lawler já tinha executado catorze incumbências no gênero, e Andrews, três.

Como McMurdo logo verificou, eles estavam sempre prontos para falar a respeito das suas façanhas anteriores, que narravam com o orgulho mesclado de modéstia de quem cumpriu um serviço proveitoso e desinteressado para o bem comum. Eram, no entanto, reticentes no que se referia à missão que iam executar.

— Escolheram-nos porque nem eu nem o rapaz aqui bebemos — explicou Lawler.. — Sabem muito bem que podem contar com o nosso silêncio. Não levem a mal, mas obedecemos às ordens do delegado territorial.

— Está certo, mas estamos todos no mesmo barco — observou Scanlan, o companheiro de McMurdo, quando os quatro se encontravam reunidos para cear.

— Lá isso é verdade, e podemos narrar, até vocês ficarem cansados, como matamos Charlie Williams, ou Simon Bird, ou qualquer outra empresa do passado. Entretanto, até que nos tenhamos desobrigado da nossa missão, nada poderemos dizer.

— Há meia dúzia por aqui com quem eu desejaria ter uma conversinha — disse McMurdo, acompanhando as suas palavras com uma praga. — Não será por acaso Jack Knox, de Ironhill, que procuram? Eu seria capaz de fazer uma boa caminhada só pelo prazer de vê-lo receber o que merece.

— Não; ainda não chegou a vez dele.

— Nem Herman Strauss?

— Não; nem esse,

— Bem, se não querem dizer, não podemos obrigá-los, mas teria prazer em saber.

Lawler sorriu e abanou a cabeça. Não era possível induzi-lo a falar.

A despeito da reticência dos hóspedes, Scanlan e McMurdo estavam muito dispostos a assistir ao que eles chamavam a "brincadeira". Por conseguinte, quando em certa madrugada McMurdo os ouviu descer cautelosamente as escadas, acordou Scanlan, e ambos se vestiram apressadamente. Depois de prontos, verificaram que os outros já tinham saído, deixando a porta aberta. Ainda não rompera a aurora e, à luz dos lampiões, puderam ver os dois homens, a alguma distância, ao longo da rua. Puseram-se a segui-los com toda a precaução, caminhando silenciosamente na neve espessa.

A pensão estava situada quase no limite da cidade, e em breve eles se encontraram numa encruzilhada para além dos seus confins. Estavam ali três homens à espera, com os quais Lawler e Andrews trocaram palavras breves e animadas, após o que, continuaram todos juntos. Tratava-se evidentemente de serviço relevante, no qual o número de homens era essencial. Nesse ponto existem diversos atalhos que conduzem a várias minas. Os forasteiros tomaram o que levava a Crow Hill, organização vastíssima, dirigida com mão de ferro, e onde, graças ao espírito audacioso e empreendedor de Josiah H. Dunn, oriundo da Nova Inglaterra, houvera uma certa ordem e disciplina durante o longo reinado do terror.

O dia já começara a despontar, e inúmeros trabalhadores caminhavam lentamente, isolados ou em grupos, pela vereda escura.

McMurdo e Scanlan juntaram-se aos outros, sem perder de vista os homens que seguiam. Uma névoa cerrada os envolvia, e do meio dela elevou-se de improviso o silvo agudo de um apito de máquina a vapor. Era o sinal de dez minutos, dado antes que as gaiolas descessem e tivesse início o trabalho cotidiano.

Ao atingir o espaço aberto em torno do poço da mina, depararam com uma centena de mineiros à espera, batendo os pés e soprando as mãos, pois o frio era intenso. Os estranhos agruparam-se à sombra da casa das máquinas. Scanlan e McMurdo treparam num monte de escória, de onde se dominava toda a cena. Viram o maquinista da mina, um escocês enorme e barbudo, de nome Menzies, sair da casa das máquinas e fazer soar o apito a fim de que as gaiolas fossem baixadas. No mesmo instante, um rapaz alto e desempenado, de cara rapada e ar impetuoso, avançou com presteza para a beira do poço. No caminho, seus olhos pousaram no grupo, silencioso e imóvel, junto à casa das máquinas. Os homens tinham descido as abas dos chapéus sobre os olhos e erguido a gola dos casacos, de modo que não se lhes via o rosto. Por momentos, um pressentimento de morte gelou o coração do administrador; imediatamente, porém, ele se refez e não pensou noutra coisa senão no cumprimento do dever diante de intrusos desconhecidos.

— Quem são vocês? — perguntou, dando um passo em frente. — Que fazem aí. parados?

Não se ouviu uma palavra, mas o rapazola Andrews avançou rápido e deu-lhe um tiro no estômago. Os cem mineiros que ali se encontravam, à espera de ordens, ficaram imóveis e desorientados, como se estivessem pregados ao solo. O administrador levou ambas as mãos ao ferimento e curvou-se sobre si mesmo. Tentou em seguida afastar-se, cambaleando, mas outro assassino o alvejou, e ele caiu de lado, contorcendo-se, sobre um amontoado de resíduos de carvão. Diante dessa cena, Menzies, o escocês, lançou um rugido de cólera e atirou-se contra os assaltantes, brandindo uma barra de ferro; foi, porém, recebido com duas balas no rosto, que o prostraram sem vida. Entre os mineiros houve um movimento como se uma onda os tivesse apanhado e transportado na sua crista, e do meio deles ergueu-se inarticulado grito de piedade e indignação; dois dos estranhos, entretanto, descarregaram os seus revólveres por sobre as cabeças da multidão, que se rompeu e dispersou, correndo alguns desesperadamente para as suas casas, em Vermissa. Quando uns poucos, dentre os mais corajosos, se reuniram e voltaram à mina, o bando homicida já tinha desaparecido na bruma da manhã, sem que

uma única testemunha fosse capaz de jurar com segurança sobre a identidade dos homens que, diante de uma centena de espectadores, tinham perpetrado o duplo crime.

Scanlan e McMurdo retomaram o caminho de volta; Scanlan ia algo abatido, pois era o primeiro trabalho criminoso que presenciava com os próprios olhos e não lhe parecia nada divertido. Os gritos desesperados da mulher do administrador morto perseguiam-nos, enquanto regressavam apressadamente à cidade. McMurdo estava absorto e mudo, mas não demonstrou nenhuma simpatia para com a fraqueza do companheiro.

— É como uma guerra — repetia ele. — Que é isso senão uma guerra entre nós e eles? Respondemos aos golpes deles como podemos.

Naquela noite, na sala da loja da sede do sindicato, houve grande festa, não somente pelo duplo assassinato do administrador e do maquinista da mina de Crow Hill, assassinato esse que iria reduzir essa organização à mesma situação de extorsão e terror em que viviam as outras companhias da zona, mas também por um triunfo obtido pela própria loja num lugar distante. Pelo que parecia, quando o delegado territorial enviara cinco homens para vibrar um golpe em Vermissa tinha pedido que, em retribuição, três irmãos de Vermissa fossem escolhidos secretamente e mandados com a missão de matar William Hales, de Stake Royal, um dos melhores e mais conhecidos proprietários de minas da zona de Gilmerton, homem que, acreditava-se, não possuía um só inimigo no mundo, pois era, sob todos os aspectos, um modelo. Exigia, contudo, plena eficiência no trabalho e tinha despedido um certo número de empregados beberões e ociosos, que faziam parte da onipotente sociedade. Avisos fúnebres afixados na sua porta não o demoveram da decisão tomada, e foi assim que, num país livre e civilizado, ele se viu condenado à morte.

A execução agora tinha sido devidamente levada a termo. A Ted Baldwin, que se encostava comodamente no posto de honra, ao lado do chefe supremo, coubera a chefia da expedição. Seu rosto avermelhado e seus olhos vítreos, injetados de sangue, revelavam as longas horas de insônia e bebedeira. Ele e seus dois companheiros tinham passado a noite anterior entre as montanhas. Estavam com os cabelos revoltos e com a roupa suja pela intempérie. Todavia, um herói que regressasse vitorioso de um serviço sem esperança não poderia ter tido acolhimento mais entusiástico por parte dos seus camaradas. A história foi contada e recontada entre gritos de júbilo e gargalhadas altissonantes; Tinham esperado que o seu homem voltasse a casa ao cair da noite, postados no topo de uma colina alcantilada, por onde o seu cavalo deveria ser obrigado a andar a passo. Ele estava tão encapotado para evitar o frio que nem ao menos pôde fazer uso do revólver. Desmontaram-no do animal e dispararam as armas repetidamente.

Nenhum deles conhecia a vítima; há em matar, porém, eterna emoção, e eles tinham mostrado aos Vingadores de Gilmerton que os de Vermissa não lhes ficavam atrás. Houve, no entanto, um contratempo, pois aconteceu que passou por ali um homem acompanhado por sua mulher, enquanto eles ainda descarregavam os revólveres no corpo imóvel. Alguém sugerira que fossem massacrados também, mas, como se tratava de gente inofensiva, que não tinha ligação com as minas, foi-lhes recomendado severamente que seguissem adiante e guardassem silêncio, se não quisessem que lhes sucedesse coisa pior. E, desse modo, aquele corpo, coberto de sangue, foi abandonado no local, como advertência a todos os patrões sem piedade, e os três nobres vingadores

apressaram-se a regressar às montanhas, onde a natureza impassível atinge o próprio limite das fornalhas e dos montes de detritos.

Tinha sido um grande dia para os Vingadores. A sombra estendera-se, ainda mais escura, sobre o vale. Mas assim como o general astuto escolhe na vitória o momento azado liara redobrar os seus esforços, de maneira que o inimigo não tenha tempo para se refazer após o desastre, o chefe McGinty, observando o teatro das próprias operações com seus olhos opacos e malignos, tinha cogitado novo ataque contra os seus oponentes. Naquela mesma noite, enquanto a companhia semi-embriagada se dispersava, pegou McMurdo pelo braço e levou-o até a sala dos fundos, onde tinham tido a primeira conversa.

— Ouça, meu rapaz — disse-lhe —, tenho enfim um serviço digno de você. Será executado exclusivamente por você.

— Sinto-me muito honrado com isso... — retrucou McMurdo.

— Pode levar em sua companhia dois homens: Manders e Reilly. Já foram avisados e estão à sua disposição. Jamais teremos sossego nesta zona enquanto não liquidarmos Chester Wilcox, e você terá a gratidão de todas as lojas dos distritos carboníferos, se o conseguir.

— Farei todo o possível. Quem é ele e onde poderei encontrá-lo?

McGinty tirou do canto da boca o infalível charuto, meio mastigado, meio fumado, e começou a traçar um diagrama tosco numa página arrancada de seu caderno de anotações.

— Ele é o primeiro capataz da Iron Dyke Company. Osso duro de roer, velho sargento porta-bandeira na guerra, todo cicatrizes e cabelo grisalho. Já fizemos duas tentativas contra ele, sem resultado; numa delas, Jim Carnaway perdeu a vida. Agora chegou a sua vez de levar a bom termo a empresa. É esta a casa, completamente isolada, na encruzilhada de Iron Dyke, exatamente como a vê aqui no mapa, sem nenhuma outra ao alcance de tiro. Não se arrisque a ir de dia, pois ele anda armado e dispara rápido e seguro, sem fazer perguntas. Mas de noite... bem, de noite ele fica apenas com a mulher, três filhos e uma criada. Não tem que escolher; ou acaba com todos ou com ninguém. Se pudesse colocar um saco de explosivos na porta de entrada com uma mecha lenta...

— Que fez esse homem?

— Não lhe disse que matou Jim Carnaway?

— E por que o matou?

— E que diabo lhe interessa saber? Carnaway estava uma noite perto de sua casa, e ele o alvejou. Isso é suficiente para mim e para você. É preciso pôr a coisa nos eixos.

— E as duas mulheres e as crianças? Terão de morrer também?

— Naturalmente, caso contrário, como fará você para apanhá-lo?

— Calma, conselheiro, calma. Por acaso já disse ou fiz alguma coisa que pudesse levá-lo a pensar que eu pretenda subtrair-me às ordens do grão-mestre da minha loja? Se está certo ou errado, cabe ao senhor decidir.

— Aceita, então?

— Claro que aceito.

— E quando pensa fazê-lo?

— Bem, acho melhor conceder-me uma ou duas noites para ver a casa e estabelecer meu plano de ação. Depois...

— Muito bem! — interrompeu McGinty, apertando-lhe a mão. — Deixo tudo a seu cargo. Será um grande dia aquele em que trazer a notícia. É o último golpe, que os porá de joelhos diante de nós.

McMurdo refletiu longa e profundamente sobre a missão que lhe tinha sido tão inesperadamente confiada. A casa isolada em que morava Chester Wilcox encontrava-se a cerca de oito quilômetros de distância, num vale adjacente. Naquela mesma noite, ele partiu sozinho para preparar o ataque. Já era madrugada quando voltou da viagem de reconhecimento. No dia seguinte, teve um encontro com os seus dois subordinados, Manders e Reilly, dois rapazolas que se mostravam tão satisfeitos como se se tratasse de uma caçada aos veados. Duas noites depois, reuniram-se os três fora da cidade, todos armados, um deles com um saco de explosivo usado nas minas. Chegaram à casa solitária às duas horas da madrugada. Um vento forte e nuvens esparsas passavam velozmente pelo clarão da lua em quarto crescente. Tinham sido avisados para se porem em guarda contra os mastins; por esse motivo avançavam cautelosamente, com os revólveres engatilhados na mão. Não se ouvia porém o menor ruído, exceto o ulular do vento, e nenhum movimento senão o dos ramos das árvores acima de suas cabeças. McMurdo pôs-se à escuta junto à porta da casa, mas dentro tudo era silêncio. Encostou nela, então, o saco de pó explosivo, abriu-lhe um buraco com a faca e ateou-lhe a mecha. Quando já estava bem acesa, ele e seus dois companheiros saíram correndo e já se encontravam a certa distância, sãos e salvos num fosso protetor, quando o estrondo ensurdecedor da explosão, seguido do fragor prolongado e profundo do desmoronar da casa, fê-lo saber que a obra estava completa. Nos anais sanguinolentos da sociedade jamais constara a execução de tarefa tão brilhante. Todavia, esse trabalho tão bem organizado e tão audazmente concebido fora todo em vão! Advertido pelo destino de várias vítimas e sabendo que estava marcado para morrer, Chester Wilcox mudara-se com a família, exatamente na véspera, para uma habitação mais segura e menos conhecida, onde um corpo de policiais fora posto de guarda. Apenas uma casa vazia havia sido despedaçada pela explosão, e o severo sargento porta-bandeira da guerra continuava a impor disciplina aos mineiros de Iron Dyke.

— Deixem-no comigo — disse McMurdo. — O homem é meu e hei de apanhá-lo, nem que tenha de esperar um ano.

Uma moção de agradecimento e confiança foi aprovada unanimemente pela loja e assim, de momento, o assunto teve o seu fim. Quando, poucas semanas mais tarde, foi

anunciado pêlos jornais que Wilcox fora morto numa emboscada, não foi segredo para ninguém que McMurdo voltara à carga para terminar o trabalho inacabado.

Tais eram os métodos da Sociedade dos Homens Livres, e essas eram as façanhas dos Vingadores, com as quais estenderam a lei do terror sobre a vasta e rica zona, que por tão longo período viveu sobressaltada com a sua terrível presença. Mas para que macular estas páginas com outros delitos? Já não terei dito o suficiente para dar a conhecer os homens e seus sistemas? Esses fatos estão descritos na história, e há registros onde se podem ler os pormenores. Lá é possível verificar como foram assassinados os policiais Hunt e Evans, que se aventuraram a prender dois membros da sociedade — duplo homicídio concebido na loja de Vermissa e executado a sangue-frio contra dois homens desarmados. Lá se pode saber ainda do assassinato da sra. Larbey, enquanto cuidava do marido, que tinha sido espancado quase até a morte por ordem do chefe McGinty. O homicídio do mais velho dos Jenkins, seguido em breve pelo de seu irmão, a mutilação de James Murdoch, o extermínio da família Staphouse numa explosão e a matança dos Stendals, eliminados um a um, metodicamente, no mesmo inverno sangrento. O manto de sombra descia tenebroso sobre o Vale do Terror. A primavera surgira com o murmurar de regatos e o desabrochar das flores. Toda a natureza, tanto tempo cativa em grilhões de ferro, falava de esperança; entretanto, não existia em parte alguma esperança para os homens e mulheres que viviam sob o jugo do terror. Jamais fora tão escura e desesperadora a nuvem que pairava sobre as suas cabeças no início do verão de 1875.

## **Capítulo sexto: Perigo**

O reinado do terror atingia o auge. McMurdo, que já fora nomeado subchefe, com todas as probabilidades de um dia suceder a McGinty como grão-mestre, tornara-se agora tão necessário às reuniões de seus camaradas que nada era feito sem o seu auxílio ou seus conselhos. Todavia, quanto mais aumentava sua popularidade junto dos Homens Livres, mais iracundas eram as carrancas com que o saudavam ao passar pelas ruas de Vermissa. Não obstante estarem cheios de pavor, os moradores da cidade iam adquirindo coragem com o fito de formar uma aliança contra os seus opressores. A loja já havia sido informada de reuniões secretas na redação do Herald e da distribuição de armas de fogo entre os cidadãos amantes da lei. No entanto, McGinty e os seus homens não se perturbavam com tais notícias. Eram numerosos, resolutos e bem-armados; os adversários, esparsos e fracos. Tudo acabaria, como no passado, em palavreado inútil e, possivelmente, com algumas prisões impotentes. Assim diziam McGinty, McMurdo e todos os espíritos mais audazes.

Era uma noite de sábado, no decurso do mês de maio. Nos sábados à noite havia a reunião ordinária da loja, e McMurdo preparava-se para sair de casa a fim de assistir a ela, quando Morris, o poltrão da ordem, veio procurá-lo. Os sulcos da fronte revelavam-lhe a preocupação, e o seu rosto bondoso estava desfigurado e abatido.

— Posso falar-lhe livremente, McMurdo?

— É claro que pode.

— Ainda não me esqueci de que certo dia lhe expus o meu pensamento e você o guardou para si, mesmo quando o chefe em pessoa veio lhe pedir informações a respeito de nossa conversa.

— E que mais podia eu fazer, se você depositou confiança em mim? Isso não quer dizer que tenha concordado com o seu modo de pensar.

— Sei muito bem disso. Com você, porém, posso falar livre de receios. Tenho um segredo aqui dentro — disse ele, pondo a mão no peito —, um segredo que me devora. Preferiria que outro qualquer tivesse sabido que não eu. Se o revelar, isso significará homicídio com toda a certeza, mas, se o guardar comigo, talvez venha a ser o fim de nós todos. Que Deus me ajude, pois estou quase louco de tanto pensar nestas coisas.

McMurdo fitou o homem, interessado. Morris tremia como vara verde. Pôs um pouco de uísque num copo e deu-lhe para beber.

— Isto é um bom remédio para gente como você — disse. — E agora, ouçamos.

Morris bebeu, e um leve rubor tingiu-lhe o rosto pálido.

— Posso dizer-lhe tudo numa frase — disse, — Há um policial na nossa pista.

McMurdo fitou-o, estupefato.

— Mas você está louco! — exclamou. — Este lugar não está cheio de agentes e de policiais? E que mal nos fizeram eles até agora?

— Não, não; não se trata de pessoa desta zona. Como você diz, nós os conhecemos, e eles pouco podem fazer. Mas já ouviu falar dos homens da Pinkerton?

— Já li qualquer coisa nesse sentido.

— Bem, posso assegurar-lhe que não é brincadeira tê-los na pegada. Não é um negócio oficial, mas uma importantíssima organização comercial, que leva as coisas a sério e não descansa enquanto não atinge o seu objetivo, seja qual for o meio. Caso um homem da Pinkerton esteja investigando as nossas atividades, estamos todos perdidos.

— Precisamos eliminá-lo.

— Ah! É a primeira idéia que lhe vem à cabeça! Assim a loja saberá de tudo. Não tinha lhe dito que isto acabaria em homicídio?





— Certamente, e o que é um homicídio? Não é bastante comum nestas bandas?

— É verdade, contudo não serei eu quem vai apontar o homem que deve ser assassinado. Jamais poderia ter sossego. E, no entanto, talvez as nossas próprias cabeças estejam em jogo. Em nome de Deus, que devo fazer?

Estava a tal ponto torturado pela indecisão, que vibrava como planta batida pelo vento. Suas palavras, porém, tinham causado profunda impressão em McMurdo. Era fácil ver que ele compartilhava a opinião do outro quanto ao perigo e à necessidade de enfrentá-lo. Agarrou Morris pelos ombros e sacudiu-o freneticamente.

— Escute aqui, criatura — gritou quase num silvo, excitado —, de nada adianta estar aí se lastimando como uma velha chorona. Vamos aos fatos. Quem é esse sujeito? Onde se encontra? Como soube dele? Por que veio procurar-me?

— Vim procurá-lo porque você é a única pessoa que pode me aconselhar. Eu lhe disse que possuía uma lojinha no leste antes de vir para cá. Lá deixei bons amigos, e um deles, que trabalha no telégrafo, escreveu-me uma carta que recebi ontem. Leia este trecho, aqui no alto da página.

E foi isto o que McMurdo leu:

"Como vão os Vingadores por aí? Temos lido muita coisa a respeito deles nos jornais. Aqui entre nós, espero receber notícias suas muito em breve. Cinco grandes empresas e duas companhias ferroviárias tomaram a sério o assunto. Resolveram acabar com a situação, e você pode apostar que conseguirão atingir o objetivo, pois estão resolutamente empenhadas nisso. Contratarem os serviços da Pinkerton, e Birdy Edwards, o seu melhor homem, já se pôs em ação. A coisa tem de acabar imediatamente".

— Leia agora o pós-escrito.

"Naturalmente, tudo quanto lhe disse acima é confidencial, pois soube-o dentro da minha profissão. Há um número enorme de telegramas cifrados com os quais a gente tem de lidar todos os dias sem conseguir entender-lhes o sentido."

McMurdo ficou-se silencioso por algum tempo, virando a carta nas mãos agitadas. A névoa tinha-se dissipado por um instante, e ele percebia o abismo a seus pés.

— Alguém mais sabe disso? — perguntou.

— Não o contei a mais ninguém.

— Mas esse homem, seu amigo, não tem alguém a quem pudesse ter escrito?

— Bem, calculo que conheça um ou outro mais.

— Da loja?

— É muito provável.

— Pergunto porque pode ser que ele tenha feito alguma descrição desse Birdy Edwards, e nesse caso seria fácil identificá-lo.

— É possível. Mas não acredito que ele o conheça. Limitou-se a transmitir-me notícias de que teve conhecimento através do seu serviço. Como poderia conhecer esse agente da Pinkerton?

McMurdo teve um violento estremeção.

— Por Deus! — gritou. — Já sei quem é. Que idiota fui em não ter visto isso antes! Mas caramba! Estamos com sorte. Vamos dar um jeito nele, antes que nos possa fazer mal. Ouça, Morris; quer deixar este assunto a meu cargo?

— Certamente, se você me livrar de toda a responsabilidade.

— Pode ficar descansado. Fique de lado; eu me encarregarei de tudo. Nem o seu nome precisará ser mencionado. Agirei como se a carta tivesse sido dirigida a mim. Está satisfeito?

— Era justamente o que eu queria pedir.

— Deixe então as coisas como estão e conserve a boca fechada. Agora vou até a loja, e em breve faremos o velho Pinkerton amaldiçoar a hora em que se meteu conosco.

— Vai matá-lo?

— Quanto menos você souber, amigo Morris, mais calma estará a sua consciência e mais tranquilo o seu sono. Não faça perguntas, e deixe que as coisas se resolvam por si próprias. O caso agora é comigo.

Morris sacudiu tristemente a cabeça ao despedir-se.

— Tenho a impressão de que o seu sangue está nas minhas mãos — gemeu.

— Em todo caso, legítima defesa não é crime — observou McMurdo, com um sorriso satânico. — Ou ele, ou nós. Estou certo de que esse homem nos destruiria a todos se o deixássemos por muito tempo no vale. Não duvido, irmão Morris, de que ainda teremos de o eleger grão-mestre, pois não há dúvida de que salvou a loja.

E todavia, pela sua atitude, era evidente que estava mais apreensivo com essa nova ameaça do que as suas palavras poderiam demonstrar. Talvez a causa disso fosse a consciência culpada; também podia ser o renome da organização. Pinkerton ou o fato de saber que empresas poderosas e ricas tinham assumido o encargo de dar fim aos Vingadores; porém, qualquer que fosse a razão, sua maneira de proceder era a de quem está preparado para o pior. Antes de deixar a casa, fez desaparecer todos os papéis que pudessem incriminá-lo. Depois soltou um longo suspiro de satisfação, pois lhe parecia que com isso estaria a salvo. E contudo a sensação do perigo ainda o acossava de qualquer modo, pois a caminho da loja parou na pensão do velho Shafter. O acesso à casa lhe era proibido; no entanto, ao bater à janela Ettie saiu para lhe falar. A

desenvolta jocosidade irlandesa desaparecera dos olhos do seu namorado. Ela viu a gravidade da situação em seu rosto ansioso.

— Aconteceu alguma coisa! — gritou. — Oh! Jack, você está em perigo!

— Ora, não se preocupe, querida; não é nada de grave. Entretanto, talvez seja conveniente agirmos antes que a coisa piore.

— Antes que piore?

— Prometi-lhe, em certa ocasião, que um dia iria embora daqui. Creio que chegou o momento. Recebi notícias esta noite... más notícias, e antevejo a iminência de grandes desgraças.

— A polícia?

— Sim... um agente da Pinkerton. Mas você não pode imaginar o que é isso, meu amor, nem o que pode significar para gente da minha espécie. Estou comprometido demais em tudo isto, e é provável que tenha de me safar o mais depressa possível desta situação. Você prometeu me acompanhar se eu partisse.

— Oh! Jack, isso seria a sua salvação.

— Em certos pontos sou honesto, Ettie. Não tocaria num fio de cabelo da sua deliciosa cabecinha por tudo o que o mundo pudesse me dar, nem haveria de fazê-la descer um centímetro do pedestal de ouro acima das nuvens, onde a vejo eternamente. Confia em mim?

Sem dizer palavra, a jovem colocou sua mão na dele.

— Então ouça o que vou lhe dizer e faça como eu lhe ordenar, pois é este o único meio de nos salvarmos. Fatos sensacionais estão para acontecer neste vale; pressinto-os intimamente. Muitos de nós, possivelmente, teremos de ficar alerta. Eu sou um deles, de qualquer forma. Se eu partir, seja de dia ou de noite, você deve ir comigo!

— Irei atrás de você, Jack.

— Não, não; precisa ir comigo. Se este vale se fechar para mim e eu não puder mais voltar aqui, como poderei abandoná-la vivendo provavelmente escondido da polícia, sem jamais ter oportunidade de lhe enviar um recado? É comigo que deve ir. Conheço uma boa mulher no lugar de onde vim, e a ela a confiarei até que possamos nos casar. Aceita?

— Sim, Jack, aceito.

— Deus a abençoe pela confiança que deposita em mim! Seria o último dos patifes se abusasse dela. E agora note bem, Ettie. Vou lhe enviar uma simples palavra, mas quando você a receber, abandone tudo e dirija-se imediatamente à sala de espera da estação e permaneça lá até eu aparecer.

— De dia ou de noite, irei ao menor aviso seu, Jack.

Mais tranqüilo, depois de ter iniciado os próprios preparativos de fuga, McMurdo encaminhou-se para a loja. Esta já se encontrava reunida, e só lhe foi possível passar pelas guardas externas e internas que a protegiam por meio de senhas e contra-senhas complicadas. Seu ingresso foi saudado por um sussurro cordial de boas-vindas. O extenso compartimento estava repleto, e, através da névoa de fumaça, ele viu a emaranhada cabeleira negra do grão-mestre, os traços desumanos de Baldwin, as feições de abutre de Harraway, o secretário, e mais uma dúzia de outros membros preeminentes da loja. Alegrou-se por vê-los todos presentes, pois assim poderiam discutir a notícia que ele lhes ia dar.

— Sentimo-nos verdadeiramente satisfeitos em vê-lo, irmão! — exclamou o presidente.  
— Há um caso aqui para o qual precisamos recorrer à justiça de Salomão.

— Trata-se de Lander e Egan — explicou-lhe o vizinho, enquanto ele se sentava. — Ambos reclamam a recompensa estipulada pela loja no assassinato do velho Crabbe, de Stylestown, e quem poderá dizer qual dos dois disparou o tiro mortal?

McMurdo ergueu-se e levantou a mão. A expressão de seu rosto atraiu a atenção do auditório. Um murmúrio de intensa expectativa percorreu a sala.

— Venerável chefe — disse com voz solene —, reclamo urgência.

— O irmão McMurdo reclama urgência — disse McGinty. — É um pedido que, segundo as regras desta loja, tem precedência sobre os outros. Assim, irmão, pode falar.

McMurdo tirou a carta do bolso.

— Venerável chefe e caros irmãos — principiou —, hoje sou portador de más notícias; não obstante, é melhor que sejam conhecidas e discutidas, antes de se abater imprevistamente sobre as nossas cabeças o golpe que nos levará a todos à destruição. Estou informado de que as mais ricas e poderosas organizações deste Estado se reuniram para nos liquidar e de que, neste preciso momento, se encontra trabalhando neste vale um agente da Pinkerton, certo Birdy Edwards, a fim de coligir provas capazes de colocar uma corda em torno do pescoço de muitos de nós e enviar para a cadeia todos quantos se encontram nesta sala. Essa é a situação para cujo debate pedi urgência.

Fez-se um profundo silêncio na sala, que foi quebrado pela voz do presidente.

— Que provas tem disso, irmão McMurdo? — indagou McGinty.

— Tenho-as aqui nesta carta que me veio ter às mãos — respondeu McMurdo, que leu então o trecho em voz alta. — É para mim questão de honra não poder fornecer-lhes outros pormenores a respeito desta carta, nem confiá-la às suas mãos; todavia, asseguro-lhes que nada existe nela que possa ferir os interesses da loja. Apresento-lhes o caso como me foi referido.

— Permita-me dizer-lhe, senhor presidente — disse um dos confrades mais velhos —, que já ouvi falar de Birdy Edwards e que ele tem fama de ser o melhor homem a serviço da Pinkerton.

— Algum de vocês o conhece de vista? — perguntou McGinty?

— Sim — retrucou McMurdo —, eu o conheço.

Um murmúrio de estupefação ecoou pela sala.

— Creio que o temos em nosso poder — prosseguiu, com um sorriso de júbilo estampado no rosto. — Se agirmos com presteza e discrição, conseguiremos cortar o mal pela raiz. Pouco teremos a temer, se eu puder contar com a sua confiança e ajuda.

— De qualquer forma, que temos nós a recear? Ele pode saber dos nossos assuntos?

— Teria motivo para dizer tal coisa, conselheiro, se todos fossem resolutos como o senhor. Entretanto, esse indivíduo tem a apoiá-lo todos os milhões dos capitalistas. Acredita que não pudesse haver, entre todas as lojas, algum irmão de espírito mais fraco que se deixasse comprar? Ele virá a saber dos nossos segredos... se é que já não os sabe. Existe apenas um remédio eficaz.

— Que ele jamais consiga sair deste vale... — sentenciou Baldwin.

McMurdo fez um aceno de cabeça.

— Tem razão, irmão Baldwin — disse. — Temos tido as nossas divergências; hoje, porém, somos ambos da mesma opinião.

— Onde ele está, então? Como faremos para reconhecê-lo?

— Venerável chefe — disse McMurdo em tom solene —, permita-me que lhe diga que este assunto é de excessiva importância para ser discutido em assembléia. Longe de mim a idéia de lançar a menor sombra de dúvida sobre alguns dos presentes, mas, se uma simples palavra fortuita chegasse aos ouvidos desse homem, poderíamos perder toda a esperança de apanhá-lo. Eu pediria à loja que escolhesse uma comissão de membros da sua confiança, senhor presidente, composto pela sua pessoa, se me permite a sugestão, do irmão Baldwin e de cinco outros. Aí, então, poderei falar com liberdade sobre o que, sei e o que aconselharia que se fizesse.

A proposta foi imediatamente aprovada e a comissão, escolhida. Além do presidente e de Baldwin, dela faziam parte Harraway, o secretário de cara de abutre, Tigre Cormac, o jovem e brutal assassino, Cárter, o tesoureiro, e os irmãos Wiliaby, dois indivíduos arrojados e temíveis, que não recuavam diante de nada.

A habitual patuscada da loja foi breve e reservada, pois uma nuvem escura toldava o estado de ânimo dos homens e muitos dentre eles, pela primeira vez, começavam a vislumbrar a sombra vingadora da justiça toldando o céu sereno sob o qual há tanto tempo viviam. Os horrores que tinham infligido a outros faziam de tal modo parte da sua cômoda existência que a idéia de um possível castigo se lhes tornara remota, e tanto

mais lhes parecia absurda agora quanto o perigo lhes surgia tão próximo. Dispersaram-se cedo, deixando os chefes na sua reunião.

— Pode falar, McMurdo — disse McGinty, logo que ficaram a sós.

Os sete homens permaneciam imóveis nos seus lugares.

— Eu disse há pouco que conhecia Birdy Edwards — explicou McMurdo. — Inútil será dizer-lhes que não se encontra aqui sob esse nome. É um homem corajoso, estou certo, mas não imbecil. Faz-se passar por Steve Wilson e está hospedado em Hobson's Patch.

— Como sabe disso?

— Porque tive oportunidade de conversar com ele. Na ocasião, dei pouca importância ao fato, e nem teria mais pensado em tal coisa se não fosse esta carta; agora, porém, estou certo de que é ele. Encontrei-o no trem, quarta-feira, quando fui a Hobson's Patch... circunstância que me pôs em dificuldades. Ele disse ser jornalista, o que na ocasião acreditei. Queria saber tudo quanto se referisse aos Vingadores, e ao que ele chamava as suas violências, a fim de escrever um artigo para o New York Press. Crivou-me com inúmeras perguntas, mas, como facilmente compreenderão, respondi a todas com a máxima cautela. "Pagarei, e pagarei bem", disse-me, "se puder obter algo que satisfaça ao meu diretor." Conte-lhe o que me pareceu ser-lhe agradável, e, em troca das minhas informações, deu-me uma nota de vinte dólares. "Receberá dez vezes mais", observou, "se puder descobrir tudo quanto necessito."

— E que lhe contou, então?

— O que pude inventar na ocasião.

— Como soube que ele não era jornalista?

— Já lhes digo. Ele desceu em Hobson's Patch, como eu. Aconteceu, porém, que entrei no edifício do telégrafo precisamente quando ele de lá saía.

"— Veja só isto — comentou o telegrafista, depois de ele ter se afastado —, acho que deveríamos cobrar taxa dobrada para telegramas como este.

"— Penso que sim — disse eu.

"Ele tinha preenchido o impresso com uma algaravia que podia ser chinês, pelo que nos foi possível entender.

"— Despacha uma fórmula como essa todos os dias — continuou o empregado do telégrafo.

"— Sim — acrescentei; — são notícias especiais para o seu jornal, e ele tem medo de que os outros as interceptem.

"Era o que o telegrafista e eu mesmo imaginávamos, na ocasião; agora, no entanto, penso de outra forma."

— Com os diabos! Creio que você tem razão — exclamou McGinty. — Mas qual é a sua sugestão quanto ao que devemos fazer?

— Por que não vamos já a Hobson's Patch para apanhá-lo? — alvitrou alguém.

— Quanto mais depressa o matarmos, melhor.

— Partiria sem demora se soubesse onde encontrá-lo — disse McMurdo. — Sei que está em Hobson's Patch; ignoro, porém, a casa. Entretanto, concebi um plano, e se quiserem ouvi-lo...

— E qual é?

— Irei a Hobson's Patch amanhã cedo. Encontrá-lo-ei por intermédio do telegrafista, que, espero, deve saber localizá-lo. Depois, conto-lhe que sou um Homem Livre. Proponho-lhe vender todos os segredos da loja por bom preço. Estou certo de que ele cairá no laço. Digo que os documentos estão em minha casa e que a minha vida correrá perigo se ele me procurar durante o dia. Ele deve compreender que se trata de uma questão de bom senso. Se aparecer às dez da noite, mostro-lhe tudo. Isso fará com que ele venha, sem dúvida.

— E depois?

— Vocês mesmos podem planejar o resto. A casa da viúva MacNamara fica num-lugar retirado. Ela é fiel como um cão e surda como uma porta. Apenas Scanlan e eu moramos, na casa. Se eu conseguir obter dele a promessa de vir... e pretendo avisá-los logo que a obtenha... gostaria .que estivessem todos lá às nove horas. Nós o faremos entrar, e, se chegar a sair vivo... bom, poderá falar da sorte de Birdy Edwards pelo resto da existência.

— Vai haver uma vaga nas fileiras da Pinkerton, ou estou muito enganado — disse McGinty. — Está combinado, McMurdo. Amanhã, às nove da noite, estaremos todos em sua casa. Bastará fechar a porta atrás dele; o resto correrá por nossa conta.

## **Capítulo sétimo: Birdy Edwards na ratoeira**

Como dissera McMurdo, a casa em que morava era muito retirada e bastante conveniente para o crime que ele e seus companheiros haviam arquitetado. Situava-se no limite extremo da cidade e bastante longe da estrada. Em qualquer outro caso, os conspiradores teriam se limitado a atrair o homem para fora de casa, como em tantas outras vezes, e a descarregar-lhe os revólveres no corpo; naquelas condições, porém, era necessário saber até que ponto ele estava informado, como obtivera as informações e o que tinha transmitido aos seus chefes. Podia ser, também, que eles estivessem agindo tarde demais, que o trabalho estivesse feito; nesse caso, pelo menos, teriam oportunidade de se vingar do homem que o havia realizado. Não obstante, nutriam esperanças de que nada de grande importância tivesse chegado ao conhecimento do

policial, pois, de outro modo, argumentavam, ele não se teria dado ao trabalho de anotar e remeter as informações comuns que McMurdo afirmava ter-lhe fornecido. Desde que ele se encontrasse nas suas mãos, descobririam meio de fazê-lo falar. Não seria a primeira vez que se encontrariam diante de uma testemunha relutante.

McMurdo partiu para Hobson's Patch, como combinara. Naquela manhã, o policial parecia dedicar-lhe particular atenção, e o capitão Marvin — aquele que afirmava conhecê-lo de Ioga data, de Chicago — chegou mesmo a dirigir-lhe a palavra na estação. McMurdo voltou-lhe as costas e recusou-se a responder-lhe. Regressou de sua missão e procurou McGinty na sede do sindicato.

— Ele vem — disse.

— Ótimo! — exclamou McGinty.

O gigante estava em mangas de camisa; correntes e berloques cintilavam de lado a lado do seu amplo colete, e um brilhante luzia por entre a barba hirsuta. O álcool e o crime tinham feito dele um homem tão rico quanto poderoso. Tanto mais terrível, portanto, se lhe afigurava aquela visão súbita da prisão ou da forca, diante da qual se encontrara na noite anterior.

— Acha que ele sabe muita coisa? — perguntou ansiosamente.

McMurdo sacudiu a cabeça com ar desolado.

— Já está aqui há algum tempo... seis semanas no mínimo. Não acredito que tivesse vindo a estas bandas para admirar a paisagem. Se ele tem estado trabalhando entre nós todo esse tempo, amparado pelo dinheiro das ferrovias, é de se temer que tenha obtido bons resultados e que os tenha passado adiante.

— Não existe nenhum traidor na loja — protestou McGinty. — Todos os nossos homens são leais. Mas, por Deus! Esqueci-me do velhaco do Morris. Que pensa dele? Se alguém tivesse de nos trair, seria por certo ele. Estou disposto a mandar dois rapazes, antes do anoitecer, darem-lhe uma boa surra e verem se podem obter alguma coisa dele.

— Bem, não vejo nenhum inconveniente nisso — respondeu McMurdo. — Não nego que tenho certa simpatia por Morris, e não me agradaria saber que lhe tivesse acontecido algum mal. Discuti com ele uma ou duas vezes os assuntos da loja e, apesar de ele ter um modo de ver diferente do meu ou do seu, não creio que seja dos que dão com a língua nos dentes. Não obstante, não quero me interpor entre ele e o senhor.

— Deixe que eu dou um jeito naquele imbecil — disse McGinty com uma praga. — Há um ano que ando de olho nele.

— O senhor conhece melhor do que eu essas coisas — retrucou McMurdo. — Entretanto, qualquer, atitude que queira tomar deve ser adiada para amanhã, pois precisamos permanecer quietos até resolver o caso da Pinkerton. Não nos convém mexer com a polícia hoje.



— Tem razão — concordou McGinty. — E, depois, saberemos do próprio Birdy Edwards onde obteve as suas informações, nem que tenhamos de lhe arrancar primeiro o coração. Crê que ele tenha suspeitado de alguma cilada?

McMurdo soltou uma gargalhada.

— Julgo que lhe toquei no ponto fraco — disse. — Ele faria tudo para seguir uma boa pista dos Vingadores. Já tenho aqui o dinheiro... e terei outro tanto quando ele tiver visto todos os meus documentos.

— Que documentos?

— Não existe documento algum; mas enchi-lhe a cabeça com estatutos, livros de regulamentos e fórmulas de admissão. Espera estar ciente de tudo, antes de partir.

— Palavra? Nisso ele tem razão — observou McGinty, fazendo uma careta. — Ele não lhe perguntou por que não lhe levou os documentos?

— Como se eu pudesse andar com essas coisas, eu, um homem suspeito, justamente hoje que o capitão Marvin me dirigiu a palavra na estação!

— De fato, ouvi falar nisso — disse McGinty. — Temo que a culpa de todo este caso recaia sobre você. Podemos atirar o homem num poço abandonado depois de tê-lo matado, mas, seja como for, não evitaremos o fato de que ele morava em Hobson's Patch e você esteve lá hoje.

McMurdo encolheu os ombros.

— Se soubermos, fazer a coisa, jamais poderão provar quem o matou — respondeu. — Ninguém poderá vê-lo entrar na casa de noite, e juro-lhe que ninguém o verá sair. Agora, ouça-me, conselheiro; vou explicar o meu plano e peço-lhe que o transmita aos outros. Vocês virão todos a tempo. Muito bem. Ele virá às dez, dará três pancadas na porta, e eu a abrirei. Depois de tê-la fechado nas suas costas, ele estará inteiramente à nossa mercê.

— Tudo isso é muito fácil e claro.

— Sim, mas o que deveremos fazer depois deve ser estudado com a máxima atenção. Ele é decidido e anda armado até os dentes. Tratei de iludi-lo do melhor modo possível, mas é provável que esteja desconfiado. Suponhamos que o faça entrar numa sala onde se encontrem sete homens, quando ele espera encontrar apenas a mim. Poderia haver tiros e alguém ficar ferido.

— Isso é verdade.

— E o barulho poderia atrair sobre nós todos os policiais da cidade.

— Acho que tem razão.

— Eu agiria assim: vocês ficam todos na sala grande... a que você viu quando veio me visitar. Então eu lhe abro a porta, faço-o entrar na saleta junto à entrada e deixo-o ali com a desculpa de ir buscar os papéis. Isso me dá a oportunidade de colocá-los a par da situação. Depois, volto à saleta com alguns documentos forjados. Enquanto ele os lê, salto em cima dele e imobilizo-o. Vocês me ouvem gritar e me acodem logo. Quanto mais depressa, melhor, pois ele é tão forte como eu, e talvez mante-lo seguro seja empresa superior às minhas forças. Espero, porém, ser capaz de segurá-lo até vocês aparecerem.

— A idéia é boa — concordou McGinty —, e a loja lhe ficará grata por isso. Quando deixar o meu cargo, creio poder indicar o nome do meu substituto.

— Ora, conselheiro, sou pouco mais do que um recruta — respondeu McMurdo; todavia, a expressão do seu rosto revelava claramente que o elogio daquele grande homem o tinha lisonjeado.

De regresso a casa, iniciou os preparativos para a sinistra noite que o aguardava. Antes de mais nada, limpou, lubrificou e carregou o revólver Smith Sc Wesson que sempre o acompanhava. Depois inspecionou a sala em que o policial ia ser apanhado. Era um vasto salão, com uma longa mesa de pinho no centro e uma enorme lareira de um dos lados. Nas outras paredes havia janelas. Elas não possuíam guarnição alguma de madeira, mas simples cortinas de fazenda leve. McMurdo examinou-as cuidadosamente. Sem dúvida, devia ter notado que a sala era excessivamente exposta para assunto tão secreto, apesar de a distância da estrada tornar tal pormenor de importância secundária. Discutiu, por fim, o assunto com o companheiro de pensão. Apesar de ser um Vingador, Scanlan era pessoa inofensiva e demasiado fraca para se erguer contra a opinião dos seus camaradas; não obstante, horrorizava-se intimamente com as façanhas sangrentas a que, às vezes, era obrigado a assistir. McMurdo expôs-lhe em poucas palavras o que estava sendo preparado.

— Se eu fosse você, Mike Scanlan, passaria a noite fora e me manteria alheio a tudo isto. Correrá muito sangue aqui antes do amanhecer.

— Nesse caso, francamente, Mac — respondeu Scanlan —, não é vontade o que me falta, mas nervos. Quando vi o fim que deram ao administrador, lá na mina, senti mais do que podia suportar. Não fui feito para isso, não tenho a mesma têmpera que você ou McGinty. Se a loja não me julgar mal, seguirei o seu conselho e os deixarei a sós esta noite.

Os homens apareceram pontualmente à hora fixada. Exteriormente apresentavam o aspecto de cidadãos respeitáveis, bem-vestidos e asseados; no entanto, um perito em fisionomias teria lido muito pouca esperança de salvação para Birdy Edwards naquelas bocas cruéis e naqueles olhos inexoráveis. Não havia um único homem na sala cujas mãos não tivessem sido manchadas de sangue pelo menos uma dúzia de vezes. Estavam tão calejados em tirar a vida de seres humanos como um açougueiro em abater uma rês. Acima de todos, naturalmente, quer na aparência quer no crime, sobressaía o formidável chefe. Harraway, o secretário, era um homem magro, implacável, de pescoço comprido e escanifrado e membros nervosos e inquietos — pessoa de honestidade incorruptível a tudo quanto se referisse às finanças da ordem, mas cujo conceito de justiça ou de lealdade não passava daí. O tesoureiro. Cárter, era um indivíduo de meia-idade, ar

impassível, algo desconfiado, e pele amarela, pergaminhada. Organizador capaz, brotavam do seu cérebro fértil os pormenores de quase todos os delitos. Os dois Wiliabys eram homens de ação, dois jovens altos, bem-humorados, de rostos decididos, ao passo que o seu companheiro, Tigre Cormac, rapaz moreno, cheio de corpo, era temido até pelos próprios colegas pela ferocidade de ânimo. Eram esses os homens que se reuniam naquela noite, na casa de McMurdo, a fim de levar a cabo o assassinato do agente da Pinkerton.

O homem que os hospedava tinha colocado uma garrafa de uísque sobre a mesa, e todos se apressaram a servir-se, a fim de temperar os nervos para a tarefa que tinham diante de si. Baldwin e Cormac já estavam meio embriagados, e o álcool havia-lhes despertado toda a crueldade. Cormac pôs as mãos em cima da lareira por um instante — estava acesa, pois aquelas noites -de primavera ainda eram frias.

— Isto serve — disse, acompanhando as suas palavras com uma blasfêmia.

— Oh! sim — exclamou Baldwin, que apanhara no ar a intenção do outro. — Se o amarrarmos aí, arrancar-lhe-emos a verdade.

— Não se incomodem, pois de qualquer forma ele falará — observou McMurdo. Tinha nervos de aço aquele homem, pois, se bem que todo o peso e a responsabilidade da situação lhe caíssem sobre os ombros, apresentava-se frio e indiferente como sempre. Os outros notaram isso e aplaudiram.

— Você é, de fato, a pessoa talhada para lidar com ele — disse o chefe em tom de aprovação. — Ele não perceberá nada até que o agarre pelo pescoço. É pena que as suas janelas não tenham proteção de madeira.

McMurdo aproximou-se de cada uma delas e fechou melhor as cortinas.

— Sim, mas não há perigo de alguém nos observar. Estamos quase na hora.

— E se ele não vier? Se tiver suscitado de qualquer coisa? — lembrou o secretário.

— Pode ficar tranqüilo que virá — retrucou McMurdo. — Está tão impaciente por saber, como vocês estão por vê-lo. Mas, escutem!

Todos ficaram imobilizados nas suas cadeiras, como figuras de cera, alguns com os copos a meio caminho da boca. Três golpes vigorosos ressoaram na porta.

— Silêncio!

McMurdo levantou a mão como para impor cautela. Uma onda de indizível satisfação invadiu o semblante de todos os presentes, e suas mãos apalpavam as armas ocultas.

— Nem uma palavra, se têm amor à vida! — sussurrou McMurdo, ao. sair da sala, fechando a porta cuidadosamente atrás de si.

Os assassinos ficaram à espera, com os ouvidos atentos. Contaram os passos do companheiro ao longo do corredor; depois ouviram-no abrir a porta de entrada.

Escutaram algumas palavras, como uma breve troca de cumprimentos. Depois ouviram o rumor de um passo estranho e o som duma voz desconhecida. Momentos depois, o bater de uma porta e o ruído da chave girando na fechadura. A presa estava segura na armadilha. Tigre Cormac soltou uma gargalhada sinistra, e o chefe McGinty, com um tremendo bofetão, tapou-lhe a boca.

— Cale-se, idiota! — sibilou. — Quer nos arruinar?

Da sala contígua veio um murmúrio de vozes que conversavam. Parecia-lhes que esse colóquio não teria mais fim, no entanto, dali a pouco, a porta abriu-se e McMurdo apareceu com um dedo sobre os lábios, fazendo sinal para que se calassem.

Dirigiu-se à extremidade da mesa e fixou-os com o olhar um após outro. Sua aparência sofrera uma leve alteração. Tinha o aspecto de quem tem diante de si grave tarefa a cumprir. Seu rosto parecia da consistência do granito. Os olhos brilhavam-lhe numa excitação violenta, por trás dos óculos. Tornara-se um verdadeiro líder de homens.

Os companheiros fitaram-no ansiosamente, mas ele não proferiu palavra. Sempre com o mesmo olhar estranho, encarou-os um a um.

— Então — gritou por fim o chefe McGinty —, ele está aí? Onde está esse Birdy Edwards?

— Sim... — respondeu McMurdo vagarosamente. — Birdy Edwards está aqui. Birdy Edwards sou eu!

Passaram-se dez segundos depois destas breves palavras, durante os quais a sala parecia estar vazia, tão profundo se fez o silêncio. O chiar de uma chaleira sobre o fogão ergueu-se agudo, estridente, lacerando os ouvidos. Sete semblantes pálidos, todos voltados para o homem que os dominava, estavam imobilizados de profundo terror. Em seguida, com súbito ruído de vidros quebrados, numerosos canos de fuzis brilharam repentinamente através de cada janela, enquanto as cortinas eram arrancadas dos seus suportes. À vista disso, o chefe McGinty deixou escapar um rugido de urso ferido e lançou-se em direção da porta entreaberta; teve, porém, de parar diante de um revólver apontado para a sua cabeça, atrás do qual brilhavam os inflexíveis olhos azuis do capitão Marvin, da Polícia do Carvão e do Ferro. O chefe recuou e deixou-se cair pesadamente numa cadeira.

— É melhor ficar onde está, conselheiro — disse o homem que eles tinham conhecido como McMurdo. — E você, Baldwin, se não tirar a mão da coronha dessa pistola, ainda irá enganar o carrasco. Ponha-a em cima da mesa, ou pela vida que Deus me deu... Isso! Assim está bem. Há quarenta homens armados cercando a casa, e vocês mesmos podem calcular a sorte que os espera. Tire-lhes as armas, Marvin!

Não era possível opor resistência sob a ameaça de todos aqueles fuzis. Foram desarmados. Carrancudos, assustados e completamente aturdidos, permaneciam ainda sentados em torno da mesa.

— Gostaria de lhes dizer uma palavra antes de nos separarmos — disse aquele que os tinha tão astuciosamente logrado. — Creio que iremos nos rever somente quando eu

aparecer no tribunal, no banco das testemunhas de acusação. Vou lhes dizer alguma coisa sobre a qual possam refletir durante esse tempo. Eu sou Birdy Edwards, da organização Pinkerton. Fui escolhido para dissolver o bando de vocês. Minha cartada era difícil e perigosa. Ninguém, nenhum ser vivo, nem mesmo as pessoas que me eram mais caras tinham conhecimento da minha missão, exceto o capitão Marvin e os meus superiores. Mas, enfim, tudo acabou esta noite, graças a Deus, e eu saí vencedor!

Os sete rostos pálidos e rígidos o fitaram. Transparecia-lhe no olhar o ódio implacável, e ele percebeu a ameaça inexorável.

— Vocês talvez julguem que a partida ainda não esteja terminada. Pois bem! Aceito o risco. De qualquer forma, alguns de vocês já não tomarão parte nela, e há mais sessenta, além dos presentes, que irão para a cadeia esta noite. Posso afirmar-lhes uma coisa: quando assumi este encargo, jamais poderia crer na existência de uma sociedade como a de vocês. Pensei tratar-se apenas de notícias de jornal e estava certo de que comprovaria a minha opinião. Disseram-me que tinha relação com os Homens Livres, por isso parti para Chicago e me tornei membro daquela loja. Nessa ocasião, fiquei plenamente convencido de que eram histórias de jornal, pois não encontrei mal algum na sociedade; pelo contrário, somente grandes benefícios. Precisava, contudo, levar avante a minha tarefa, e desse modo transferi-me para este vale carbonífero. Ao chegar aqui, verifiquei que estava errado e que a coisa, no fim de contas, não era nenhuma novela de folhetim. Por isso fiquei, a fim de investigar os fatos. Nunca matei ninguém em Chicago. Jamais fabriquei um dólar falso na minha vida. Os que eu lhes dei eram bons como quaisquer outros; entretanto, não podiam ser mais bem empregados. Sabia como me comportar para captar-lhes a simpatia, e assim, fiz com que acreditassem que a polícia estava no meu encalço. Tudo saiu como eu previ.

"Filiei-me à sua loja infernal e tomei parte nos seus conciliábulos. É possível que digam que eu era tão ruim como vocês. Podem dizer o que quiserem, o importante é tê-los apanhado. Mas preciso contar a verdade. Na noite em que fui admitido na loja, vocês espancaram o velho Stanger. Não tive tempo de avisá-lo, no entanto, no momento em que você estava para matá-lo, Baldwin, eu o impedi. Se alguma vez sugeri expedições punitivas, para poder conservar o meu lugar no meio de vocês, sempre o fiz com a certeza de que conseguiria evitá-las. Não me foi possível salvar Dunn e Menzies, porque não sabia o bastante, mas farei tudo para que os seus assassinos sejam enforcados. Avisei Chester Wilcox, de modo que, quando fiz sua casa voar pelos ares, ele e a família estavam a salvo. Muitos crimes houve que não pude impedir; todavia, se vocês procurarem lembrar-se das vezes sem conta em que a vítima voltava para casa por outro caminho ou se encontrava na cidade, quando vocês iam procurá-la, ou, ainda, permanecia dentro de casa, quando vocês supunham que ela fosse sair, farão idéia do meu trabalho.

— Miserável traidor! — sibilou McGinty com os dentes cerrados.

— Sim, Jack McGinty, pode chamar-me do que quiser, se isso lhe abrande a cólera. Você e os da sua laia têm sido inimigos de Deus e dos homens nestas paragens. Era preciso alguém que se interpusesse entre você e os infelizes que mantinha sob o seu domínio. Não havia senão um modo de o fazer, e eu o fiz. Você me chama de traidor, mas estou certo de que muitos milhares de pessoas me chamarão de salvador, que desceu ao inferno para libertá-los. Passei aqui três meses e não passaria outro tanto, nem

que pusessem à minha disposição todo o tesouro de Washington. Tive de ficar até ter tudo na mão, tanto os homens como os seus meios clandestinos, e teria esperado mais tempo se não viesse a saber que o meu segredo estava prestes a ser divulgado. Chegara à cidade uma carta que lhes abriria os olhos quanto à minha identidade. Precisei, então, agir, e agi prontamente. Nada mais lhes tenho para dizer, a não ser que, quando chegar a minha hora, morrerei mais tranquilo ao pensar no trabalho que realizei neste vale. E agora, Marvin, não o deterei por mais tempo. Recolha-os à prisão e terminemos com isto.

Pouco falta acrescentar a essa narrativa. Tinha sido dado a Scanlan um envelope fechado, para ser entregue no endereço de Ettie Shafter — missão que ele aceitou com uma piscadela de olho e um sorriso compreensivo. Nas primeiras horas da madrugada, uma linda mulher e um homem todo encapotado embarcaram num trem especial, posto à sua disposição pela companhia ferroviária, e fizeram uma rápida viagem, sem paradas, para longe da zona perigosa. Foi a última vez que Ettie e o seu namorado pisaram o Vale do Terror. Dez dias depois, casaram-se em Chicago, tendo como testemunha do enlace o velho Jacob Shafter.

O processo dos Vingadores realizou-se longe do lugar onde talvez seus adeptos tivessem podido intimidar os magistrados. Em vão eles lutaram. De nada lhes valeu o dinheiro da loja — dinheiro extorquido à custa de chantagem através de toda a região — , gasto como água na tentativa infrutífera de salvá-los. O testemunho frio, claro e desapaixonado daquele que conhecia todos os pormenores de suas vidas, da sua organização e dos seus crimes, não se abalou diante de todas as astúcias dos seus defensores. Finalmente, ao fim de tantos anos, eles estavam batidos e dispersos. A nuvem de terror desapareceu para sempre do vale. McGinty terminou os seus dias na forca, humilhando-se e implorando piedade ao ver chegada a hora. Oito dos seus principais sequazes compartilharam a mesma sorte. Outros cinquenta foram condenados a várias penas de prisão. A obra de Birdy Edwards estava completa.

E, todavia, como ele havia previsto, o jogo ainda não estava completamente terminado. Ainda caberia a ele enfrentar uma cartada, e outra, e mais outra. Ted Baldwin, por exemplo, escapara do patíbulo, bem como Wiliaby e vários dentre os mais ferozes componentes do bando. Por dez anos permaneceram afastados do mundo, mas, quando lhes raiou o dia da liberdade, esse dia fez saber a Birdy Edwards, que conhecia muito bem os seus inimigos, o fim dos seus dias de sossego. Eles haviam jurado, sobre tudo quanto supunham ser sagrado, que vingariam, no sangue dele, a morte dos camaradas, e não pouparam esforços para manter a promessa. Edwards foi constrangido a abandonar Chicago, depois de dois atentados contra a sua vida, tão próximos do êxito que lhe deram a certeza de que no terceiro não escaparia. Partiu de Chicago, com nome falso, para a Califórnia, e foi lá que a luz da vida se extinguiu para ele durante certo tempo, com a morte de Ettie Edwards. Mais uma vez esteve a ponto de ser morto, e novamente, sob o nome de Douglas, trabalhou num canyon retirado, onde, de sociedade com um inglês de nome Barker, conseguiu fazer fortuna. Por fim, chegou-lhe o aviso de que os sabujos estavam de novo na sua pista, e ele fugiu, à última hora, para a Inglaterra. E para aqui se mudou John Douglas, que, pela segunda vez, se uniu pelo matrimônio a uma digna companheira e viveu cinco anos em Sussex, como rico proprietário — vida que terminou com os estranhos acontecimentos de que já tivemos notícia.

## Epílogo

O processo do tribunal da polícia estava concluído, e o caso de John Douglas foi deferido a uma instância superior e daí a julgamento, sendo ele absolvido por ter agido em legítima defesa. "Faça-o sair a todo o custo da Inglaterra", escreveu Holmes à mulher dele. "Existem aqui forças talvez mais perigosas do que aquelas a que ele escapou, Não há segurança para o seu marido na Inglaterra."

Dois meses tinham decorrido, e o episódio John Douglas já nos saíra até certo ponto da idéia, quando certa manhã encontramos na nossa caixa do correio uma mensagem enigmática. "Deus meu! Sr. Holmes! Deus meu!", dizia o singular bilhete. Não havia nem envelope, nem assinatura. Sorri diante da estranha mensagem; Holmes, porém, mostrou uma seriedade fora do comum.

— É diabólico, Watson! — observou, e permaneceu sentado durante muito tempo com o sobrecenho carregado.

Já tarde da noite, a sra. Hudson, nossa hospedeira, veio avisar que um cavalheiro desejava falar com Holmes e que se tratava de assunto de grande importância. Logo em seguida surgiu a figura do sr. Cecil Barker, nosso amigo da mansão fortificada. Tinha o rosto pálido e aflito.

— Recebi más notícias... notícias horríveis, sr. Holmes — disse.

— Era o que eu temia — murmurou o meu amigo.

— Recebeu, por acaso, um cabograma?

— Acaba de me chegar às mãos um bilhete de alguém que recebeu.

— Trata-se do pobre Douglas. Soube que o seu verdadeiro nome é Edwards, mas, para mim, ele será sempre Jack Douglas, de Benito Canyon. Eu lhe disse que tinham partido juntos para a África do Sul, no Palmyra, há três semanas.

— Exatamente.

— O navio chegou à Cidade do Cabo ontem à noite. Recebi este telegrama da sra. Douglas, hoje de manhã:

"Jack caiu no mar durante uma tempestade ao largo de Santa Helena. Ninguém sabe como se verificou o acidente.



Ivy Douglas".

— Ah! Foi assim, então? — perguntou Holmes, pensativo. — Bem, sem dúvida o plano foi arquitetado com muita habilidade.

— Quer dizer que não se trata de acidente?

— De modo algum.

— Foi assassinado?

— É claro.

— Exatamente o que pensei também. Esses Vingadores infernais, esse maldito bando de sanguinários...

— Não, não, meu bom amigo — interrompeu Holmes. — Nisso há mão de mestre consumado. Não é caso de carabinas de cano serrado e revólveres que fazem barulho. Distingue-se um artista pela pincelada. Sou capaz de reconhecer um Moriarty à primeira vista. Este crime foi planejado em Londres, não na América.

— Mas por que pensa assim?

— Porque foi executado por um homem que não pode se dar ao luxo de falhar... pois esse homem deve sua posição, absolutamente única, ao fato de que tudo o que empreende deve obter êxito. Um grande cérebro e uma organização vastíssima empenharam-se na destruição de um único indivíduo. É o mesmo que partir uma noz com um martelo... dispêndio absurdo de energia; entretanto, a pobre noz acaba sendo eficazmente partida.

— Como pôde esse homem ter parte nisso?

— Posso dizer apenas que a primeira palavra a respeito do assunto partiu de um dos seus subordinados. Esses americanos foram muito astutos. Como deviam desobrigar-se de sua vingança na Inglaterra, associaram-se, como poderia fazer qualquer criminoso estrangeiro, a esse grande consultor do crime. Desse momento em diante, o homem estava irremediavelmente condenado. No princípio, ele se limitou a pôr em ação a sua máquina, a fim de localizar a vítima. Depois, deve ter indicado aos outros o modo de conduzir a empresa. Enfim, quando leu nos jornais a notícia do malogro do facínora, assumiu pessoalmente a direção do homicídio com golpe de mestre. O senhor me ouviu advertir o seu amigo da Mansão de Birlstone de que o próximo perigo seria maior do que o precedente. Eu não tinha razão?

Barker, num ímpeto de cólera impotente, bateu na testa com os punhos fechados.

— E o senhor diz que devemos permanecer imóveis perante isso? Será possível que não se consiga ajustar contas com esse gênio do mal?



— Não, não digo isso — respondeu Holmes, e seus olhos pareciam fitar um futuro longínquo. — Não digo que não possa ser batido. Mas é preciso que me dêem tempo... muito tempo!...

Permanecemos sentados, em silêncio, por alguns minutos, enquanto aqueles olhos proféticos procuravam a todo o custo romper o véu.

**Retirado de:** <<http://mundosherlock.googlepages.com>>. Acesso em: 28 de março de 2010.